



**Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia**

Dissertação de Mestrado

**UnB sustentável: uma composição de entidades que atuam em prol da
sustentabilidade dos *campi***

Conrado Henrique Volnei Costa Moreira.

Brasília

2012

Costa, Conrado Henrique Volnei

UnB sustentável: uma composição de entidades que atuam em prol da sustentabilidade dos *campi*. Conrado Henrique Volnei Costa

Brasília, 2012.

103 p.

Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia. Programa de pós-graduação em Sociologia. Universidade de Brasília, Brasília.

1. *Actor Network-Theory*. 2. Sustentabilidade. 3. Universidade. 4. Ambientalismo.

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias dessa dissertação e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

Assinatura

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

UnB sustentável: uma composição de entidades que atuam em prol da sustentabilidade dos *campi*.

Conrado Henrique Volnei Costa Moreira, 10/0022499.

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de pós-graduação de sociologia, do departamento de sociologia na Universidade de Brasília como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em sociologia.

Aprovada por:

Marcelo Carvalho Rosa, Doutor (Departamento de Sociologia – SOL/UnB)
(Orientador).

Sayonara de Amorim Gonçalves Leal Vargas, Doutora (Departamento de Sociologia – SOL/UnB).

Guilherme José da Silva e Sá, Doutor (Departamento de Antropologia – DAN/UnB)

Brasília, DF.
Setembro de 2012.

AGRADECIMENTOS

Quando pequeno, vivia lá no sudeste do estado do Tocantins cinco meses por ano. Todos os dias de minhas férias, lá estava eu na casa de meus saudosos avós; até meus 18 anos nem sabia que chovia aqui em Brasília nas férias de verão. Muito desse tempo eu passava no meio do mato, caçando, 'construindo minhas armas': arco e flecha, faca, espada, escudo. Nesse tempo já sabia da diferença do cheiro que fica no ar, depois da chuva que cai em cima da terra. Nesse tempo meu maior tesouro era um monte de 'paia' de arroz da usina que meu avô tinha no quintal. O pessoal da cidade inteira levava sacos e sacos de arroz para o meu avô processar na tal máquina. O monte de paia que ficava servia de palco para muitas de nossas aventuras, minhas e de meus queridos primos. Dentre os maiores tesouros de meu avô, uma e outra 'mimosa', suas galinhas, sua horta e seu facão. Dentre os maiores tesouros de minha avó, uma 'mimosa', suas galinhas, sua horta e seu pano de prato pendurado no ombro. E de ambos, a família. Agradeço muito à minha família pelas melhores lembranças!

Na época do colégio, no ensino fundamental, eu tinha aula de Práticas Agrícolas e Extrativistas e Práticas integradas do Lar. Estudava em Escola Pública. Quando eu estava no segundo grau, não estudava, só queria saber de futebol, namoro e amizade. Tipo 'paz, justiça, liberdade e muita fé', ao som de funk e reggae. Andava com a galera 'roots' da Asa Norte. Entre uns e outros assuntos, o cuidado com a natureza. O apreço pelo verde, sempre associado a uma melhor qualidade de vida. A 'galera' ia muito para o Poço Azul e para a chapada dos Veadeiros, ali no norte do Goiás. Eu não! Eu ainda ia muito pro Tocantins, natureza de verdade, pra mim, era aquela. Não era preparada aos turistas, não tinha escada, nem corda de proteção, nem portaria, nem ingresso, nem nada, mas tinha tudo! Agradeço muito aos educadores do meu caminho, pelo esforço na minha socialização, pelos cuidados e pelos 'puxões de orelha'.

Agradeço muito aos amigos de toda a vida, para toda a vida!

Com muito axé e muito verde!

Se existe um jeito ótimo de aproveitar a universidade, eu acho que posso dizer que conheço muito bem. Durante minha graduação tive o privilégio e o prazer de frequentar com assiduidade a biblioteca central e descobrir muito mais coisa pra fazer lá do que apenas estudar e que lá dentro também é colorido; o centro olímpico, onde a bermuda é o traje oficial, onde era a sede do meu grupo de pesquisa do qual fiz parte por cinco semestres; o lago

Paranoá, nas aulas de caiaque; o centro acadêmico, de muito ‘papo-furado’ e senso comum sociologizado, porém de um lugar de muito aprendizado em sociologia e discussões com meus pares. Trabalhei como estagiário, em três oportunidades, fiz pesquisa, viajei para congresso, até ajudei a organizar um, joguei bola no time da universidade, fiz amigos, me formei em tempo. Agradeço muito a todos da Universidade de Brasília, é um grande privilégio estar em um ambiente como este. Desde a solicitude dos funcionários até a presteza dos professores!

Para entrar no mestrado resolvi largar meu estágio na FUBRA – Fundação Universidade de Brasília (bem à época do caso Timothy Mulholland), e me dedicar exclusivamente para a prova de seleção. Era a prioridade que traçava para mim, naquele momento. Na minha família não tinha nenhum doutor, ainda! É um caminho! Optar entre estudar mais dois anos ou trabalhar em um bom emprego de uma vez por todas. Agradeço muito ao professor Marcelo Rosa e aos outros professores do mestrado, porque foi também a partir das recomendações de leitura, das ementas e de suas aulas expositivas que pude criar algumas afinidades, que por sua vez puderam me ajudar a fazer muitas escolhas!

Sociologia não costuma ser o sonho da maioria das crianças. Na verdade nem sabia do que se tratava até os meus 16 ou 17 anos, à época em que começava a estudar para o vestibular da UnB. Por causa de minha irmã mais velha que tinha acabado de concorrer a uma vaga para o curso de comunicação social no vestibular do ano de 2004. Confesso que não saberia dizer se ainda acontece da mesma maneira, mas naquele ano minha irmã voltou para casa logo após a inscrição para o vestibular com um guia do estudante. Era uma espécie de revista sobre o vestibular, apresentava os departamentos, as áreas do conhecimento e contava um pouco sobre as disciplinas estudadas e possíveis áreas de atuação dos profissionais formados. No ano seguinte era chegada a hora de escolher qual curso faria durante a faculdade. Pelo menos teria que marcar uma opção no momento da inscrição na terceira etapa do PAS (Programa de Avaliação Seriada). Aproveitei a oportunidade para ler o tal guia de minha irmã e, assim, perceber que estivera muito mais próximo das ditas ciências humanas do que das ciências naturais, ou dos cursos de saúde. No colégio sempre estive mais para geografia e história do que para matemática e física.

“It is all about what kind of social science we want to practise. And then, and as a part of this, it is about the kinds of people that we want to be, and about how we should live.”
(Addelson, 1994).

RESUMO

Este trabalho é uma narrativa associada à questão ambiental da UnB. Trata-se de uma composição. Descreve algumas associações que identificamos na relação entre universidade e sustentabilidade. Em 2007 foi criado o Núcleo da Agenda Ambiental da UnB – NAA, retomando a proposta iniciada pela Agenda 21 da UnB em 1998. Em 2008 a NAA selecionou os primeiros sete projetos por meio do Edital 'Mostre seu amor pela UnB'. Entre 2010 e 2011 este trabalho seguiu os rastros deixados pelas ações de um espaço-grupo, em fase de construção, associado à gestão coletiva da questão ambiental na Universidade de Brasília, uma entre outras facetas da "UnB Sustentável". Estudantes, professores e funcionários, departamentos, centros acadêmicos, secretarias, teorias, bolsas de pesquisa, listas de *e-mails*, seminários, sustentabilidade, gestão coletiva, *blogs*, *posts*, comunidade do *Facebook*, salas de aulas, jardins, documentos internacionais, acordos políticos, princípios e diretrizes, entre outros, são os que participam do que trataremos como a relação Universidade de Brasília e sustentabilidade. Procuramos identificar as agências envolvidas e a forma de associação entre elas e percebemos o de agências heterogêneas. A construção do espaço-grupo Sustentação, o lançamento do Edital, uma dissertação de mestrado, o documento e as repercussões da AGENDA 21 global, entre outros, são os pontos de passagem para a tentativa de construção dessa gestão coletiva da questão ambiental da UnB e, assim, objetos desse trabalho. Utilizamos a *Actor-Network Theory*, desde os procedimentos de observação, até a interpretação sociológica que amarra essas observações como um todo passível de compreensão. O resultado deste trabalho é uma composição das agências que participam do ator-rede que se tece e dos processos a ele associados.

Palavras-chave: *Actor-Network Theory*. Etnografia. Projetos socioambientais. Sustentabilidade.

ABSTRACT

This work is a narrative associated with the environmental issue of UNB. This is a composition. Describes some associations have identified the relationship between university and sustainability. In 2007 he created the Center of Environmental Agenda of UNB - NAA, resuming the proposal initiated by Agenda 21 of UNB in 1998. In 2008 the NAA the first seven projects selected through the Bid 'Mostre Seu Amor pela UnB'. Between 2010 and 2011 this work followed the tracks left by the actions of a space-group, under construction, coupled with the collective management of environmental issues at the University of Brasilia, one among other facets of "Sustainable UNB." Students, faculty and staff, departments, academic centers, theories, research grants, lists of emails, seminars, sustainability, collective management, blogs, posts, Facebook community, classrooms, gardens, international documents, agreements political principles and guidelines, among others, are participating in what we consider for the relationship between the University of Brasília and sustainability. We seek to identify the agencies involved and the form of association between them and the agencies perceive heterogeneous. The construction of space-group support, the launch of the Bid, a dissertation, the document and the repercussions of the global Agenda 21, among others, are the points of passage to attempt to build this collective management of environmental issues and the UNB thus, objects that work. We use the Actor-Network Theory, since the observation procedures, to sociological interpretation that ties these observations as a whole capable of understanding. The result of this work is a composition of the agencies participating in the actor-network that weaves and processes associated with it.

PALAVRAS-CHAVE: Actor-Network Theory. Ethnography. Environmental projects. Sustainability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1.....	22
Ilustração 2.....	31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.....	36
Quadro 2.....	50
Quadro 3.....	61
Quadro 4.....	62
Quadro 5.....	64
Quadro 6.....	69
Quadro 7.....	72

LISTA DE SIGLAS

ANT - *Actor-Network Theory*

C.A. – Centro Acadêmico

CNUMAD – Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento

CDS – Centro de Desenvolvimento Sustentável

CONAMAA - Conselho Nacional do Meio Ambiente

CPDS - Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 21

DAC – Decanato de Assuntos Comunitários

DEX – Decanato de Extensão

DPP – Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação

FAC – Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília

FT – Faculdade de Tecnologia

FUBRA – Fundação Universidade de Brasília

GTRS – Grupo de Trabalho para Gestão Solidária de Resíduos Sólidos

ICC – Instituto Central de Ciências

NAA – Núcleo da Agenda Ambiental

PACS – Ponto de Ação Cultural Sustentável

PAS – Programa de Avaliação Seriada

PPA - Plano Plurianual do Governo

R.U. – Restaurante Universitário

SISNAMA - Sistema Nacional do Meio Ambiente

SWU – Starts With You

TAR - Teoria do Ator-Rede

TUPÃ – Turma Unida Pró-Agroecologia

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	Composição.....	19
1.2	Etnografia.....	20
1.3	Proposta da Dissertação.....	22
2	SOCIOLOGIA DAS PRÁTICAS E ASSOCIAÇÕES.....	23
3	A construção da Sustentabilidade.....	34
3.1	Ambientalismo.....	40
3.2	Agenda 21.....	44
4	UNB SUSTENTÁVEL.....	54
4.1	Núcleo da Agenda Ambiental.....	54
4.2	Edital “Mostre seu amor pela UnB”	59
4.3	Dissertação, pesquisa-ação de mestrado, Diálogo em redes solidárias: tecendo conexões socioambientais na UnB.....	67
5	SEGUINDO ESTUDANTES, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS SUSTENTÁVEIS.....	72
5.1	Espaço-grupo Sustentação.....	72
5.2	Facebook, lista de e-mails e Orkut.....	79
5.3	Meio Ambiente.....	84
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89

1 INTRODUÇÃO

A dissertação apresenta episódios específicos associados à gestão coletiva socioambiental da UnB. Chegamos a tal questão quando conhecemos professores, estudantes, funcionários e comunidade empenhados na construção de uma organização formal, de um espaço-grupo em prol da gestão coletiva socioambiental dos *campi* da UnB – o Sustentação. Por cerca de um ano e meio estivemos em algumas de suas reuniões, conversamos com seus participantes, os observamos enquanto falavam, deliberavam, dividiam funções e tarefas e enquanto discutiam sobre ‘sustentabilidade’ e ‘gestão coletiva’. Acompanhamos suas discussões no *Facebook* e *Orkut* e na lista de *e-mails* do *Google* enquanto tentavam lançar ordem a suas atividades socioambientais.

A pesquisa acompanhou processos e foi em busca de associações capazes de fazer/construir sentido para aquelas ações. Foi assim que conhecemos outras entidades e desdobramentos que também ajudavam a realizar aquelas situações. Apresentaremos o Edital *Mostre seu Amor pela UnB de 2010*, como um processo seletivo que contempla projetos/grupos da UnB quando relacionados com questões socioambientais sustentáveis. Apresentamos o espaço-grupo Sustentação como um projeto de mestrado de uma aluna do Centro de Desenvolvimento Sustentável, que tentava reunir estes agentes socioambientais em uma rede de diálogos e trocas. Apresentaremos a sustentabilidade como um ideal discursivo, um conjunto de práticas, e seus desdobramentos para confecções de documentos, leis, estatutos, acordos. E ainda o meio ambiente, o ambientalismo, o desenvolvimento sustentável e as tecnologias da informação, tanto estes, como aqueles, quando aparecem capazes de mobilizar outras entidades a passarem por eles, tornando-se centros nos quais os elementos são definidos a partir de suas relações (Latour, 1994). Este é um trabalho sobre sustentabilidade na Universidade de Brasília.

Assim, buscamos identificar entidades e os processos pelos quais se associam ao construir a “UnB sustentável”. O objeto desse trabalho são os formatos de ação dessas entidades observadas em processos e associações, deslocamentos e mobilizações, em função do projeto de uma UnB mais sustentável. Procuramos mostrar a multiplicidade dos objetos que julgamos estarem associados (Law, 2002).

Desde as últimas décadas do século XX, a questão ambiental tornou-se uma preocupação global. Nações do mundo todo passaram a reconhecer a intensidade e o

aspecto quase irreversível de alguns dos muitos problemas ambientais. Dentre os temas ambientais que mais chamavam a atenção, estavam: a destruição da camada de ozônio, os acidentes nucleares (como o caso de Chernobyl e o caso de Goiânia com o céscio 127), alterações climáticas, desertificação, assoreamento, queimadas, desmatamento, armazenamento e transporte de resíduos perigosos e também do lixo, poluição hídrica, de mares, oceanos, rios e lençóis freáticos, a poluição atmosférica, o contingente populacional crescente que escasseava os recursos naturais, a perda de biodiversidade, dentre outros. Sendo a partir da constatação desses problemas que, ao longo dos anos 60 e 70, observou-se um crescente aumento daquilo que Jacobi (2003) chamou de conscientização ecológica no mundo. A apresentação a baixo trata-se de um trecho de ata de reunião, redigida por representantes do espaço-grupo Sustentação, uma das entidades que apresentamos, e pode servir de indicativo para a forma como essa conscientização ecológica se manifestava nas situações que observamos.

Apresentação 1.1 Na quarta, 10 de maio, às 15 h, a Comissão da Agenda Ambiental se reuniu na Direção da FT para dialogar sobre dois temas prioritários: as medidas a serem tomadas após a inundação na UnB e o planejamento do Seminário Socioambiental da universidade. O Sustentação foi convidado a participar, sobretudo para colaborar com o planejamento do seminário, previsto para acontecer em junho de 2011. (lista de e-mails do espaço-grupo Sustentação na plataforma do *Google groups*, acessado em julho de 2011)

A Sustentabilidade é um termo, e uma ideia recorrente na contemporaneidade. Tendo como ponto de referência a conferência no Rio de Janeiro em 1992, Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, CNUMAD, mais conhecida como Eco 92, entendemos que tanto o conceito de 'sustentabilidade' como o projeto de 'desenvolvimento sustentável' ganharam o mundo. Entenda-se que o conceito de desenvolvimento sustentável ainda muda, não existe apenas um 'desenvolvimento sustentável'. É comum grandes empresas falarem a respeito em suas campanhas publicitárias, é comum entre propagandas e campanhas eleitorais. Ouvimos falar a respeito da 'pegada ecológica' em setores de Recursos Humanos e ainda podemos ter acesso aos medidores dessa pegada ecológica para países, comunidades ou até mesmo para o comportamento cotidiano.

Algumas questões nos guiaram pelo tema que motiva essa pesquisa: Por que a Universidade de Brasília se importa com sustentabilidade? afinal, como as opções e decisões coletivas dos estados, dos movimentos sociais, das empresas, dos cidadãos, para incremento da qualidade de vida da sociedade e da utilização dos recursos naturais

estariam articuladas, com funcionamentos e estruturas organizacionais de uma Universidade? Como documentos oficiais, políticas públicas, segmentos institucionais, ou ideologias seriam capazes de deixar rastros sobre a forma como estavam relacionados sociedade e meio ambiente, ou UnB e sustentabilidade? Desta forma, partimos do pressuposto de que não deveria existir apenas um conjunto de observações e orientações que articulassem crescimento econômico, responsabilidade ambiental, direitos sociais, justiça, entre outros.

Pretendemos mostrar com o recorte dessa pesquisa que é possível observar e descrever a participação de diversas entidades que se concretizam em relação umas com as outras. Em miúdos, significa dizer que desenvolvimento sustentável, por exemplo, é um arranjo de entidades que concretizam sua realização peremptória de acordo com as situações e processos às quais estejam associadas. Ao longo do texto, trazemos algumas *apresentações*, que são resultado de pesquisas webgráfica, acesso a grupos de e-mail, documentos e etnografia, e que tentam trazer à tona significados e linguagens associados às entidades que estudamos.

Apresentação 1.2. Gente, alguém já leu sobre isso? O festival SWU (começa com você) lançou a campanha Impacto Zero. Cada faculdade pode inscrever dois projetos e 20 serão selecionados. Há um premio de 500 mil reais e também cursos no exterior. Eu pensei de o pessoal da agenda escrever algum projeto específico ou então pegar um que já existe e fazer algumas modificações! Quem se interessa? A gente pode discutir isso no próximo encontro. (lista de e-mails do espaço-grupo Sustentação na plataforma do *Google groups*, acessado em janeiro de 2012)

Para Jacobi (2003), o trabalho para alcançar a sustentabilidade é realizado por ambientalistas (grupo de interessados, filantrópicos, ativistas, líderes comunitários, professores, estudantes e comunidade), empresários (empresas e institutos filantrópicos, grupos interessados, atuantes do mercado), mídia (jornais, revistas, televisão, internet, publicidade e propaganda), sociedade civil (associações de bairro, grupos interessados, indivíduos), universidades (grupos de pesquisa, departamentos), ONG's e, finalmente, o Estado (leis, investimentos, políticas, programas, editais), entre outros. Ainda, de acordo com o autor, estes grupos ocupam as instâncias de decisão política, tribunais, escritórios, organizações, plataformas virtuais, as tecnologias da informação, as massas e as ruas com seus discursos, suas hipóteses, e suas '*relevâncias*' para mobilizarem as pessoas para as ações. Neste trabalho acabamos identificando estas entidades a partir do contexto da UnB.

Neste trabalho tentamos entender mais sobre a ideia de desenvolvimento sustentável, porque serviu de justificativa para a elaboração de documentos e para decisões de gerência e organização. Assim, precisamos dialogar com trabalhos que nos trazem a perspectiva do desenvolvimento sustentável como o resultado de relações sociais que estabelecemos como sociedade, economia, política e outros, que dão relevância ao meio ambiente (RADCLIFT, 2012). Porque precisávamos entender como foi capaz de agir como um ideal normativo, como uma espécie de pacote de ‘ideias verdes’, ou um estilo de vida, um padrão de comportamento que diferencia estudantes, que valoriza professores perante seus pares, que cobra mudanças, que moraliza atitudes. Isso porque observamos que rotinas ‘verdes’, sustentáveis, ganham relevância, publicidade e incentivo. Observa-se que isso tudo tem a ver – tem rastros associados – com outras decisões contidas em documentos oficiais, programas políticos e outros, ou seja, com outras temporalidades e outras lógicas.

Desde as primeiras considerações acerca do meio ambiente, até 2012, ano de realização da RIO+20, evento que simboliza vinte anos passados da ECO 92, a sustentabilidade, como ideal normativo, projeto, ideais e práticas, tem se deslocado para além do “meio ambiente” junto de questões como equidade, governança e justiça social, o que serviu para mudar desde a discussão política entre tomadores de decisões até os investimentos sociais privados dedicados a projetos sociais para diferentes direções. Significa dizer que sustentabilidade tem se tornado uma entidade cada vez mais complexa, capaz de mobilizar mais entidades, e mais ações.

A discussão anterior acerca da “sustentabilidade” e do “desenvolvimento sustentável” tinha estado preocupada com as necessidades, em particular (mas não exclusivamente) com as necessidades humanas. Nos anos 1980, o debate em torno da sustentabilidade foi se tornando “*mainstream*”, sendo em grande parte influenciado pela economia neoclássica, e um esforço foi feito para traduzir as escolhas ambientais em preferências de mercado, seguindo a ortodoxia neoliberal. (Radclift, 2012)

Não perseguimos a sustentabilidade, como algo estanque e inatingível, construímos um mundo novo, instável, que agora tem como um de seus aspectos mais relevantes o cuidado com a natureza. Seguimos os passos de alguns envolvidos com a questão ambiental na Universidade de Brasília, e acompanhando suas ações percebemos certas relações com outras entidades (Estado, movimentos sociais, entre outros). Observamos ações práticas, mudanças diárias de comportamento e de atitudes. Além das políticas governamentais e planejamentos estratégicos de empresas em busca de vantagem competitiva de mercado. E vimos discussões assumidas pela sociedade civil e

pelos movimentos sociais, tanto que tivemos paralelo a Rio +20¹ a Cúpula dos Povos², os diretórios juvenis regionais que mobilizaram discussões de embate com as propostas dos documentos oficiais elaborados e assinados pelos estadistas.

Apresentação 1.3 Projeto USINA. Há bolsa para participar do projeto Segundo Tempo no CO. Interessados em criação de horta comunitária com parceiros do projeto USINA. Interessados em pensar e organizar exposição ambiental na BCE entrar em contato com USINA. (Mural dos parceiros do espaço-grupo Sustentação na lista de e-mails do *Google groups* acessado em fevereiro de 2012)

Os discursos ambientais refletem mudanças na globalização, engenharia genética e na comunicabilidade da informação via internet. É notória a diferença que fenômenos como a *internet* e as tecnologias de comunicação causaram no mundo todo e na forma como os agrupamentos sociais envolvidos se relacionam desde 1987. O entendimento desses avanços também é fundamental para a compreensão dos novos discursos e das novas práticas sustentáveis. As mudanças causadas pelos modelos de produção e consumo capitalistas aconteceram concomitantes a mudanças radicais que vieram ocorrendo na própria natureza. A Terra e seus recursos naturais são participantes ativos deste processo e vem sempre impactando nosso modo de vida por conta de mudanças climáticas, catástrofes ambientais, fenômenos naturais entre outros.

Apresentação 1.4 Projeto Reciclando o Cotidiano. Precisa-se de voluntários para realizar Oficina em escola do Guará na semana no Meio Ambiente (Mural dos parceiros do espaço-grupo Sustentação na lista de e-mails do *Google groups* acessado em fevereiro de 2012)

Quando optamos por falar sobre os processos sociais relacionados com o que vamos chamar aqui de “UnB sustentável”, estaremos apresentando uma existência coletiva da forma como se dá a sustentabilidade no contexto da Universidade de Brasília.

Apresentamos pormenorizadamente, como resultados de nossa etnografia, a tentativa de construção do espaço-grupo Sustentação e o lançamento do Edital “Mostre Seu Amor Pela UnB”, N.º 002/2010 UnB/DEX/NÚCLEO DA AGENDA AMBIENTAL, DE 3 DE SETEMBRO DE 2010 que tratou de uma seleção interna de

¹ Evento que aconteceu no Rio de Janeiro, em junho de 2012 e que marca 20 anos da conferência ECO 92. A Rio+20 é assim conhecida porque marca os vinte anos de realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92) e deverá contribuir para definir a agenda do desenvolvimento sustentável para as próximas décadas. In: www.rio20.gov.br acessado em maio de 2012.

² Evento organizado pela sociedade civil global in: www.cupuladospovos.org.br acessado em maio de 2012.

projetos de sustentabilidade ambiental para os *campi* da UnB, com alguns de seus desdobramentos.

Dentre maio de 2011 e abril de 2012 foram acompanhadas as tentativas de construção do espaço-grupo Sustentação. Nesse período acompanhei suas ações e aprendi sobre organização. Aprendi, também, sobre engajamento, sobre adesão a compromissos socioambientais, sobre perfis de estudantes e professores envolvidos com a sustentabilidade, sobre a relação de seres humanos e documentos, e registros ou cadastros, sobre a relação professor-aluno, vínculos e ações entre departamentos, entre outros. O Sustentação trata-se de um espaço-grupo de professores, estudantes e funcionários da UnB que atuam em prol da sustentabilidade dos *campi*. O objeto desse estudo são os formatos de ação do Edital e dos integrantes do Sustentação quando empenhados com a sustentabilidade da Universidade de Brasília.

1.1 Composição

Entendemos que as entidades que são apresentadas aqui estejam relacionadas e se pretende apresentá-las por meio de uma composição. Uma composição que aponta arranjos que são capazes de fazer mover e de deixar rastros. O estudo verifica o modo pelo qual estão sendo criadas associações entre as diferentes entidades; a etnografia trata de estudantes e professores atuando em seus projetos socioambientais, mas é satisfeita por relações com ordenamentos e processos que aconteceram em outros lugares, a partir de outras localidades e outras lógicas.

Procuramos identificá-las e descrever as associações que pudemos observar entre elas, sendo que tentamos demonstrar o nosso ponto de vista sobre essas associações por meio de uma composição. Uma composição é essa nossa opção por identificar, narrar ações e associações e a justaposição entre elas nos processos e situações que acompanhamos. Narramos alguns de seus formatos de ação. Apresentamos como cada uma dessas entidades se mostraram relevantes para o que identificamos como a relação entre Universidade de Brasília e sustentabilidade.

Consideramos a composição como a identificação e a descrição de ações e agências em encontro e relação umas com as outras, agindo de determinadas formas dentro de um espectro passível de observação (Latour, 2011). Umas deixando rastros sobre as outras. Segue-se que optamos por acompanhar os passos desses agentes

enquanto tentavam construir na prática um espaço-grupo de encontro para agirem em prol da sustentabilidade dos *campi*, em suas dimensões social e ambiental.

A composição é resultado da observação direta dos desdobramentos e processos que deixaram rastros ao olhar do pesquisador, passíveis de descrição, e de tentativa de estabilização, e assim pudemos descentralizar nosso entendimento sobre pelo menos as seguintes questões: O EDITAL, o espaço-grupo Sustentação, o trabalho de Carolina Ramallete, Sustentabilidade e Gestão socioambiental sustentável, entendendo a estes objetos como associações de agências heterogêneas e de distintas temporalidades.

A composição foi a nossa maneira de descrever quais associações caracterizam as entidades que julgamos mais relevantes. Uma composição como essa, é como uma composição na música, nas artes. É uma forma de arranjar as entidades observadas de forma que apontem um senso de ordem e legibilidade. Esperamos algo passível de entendimento para o leitor. Traçamos essas conexões e interações entre entidades, a partir de opções, diante de tanta complexidade, a partir do olhar do pesquisador, da técnica da pesquisa, da técnica de escrita sendo possível arranjá-las como entidades que comunicam, organizadas, fortes, capazes. Finalmente, a última parte do trabalho é uma breve conclusão acerca do processo de pesquisa. Esperamos que esteja de acordo com a proposta inicial de tratar os objetos a partir de sua complexidade.

Temos, com base nesses apontamentos, uma composição sobre estudantes, professores, documentos oficiais, políticas, órgãos institucionais, dinheiro público, humanos e não humanos, ideias, valores, ideais, papéis, artefatos tecnológicos, entre outros, sobre a maneira como se relacionam e sobre os comportamentos que estão associados ao quadro atual da questão ambiental da UnB. Como um mapa que dá acesso a diversas redes que constituem aquilo que apresentamos como a relação Universidade e sustentabilidade.

1.2 Etnografia

A etnografia possibilitou grande parte do trabalho. Seguimos as situações e processos nos quais participam os envolvidos na construção do que aqui tratamos por *espaço-grupo* Sustentação, para seus encontros, ações e discussões sobre sustentabilidade e gestão coletiva dos *campi* da UnB. Foram quase dois anos de pesquisa, entre a primeira visita, ainda como convidado, passando pelas visitas como “participante observador e anotador”, e pelo acompanhamento de suas plataformas

virtuais, até o momento no qual a pesquisa avança, porque conhece outros desdobramentos e porque descentraliza o objeto (Law, 2002).

Consideramos a situação do espaço-grupo, como o momento no qual estão reciprocamente orientadas entidades, tratando-as como todos aqueles que de alguma forma deixam marcas nessas resoluções. Afirma-se aqui que os sujeitos envolvidos agem de acordo com as associações das quais fazem parte, por exemplo, hora ‘jovem’, hora ‘ambientalista’, estudante, ‘funcionário’, hora ‘meio de comunicação entre os de cá e os de lá’.

Enquanto o espaço-grupo Sustentação era acompanhado fomos diversas vezes levados a procurar compreender associações que lhe conferiam relevância e efeito para formatos de ação, complexificando-o, descentralizando-o. Chegamos até o Edital, que é o caminho do NAA, da UnB. Percorremos um caminho que vai da sustentabilidade para a Agenda 21, para boas práticas do cotidiano e até para a participação democrática. Assim pudemos entender a associação de algumas de suas ações dentro da Universidade de Brasília com outros contextos, amplos, complexos, multifacetados. As ações desses indivíduos estão associadas com o marco inaugural simbólico do tema da sustentabilidade para todo o mundo que é a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), conhecida como Eco 92, ocorrida no ano de 1992 no Rio de Janeiro, passando pela criação da Agenda 21 da Universidade de Brasília, no ano de 1998. Em outro momento falar-se-á sobre estudantes e professores.

No trabalho de campo foi dada atenção especial a algumas questões norteadoras e pretende-se que a nossa narrativa possa trazer nosso ponto de vista sobre essas questões: Como agem? Como alcançam seus objetivos? Como o lugar – UnB ou *Facebook* – está associado ao formato de suas ações? Que tipo de engajamento foi encontrado quando as ações para a configuração da rede foram investigadas? Como se dá a existência coletiva do grupo nas mãos de seus participantes? Quais os métodos que são elaborados para que se mantenham as atividades? Quais as principais questões que definem a forma como estas associações se estabilizam? Como estes atores se apropriam das questões da sustentabilidade, da rede, e do uso das plataformas virtuais em suas atividades diárias vinculadas ao grupo?

Entendemos que estes questionamentos nos ajudaram no campo de investigação, e que assim pudemos entender estas ações enquanto micro processos de construção social de fatos, negociações e recursos relevantes (Latour, 2005) para a constituição da

relação sustentabilidade-UnB. Não trazemos todas as respostas. Porque no próprio processo de pesquisa, as perguntas mudam.

Parte do trabalho é resultado das observações feitas nas reuniões do espaço-grupo Sustentação, das quais pude participar e nas plataformas virtuais do grupo, a saber, a comunidade e a página do *Facebook*, a lista de *e-mails* e o *blog*. Identificamos algumas agências e descrevemos algumas das formas pelas quais estão associadas.

Trata-se de ressaltar o contato com este universo de pesquisa, com as pessoas e com os objetos, os que estudamos e os que produzimos. Uma etnografia é um esforço de ordenamento de fatos e ações (Law, 1999). Esse ordenamento é resultado de uma interação prévia com o mundo, muito além dos laboratórios ou interesses puristas da ciência. É o ordenamento e composição da associação entre os processos. Utilizamos etnografia e etnografia virtual no estudo do que chamamos aqui de espaço-grupo Sustentação. As apresentações 1.1, 1.2, 1.3 e 1.4 são exemplos dos ‘ambientalistas’ e dos ‘movimentos sociais’ que observamos, em contato com as ‘tecnologias da informação’, com o ‘global’, com os ‘empresários’ e eles também fazem a ‘sustentabilidade’ no dia-a-dia. É a visão de mundo, o método e a forma de contar essa história que vão dar mais sentido a estas afirmações.

1.3 Proposta da dissertação

Este trabalho visa superar pelo menos três desafios: o primeiro assumir que identificar e descrever processos associativos em torno da relação sustentabilidade e UnB seja um procedimento válido de pesquisa para as ciências sociais. O segundo é garantir que um trabalho sociológico em forma de narrativa possa nos colocar em diálogo com grandes questões da sociologia enquanto apresenta uma organização da realidade sobre um determinado ponto de vista e sob uma forma de apresentação capaz de apontar arranjos de entidades associadas. E finalmente, o terceiro desafio deste trabalho é tratar nossos objetos considerando que sejam o resultado de processos associativos complexos (no sentido de serem compostos por uma gama variada de associações heterogêneas).

Organizamos o texto de maneira que após esta introdução teremos um capítulo dedicado a explicar como entendemos que as contribuições dos trabalhos de John Law e Bruno Latour são capazes de atualizar a forma de fazer sociologia com base em seus apontamentos teórico-metodológicos e da ANT. Assim tentamos dar coerência ao tipo de observação que fizemos do contexto estudado e da maneira pela qual optamos

organizar essas observações. Na terceira parte do trabalho apresentamos o que chamamos de composição. A composição trata do tema desta dissertação que é a relação da Universidade de Brasília com a sustentabilidade. Dedicamos uma descrição para cada uma das entidades e dos processos nos quais apareceram como mobilizadores de ações de outras entidades.

2 SOCIOLOGIA DAS PRÁTICAS E ASSOCIAÇÕES

I argue that to tell stories is to perform “cultural tasks”. It is to distribute, to say what exists or does not. And it is to coordinate, to say what goes with or does not go with, what else. This means that I’m assuming, as I have above, that storytelling is performative. – John Law, Aircraft Stories

Este trabalho transitou por questões que cercam as reflexões sociológicas contemporâneas, teve mais de uma temática de interesse, desde o primeiro esboço de projeto elaborado para a seleção do programa de pós-graduação do departamento de sociologia na UnB. É resultado do esforço criativo de construir/encontrar/apostar em um objeto e associar a ele algum modelo explicativo (teoria, técnicas e métodos de análise) e de um trabalho muito grande de tentar dar coerência a forma como é possível, dentro da lógica da ciência, relacionar tudo isso. Está inspirado em ideias e métodos. É um processo de justaposição no qual se realizam pesquisador, objeto e a própria ciência.

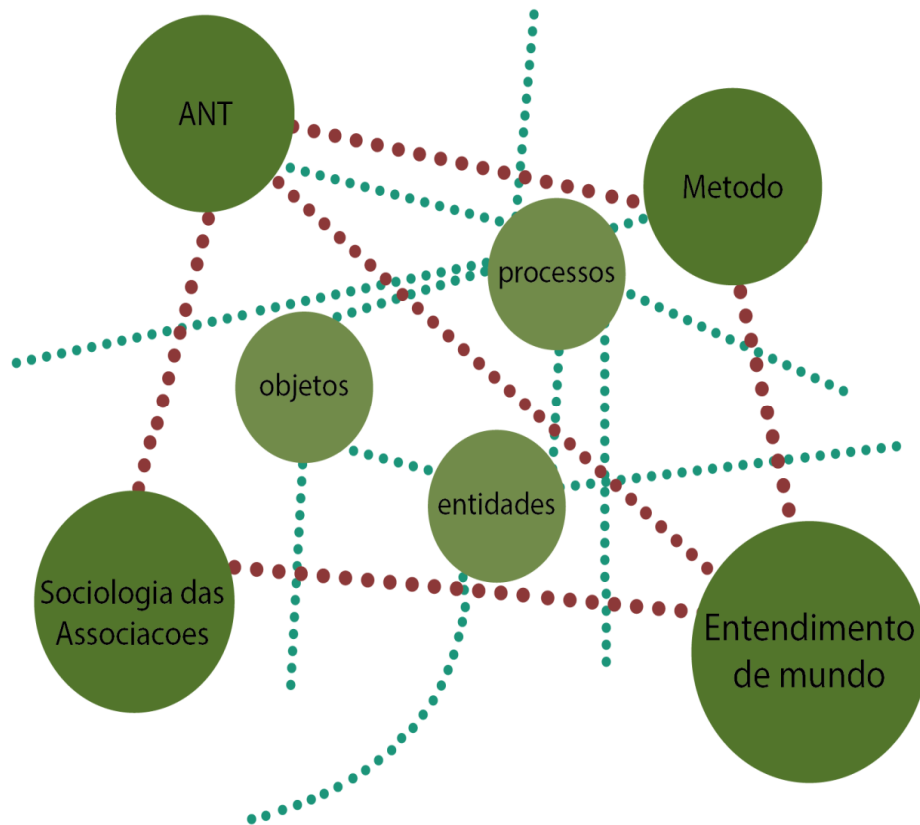
Este é um estudo de observação da produção da Universidade de Brasília sustentável. A partir dos processos observados esperamos entender sobre o papel das entidades envolvidas na produção da sustentabilidade, como elas estão articuladas e como agenciam outras entidades. Utilizar a ANT, *Actor-Network Theory*, significa sugerir que a Universidade, a sustentabilidade, os alunos e os professores, e os documentos são todos atores³ em potencial, produzidos em rede por certos padrões e por materiais diversos.

Realizamos este estudo tendo por base pressupostos teórico-metodológicos do que podemos chamar de sociologia das associações ou sociologia das traduções, presentes nos trabalhos de Bruno Latour, John Law e Michel Callon. (Callon & Latour 1981; Latour 1986; Law & Callon 1988; Latour 1996; Law 2002; Latour 1981, 2005

³ Utilizamos ator quando nos referimos a quaisquer, elemento, coisa, pessoa, ou instituição capaz de agir e deixar rastros sobre o mundo e sobre outros atores.

2010, 2011, 2009; Law 1994, 1998). Entende-se que os trabalhos destes autores apontam formas de pensar, de organizar a investigação, metodologias e formas de tratar o conhecimento e também temas gerais de interesse para nossa área de pesquisa, repensadas a partir de uma ontologia reformadora, a *Actor-Network Theory*, muitas vezes conhecida por seu *intentionally oxymoronic*, ANT (Law, 1999). Esta abordagem aponta uma renovação da teoria social. Essa renovação foi trabalhada a partir dos estudos sobre ciência e tecnologia (Latour, 1981). Estes autores pretendiam explicar a formação evolutiva do conhecimento social e das verdades científicas sem recorrer a explicações baseadas em alguma força social substancializada, acompanhando a formação de entidades múltiplas.

Seguindo os apontamentos teóricos da ANT acompanhamos o encontro dessas entidades como um deslocamento. A pesquisa ficaria, assim, atenta a quaisquer mudanças, rastros ou quaisquer invenções de uma relação nova. Assim pretendemos observar como a interação entre duas ou mais entidades modifica os atores nela envolvidos. A ANT é um método, uma teoria e um quadro conceitual de interpretação que permite descrever situações seguindo os atores envolvidos em ação. Law (1999) define a ANT, como uma aplicação convicta da semiótica. Assim reconhece que tanto a forma como os atributos de uma entidade sejam adquiridos em relação com outras entidades.



Fonte: Esta gravura foi reformulada, a partir dos cadernos de campo, e explica um pouco como estão relacionados *ANT*, sociologia e objeto de pesquisa. No entendimento do autor.

Foi com base nos trabalhos destes autores que buscamos identificar entidades (atores, objetos, redes) e descrever o formato de suas associações. Consideramos este um procedimento de pesquisa adequado ao entendimento de processos e associações. Foi descrito um conjunto de associações relevantes ao olhar do pesquisador. Levamos em consideração o potencial para mobilização, ação, e organização das entidades descritas na terceira parte deste trabalho, e consideramos essa relevância a partir das marcas que deixaram nas ações de outras entidades.

O quadro de interpretação elaborado para esta investigação foi feito com o intuito de dar ênfase ao processo de construção da sustentabilidade (Latour, 1999) ao invés da tradicional aplicação de categorias e conceitos dados *a priori* na análise do social, por procedimentos tradicionais pesquisa social, quando é o próprio social quem explica ao social. Apesar de existir vasta bibliografia sobre movimentos sociais e sobre o tema da sustentabilidade, e também sobre as questões de democracia participativa, este trabalho não buscou encontrar incidência de aspectos similares no contexto

estudado, não é uma dedução, tampouco uma indução, em relação com tipos ideais, ou generalizações. Porque tentamos utilizar o mínimo de explicações baseadas na substancialidade do social é que temos como proposta descrever o encontro das agências que marcam as cenas que tivemos acesso, sendo elas humanas ou não humanas, especialistas ou não. A pesquisa deu-se ao nível do cotidiano, único, mutável.

Optamos por considerar a realidade a partir de sua multiplicidade (Law, 1994). Por isso consideramos que nossos objetos sejam múltiplos, ou seja, as entidades e os processos que pesquisamos. A sustentabilidade, por exemplo, é um objeto múltiplo, instável, inacabado, mutável, porém já certamente estabelecido, podendo ser visto a partir de inúmeros pontos de vista, de acordo com as associações julgadas mais evidentes. Entendemos que ela poderia ser abordada de inúmeras formas e de variadas maneiras. Aqui quando falamos de sustentabilidade estamos falando sobre o que estudantes, professores e funcionários fazem dela, e o que um documento da Universidade de Brasília faz dela, e especialmente o que o observador, quem organiza essas observações em um todo passível de compreensão, faz dela. A visão do pesquisador sempre está situada. Visamos, portanto, dar coerência aos objetos, descrevendo-os, coordenando-os por meio da ANT.

Outro ponto relevante é que procuramos estabelecer posição no debate que está sempre posto e que é responsável por boa parte do nosso crescimento enquanto disciplina. Acerca da relação entre o todo e as partes, ou entre multiplicidade e unicidade, entre estrutura e ação ou entre indivíduo e sociedade, ou micro e macro processos sociais. Adentrando neste diálogo a partir das reformulações teóricas e metodológicas advindas com trabalhos de autores como John Law e Bruno Latour.

Este trabalho alinha-se a uma perspectiva que consideramos inovadora no que diz respeito ao sentido de fazer sociologia no contexto da modernidade agora que a *Actor Network-Theory*, e a etnometodologia de práticas materiais-semióticas que propõe, são capazes de reformular o entendimento das ontologias que regem a construção do conhecimento nessa disciplina. Principalmente a partir da ideia de “*composition*” de Latour (2010) e da ideia de “*relational materialism*” de Law (1994). Então temos a intenção de justificar o formato dessa dissertação, o seu conteúdo e as questões que tenta abordar considerando a contribuição dessas ideias para o trabalho em sociologia.

“It tends to tell stories, stories that have to do with process of ordering that generates effects such as technologies, stories about how actor-networks

elaborate themselves, and stories which erode the analytical status of the distinction between the macro and micro-social.” (Law, 1994, pg. 18)

Tentamos mostrar como associações entre objetos, técnicas, e métodos de pesquisa acabam configurando um entendimento de mundo e um entendimento de ciência. Por isso este trabalho extrapola a questão das tecnologias da informação, que buscamos no início da pesquisa. Percebemos que o uso de tecnologias da informação por parte daquele grupo de estudantes e professores que se organizavam com a ajuda da *internet* somente faz sentido quando entendemos outras questões as quais estavam ligadas suas práticas e os processos dos quais participaram enquanto estiveram sob a observação dessa pesquisa.

De acordo com Law (1994), a sociologia usa recursos para contar histórias sobre o mundo social. Este autor não concorda com a procura de sociólogos por alguma substância, forma ou modelo que caracterize e sintetize aquilo que reconhecem como o social. Sendo assim, defende a descrição dos processos sociais como a mais humilde forma de fazer sociologia.

De acordo com Latour (2005), investigadores das ciências sociais utilizam o adjetivo social para designar um estado estabilizado das coisas. E utilizam-no para dar conta de um fenômeno. O social acaba sendo utilizado para explicar o social. Bruno Latour e John Law (1994; 2005) sugerem a consideração de apontamentos metodológicos mais variados, que sejam capazes de lidar com o fortuito, com o complexo, com a associação entre heterogêneos e o social como um fluido em circulação que se deve observar com novos métodos. A teoria do ator-rede, também conhecida como a sociologia das associações, tem como ponto de partida práticas concretas geograficamente situadas e a associação destas com o resto do coletivo, no caso, as relações em rede, que podem extrapolar aquele espaço. Sugere, então, que sejam identificadas quais interações foram mais ou menos sucedidas em termos de capacidade para manter a estabilidade ou para reproduzir. Ou seja, de como algumas formas de interação ou processos são mais bem sucedidos em gerar efeitos sobre outras entidades, ou outras redes.

Para Law (1994,1999), o método de pesquisa resulta de uma forma de interagir com a realidade, de uma forma de ser no mundo que serve para nos colocar de frente com a própria vida e não apenas com a ciência, de um modo geral. Os objetos tanto quanto as organizações sociais são considerados entidades diversas, produtos ou efeitos de redes, e essas relações apresentam uma dimensão espacial. O pressuposto

fundamental, que considera como o núcleo da ANT, é de que os objetos são redes heterogêneas de entidade e processos. Outro ponto fundamental é que esses objetos não existem através de uma substância que lhes diferencia dos outros, e sim como efeito de suas performances diante de uma rede de relações materiais. É preciso identificar os atores, tentar lidar com os processos nos quais estejam envolvidos, de modo a aprender com eles o que se tornaram diante da existência coletiva, quais métodos elaboraram para estarem ajustados a ela. Assim, segundo Latour, 2006, o pesquisador deve procurar quais os relatos que melhor definem as associações estabelecidas tentando recuperar alguma espécie de estabilidade momentânea entre os sinais que provêm dessas estruturas.

Estivemos, ao longo da pesquisa, acompanhando os rastros deixados por estas entidades em processos de composição de arranjos que configuram o que tratamos como a relação entre sustentabilidade e Universidade. Esperamos que a pesquisa possa servir como um mapa de acesso a essa temática, propositivo para novos desdobramentos e caminhos os quais não se pode percorrer. A partir de um grupo de pessoas da Universidade, podemos entrar em contato com plataformas virtuais, projetos globais, documentos oficiais, tendências, objetos e ações, entre outros. Deixamos os rastros deste caminho que seguimos.

Trabalhos como os de Latour e Law, seguem no bojo daqueles que utilizam a ANT para fazer da sociologia uma ciência que pode dar conta de relatar a maneira como a sociedade se mantém unida a partir de interações e práticas, ao invés de utilizar a ‘sociedade’ e o ‘social’ para explicar o contrário. Apresentamos algumas dessas associações. Tentamos mostrar como aparecem os elementos que constituem o espaço-grupo Sustentação, e as demais entidades observadas enquanto constroem um mundo comum a partir de ações reciprocamente orientadas, no caso um mundo novo sustentável, do qual a UnB é uma das mobilizadoras. Desde a identificação dos *actantes*, respeitando as diferentes temporalidades que os constituem, até a descrição dos formatos de ação que desempenham em relações de controle mútuo – para o que são e para o que querem (Callon, 1986).

Procurou-se, com a ajuda desses autores, responder algumas questões e esperase apresentar uma versão de resposta que seja coerente com as observações feitas: Como estão articuladas diferentes agências, e como essas associações deixam rastros, quais os efeitos dessas associações? Como elas se organizam? Como a rede– *network* – coloca os atores a seguir sua fluidez enquanto se constitui por seus desempenhos? Como

ela confere qualidade e motivação aos atores? Como eles se tornam cada vez mais transportáveis?

Mostrar estas conexões significa arrumar a situação observada de maneira que se possa indicar como sujeitos, objetos, funções sociais, representações, significados, projetos, ideias deixam suas marcas umas sobre as outras, como modificam os fluxos, como são transladas de uma lógica para outra e de um contexto social para outro. Significa que vamos descrever os encontros entre duas ou mais entidades heterogêneas que constroem a realidade. Por exemplo, quando indicamos que um trabalho de mestrado de um departamento da Universidade de Brasília, foi capaz de traduzir algumas questões trabalhadas por uma Agência da mesma universidade, para um grupo de estudantes que cuidam do meio ambiente e de questões verdes, mobilizando-os para atuarem, ou seja, deixando marcas e produzindo efeitos.

A instabilidade da realidade social e a sua transitoriedade controlada chamam atenção. Um professor, em uma de suas aulas, disse, no contexto de estudo das teorias da ação, "*viver em sociedade dá trabalho*", enquanto apresentava trabalhos de autores que consideravam a realidade a partir das atividades práticas desempenhadas em seu cotidiano. As atividades práticas, as circunstâncias práticas e o raciocínio sociológico prático que são os temas para o estudo empírico. Estivemos convictos da importância e relevância de investigações na/da/sobre a sociedade a partir de alguma daquelas orientações metodológicas, mas ainda precisávamos estabelecer um objeto, de um campo de pesquisa e definir dentre as temáticas que nos interessavam.

Foi uma negociação árdua com metodologias, professores, pesquisas, temas, prazos, notas e trabalhos. E o resultado pode não apontar um caminho óbvio, nem uma relação convencional das Escolas e métodos citados, nem tem essa pretensão, também não quer ser um arranjo de teorias. Foram escolhidos – Latour e Law – e ao modelo interpretativo/teoria/apontamento metodológico – *Actor-Network Theory* – para a execução desta pesquisa.

O tipo de consideração feita - a Teoria do Ator-Rede (TAR) de Bruno Latour-fundamenta-se em considerações pragmáticas: atores e associações se revelam no momento em que estão se movimentando. O objetivo da sociologia sob o seu ponto de vista é traçar as conexões entre as coisas, descrevendo como as coisas se associam continuamente nas situações sociais com as quais estejam envolvidas.

Para Latour (2010), o campo é uma rede e não um território, como na etnografia clássica. A rede é desmaterializada e global. De acordo com a abordagem etnometodológica de Latour é necessária uma boa descrição dos *actantes* envolvidos e da forma como estão associados a práticas e situações cotidianas, e apenas isso pode dispensar a necessidade de uso das categorias sociais, porque é preciso dar importância em como relações e possibilidades para a ação são redefinidas em uma realidade que vai sendo produzida por processos sociais únicos. É por isso, que consideramos as categorias do social, usadas pelos sociólogos para explicar as realidades frias e estabilizadas demais, e frágeis quando colocadas para a verificação empírica na vida do cotidiano.

Muitas dessas recomendações metodológicas da Teoria Ator-Rede aparecem em *'Reassembling the Social'* (2005), respeitando-a como uma dentre outras formas de procedimento a serem tomados para a compreensão e possível descrição da complexidade social. O primeiro trabalho de Latour, *Vida de Laboratório*, serviu também como um grande aparato de dicas para o trabalho de campo, quais fontes de dados, caminhos para a observação e detalhes importantes. A *Actor-Network Theory* se fundamenta em considerações pragmáticas: atores e associações se revelam no momento em que estão se movimentando; a realidade é instável e perene enquanto possível.

As redes mantêm-se unidas, por meio de múltiplos engajamentos, diferentes *actantes* – tudo aquilo que tem agência, e que deixa marca, associando-se à situação. Os fatos são considerados como resultados da capacidade dessas redes em mantê-los conectados, fazendo-os agirem como um corpo coerente (Velden, 2011). John Law (1999) afirma que a teoria do ator-rede não/ tem um ponto fixo, não deve ter um, que também não deve ser encarada como um simples rearranjo de pedaços teóricos. Latour (2005) afirma que tal trabalho revela muito mais acerca do social do que as teorias e categorias limpas e conhecidas em que os cientistas sociais sempre tentaram encaixar os sujeitos dos seus estudos. Latour argumenta que:

The task of defining and ordering the social should be left to the actors themselves, not taken up by the analyst. This is why, to regain some sense of order, the best solution is to trace connections between the controversies themselves rather than try to decide how to settle any given controversy.
(2005: 23)

A interpretação da associação dessas entidades e da forma como atuam é resultado da tentativa de compreender a forma pela qual os *actantes* constituem este espaço-grupo, sendo provenientes de diferentes localidades e temporalidades, e que juntos vêm desenvolvendo novas relações sociais durante o desempenho da tarefa coletiva a qual se propuseram. Procuramos, também, entender o caminho que leva a Universidade de Brasília a constituir um programa de apoio e incentivo por meio de bolsas para aqueles que trabalhem em prol da sustentabilidade dos *campi*, desde a RIO 92 até o Edital 'Mostre Seu Amor pela UnB', cuja primeira versão data do ano de 2007.

A postura foi analisar o grupo Sustentação em ação. Contra a ideia de certas formas de ativismo que estão dadas *a priori*, apenas esperando participantes, contra a ideia de que uma rede é um lugar dado que se ocupa. Tentamos delinear suas conexões enquanto estão em movimento. Como, por exemplo, a pesquisa de Carolina Ramalhete (2010), a Universidade, o Edital, a ideia de sustentabilidade, o conhecimento teórico e científico, a burocracia da Universidade, o dinheiro, os quais tiveram papel central deixaram rastros observáveis para o que hoje são, de fato, as ações em prol da sustentabilidade da UnB. Por isso, procuramos entender essas propostas, diretrizes e princípios, tanto dos discursos, falas e escritas dos participantes, quanto dos documentos oficiais da Universidade, da Carta, da Declaração, na prática e no cotidiano do encontro entre estas entidades, presencial e virtualmente.

A teoria do ator-rede, proposta por Latour (2005), entende as práticas e a ação em termos de redes heterogêneas nas quais humanos e não humanos, textos e objetos, natureza e política, podem ter efeitos organizacionais/organizativos. A rede é entendida como o sucesso de manter juntos, associados, e agindo como um corpo passível de interpretação. Nesse caso a agência é organizada pela rede. Latour (2010), assim, critica os cientistas sociais de importarem noções para a pesquisa social ao invés de seguirem o caminho pelo qual ordenam suas ações. Com um movimento similar, este trabalho pretende deixar que as entidades apresentem-se reconhecendo que muitos objetos podem nos falar, por exemplo, o Edital, ou as listas de discussões por *e-mail*.

Na identificação e caracterização dos diferentes *actantes* envolvidos, admitimos, como pressuposto, considerar as agências tanto de objetos como de humanos, a partir do princípio de simetria generalizada (Latour, 2005; 2010). Essa estratégia é o esforço do pesquisador de entender e descrever o conjunto de tarefas que permitem a composição progressiva de mundo comum – a UnB sustentável – no qual, ativismo,

sustentabilidade, tecnologias, Universidade, cidade, teorias, práticas, círculos, e oficinas, entre outros têm seus repertórios de ações redefinidos de acordo com a causa em questão. Queremos usar da maneira que for possível estes tipos de teoria da ação, suas recomendações teórico-epistemológicas, para tentar estabilizar certas condições que compõem e justificam as ações nesse contexto.

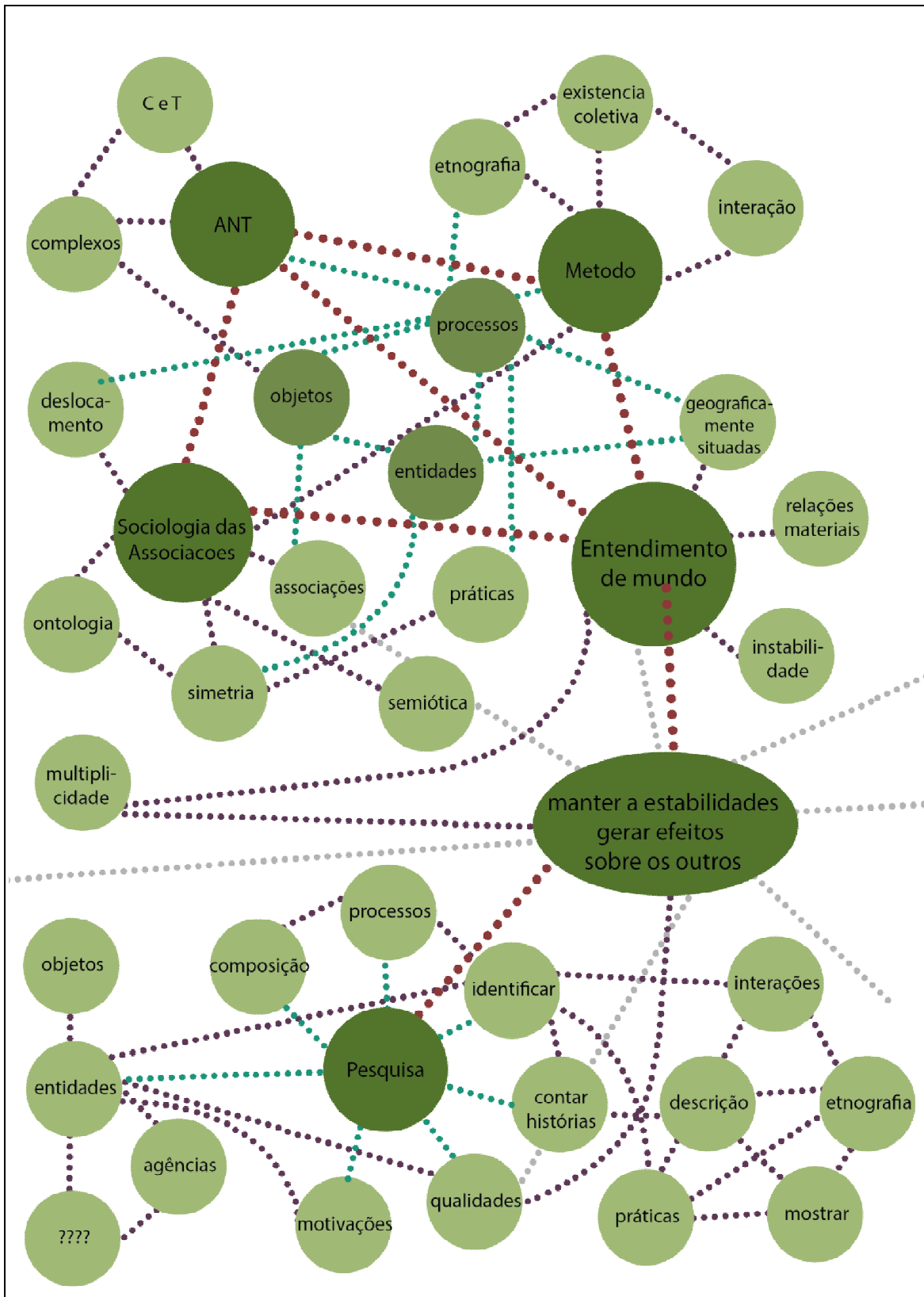
A partir das leituras de Latour temos visto como sua ideia de associação expõe a uma revisão profunda dos próprios fundamentos da disciplina. Como pensador convencido do caráter artificial da realidade, o autor tentou estender os limites do social ao que ele chama de os não-humanos. Latour entende não somente os animais, mas também a natureza como um todo, e chega a sugerir um senado hipotético no qual seriam representadas as aves migratórias e as zonas inundáveis. É este realismo de gênero pragmático que o leva a querer substituir a noção de "ator" a de "atuante", por *actantes*. Bruno Latour estima ser preciso abandonar não somente a noção de 'substância social', ou as 'categorias sociais', aqui escritas com aspas, mas a de sociedade, que ele sugere substituir pela expressão mais móvel de 'coletivo' e assim fluidificar a sociologia.

“Pensar a ciência como uma rede de atores, significa que ela não se caracteriza por sua racionalidade e objetividade [...] ou veracidade [...] implica em analisá-la como efeito a partir das tensões próprias à rede de atores” (LATOURE, 2005, p.).

Pensar a pesquisa sociológica a partir desses pressupostos implica a descrição dos efeitos produzidos pelos vínculos que vão se formando entre os *actantes* em processos de negociação de controvérsias. Para isso é necessário a abolição do pensamento dualístico, entre natureza e sociedade, ou política e ciência, ou humanos e não humanos, social e natural. É preciso seguir a produção das diferenças, acentuando as ações presentes na rede, e elaborar uma descrição dos enredos aos quais os *actantes* estejam associados. *Actante* é tudo o que age e é definido pelos efeitos de suas ações. Sejam pessoas, instituições, animais ou coisas. Dada a atenção aos efeitos das redes e as suas capacidades de transformação e conexão; e o 'social' como um fluído que só pode ser visto no momento em que novas associações são feitas.

“Espécie de entidades com ontologias bastante contornáveis e autoexplicativas passam então a ser vistos como coletivos híbridos compostos por atores que nunca estão essencialmente definidos ou estáveis e que se associam e se traduzem formando redes que descentram agências, purezas e universalidades.” (LATOURE, 2005, p.).

A seguir veremos como o trabalho de campo, a pesquisa documental e etnografia virtual ajudaram a identificar e descrever as entidades e os processos que estão associados na construção da relação entre Universidade e sustentabilidade e sua história recente. A seguir um mapa de associações que podem fazer sentido após a leitura deste trabalho.



Fonte: Imagem reformulada a partir do caderno de notas do autor. Mostra a relação entre objeto e método de pesquisa. Tentativa de descrever o caráter híbrido das relações observadas e da metodologia de coleta e apresentação das referências.

3 A CONSTRUÇÃO DA SUSTENTABILIDADE

Neste capítulo destacamos alguns eventos e situações associadas à constituição do termo 'sustentabilidade' ao longo do tempo. Encontramos uma série de eventos que aconteceram nos últimos 40 anos. Esperamos que a narrativa que segue sirva para contar como alguns desses eventos nos levam a outros, influenciando-os, redefinindo-os através do tempo (Law, 2002). Sendo assim, destacamos uma série de arranjos entre entidades que constitui o sentido do termo 'sustentabilidade' a partir de discursos, significativos e práticas. Essa construção da definição de sustentabilidade é um híbrido social, econômico, político, científico, midiático e materializa-se em documentos, leis, projetos e programas políticos, campanhas publicitárias, eventos educativos e na criação de órgãos administrativos, entre outros. Esses eventos marcam compromissos coletivos para o futuro e traçam divisões entre condutas de grupos e indivíduos. Acusa a travessia para um novo tipo de relacionamento entre sociedade e meio ambiente.

Buscamos entender como alguns dos processos que desencadearam a forma recente do termo 'sustentabilidade' estão associados com os episódios que estabelecem a relação entre Universidade de Brasília e sustentabilidade. A UnB está mobilizada para apoiar projetos socioambientais. Está associada a documentos, acordos internacionais e leis que reúnem expectativas de cuidados para o século 21. Desde 1998, ainda realizaria seminários, reuniões, pesquisas, consultas públicas à sua comunidade, até possuir um Edital para selecionar projetos socioambientais, no ano de 2010, como é o caso do 'Mostre Seu Amor pela UnB'. Nestes documentos, a sustentabilidade é um projeto, um ideal sistemático, normativo e motivador. Um conjunto de atributos e qualidades que diferenciam atitudes.

A sustentabilidade é constituída por questões, disciplinas, profissões e práticas das mais diversas. Este capítulo apresenta a emergência do termo em documentos, eventos, políticas, programas e leis. A pesquisa investigou como o documento da Agenda 21, o evento conhecido como ECO 92, o termo desenvolvimento sustentável e as práticas e discursos da sustentabilidade têm desempenhado a tarefa de promover um coletivo.

Este capítulo é relevante porque traz as informações que justificam algumas das associações que foram identificadas durante a pesquisa. Os capítulos que se seguem são resultado da maneira como estão organizadas as observações com o intuito de

identificar as entidades envolvidas e os processos pelos quais se realizam. São apresentados alguns desdobramentos que se julga estarem associados a estes eventos que construíram a sustentabilidade que conhecemos e é por isso que se trouxe uma consideração sobre os eventos que culminam na construção da Agenda 21 internacional.

Este capítulo apresenta, também, considerações sobre o ambientalismo. Estudantes e professores universitários atuam em prol de uma 'UnB sustentável'. As pesquisas sobre o ambientalismo identificam continuidade e rupturas entre aqueles movimentos sociais ambientalistas das décadas de 70, 80 e 90 com a ação da comunidade acadêmica.

Antes dessa pesquisa, este autor, desconhecia que a UnB tinha um departamento profissional, com funcionários do quadro, para cuidar de medidas, políticas e programas para o meio ambiente que, há alguns anos, vem fazendo eventos, palestras e seminários, e ultimamente até distribuindo bolsas, lançando Editais, e outras políticas em prol da sustentabilidade social, ambiental e política. Esse capítulo apresenta os temas: sustentabilidade, desenvolvimento sustentável e ambientalismo. A sustentabilidade é a motriz principal de toda a narrativa. Apresenta-se como as ideias, os projetos, discursos e as ações que a concretizam são construídas. E foram relevados determinados acontecimentos que só podem ser observados a partir de pesquisa bibliográfica. O principal objetivo deste trecho do trabalho é trazer ao leitor certos elementos associados às ações observadas.

O contexto estudado está associado a diversos desdobramentos de alguns dos acontecimentos narrados. Entende-se que nesse contexto estudado deram-se os encontros de diversas agências e de diferentes temporalidades. Algumas agências estão associadas ao debate e as ações ambientais na UnB por meio do espaço-grupo Sustentação, enquanto outras estão associadas por meio de Edital. Foi feita uma pesquisa em documentos, relatos e sítios virtuais que contam um pouco como foi desde o alinhamento da Universidade com a Carta da Terra e a Agenda 21 global até a criação de um segmento institucional responsável pela questão, a Agenda Ambiental da UnB. A rede, a organização e o grande motivador destas ações é a intenção de construir uma UnB sustentável. Dois importantes agenciadores destas ações são o Edital e o espaço-grupo Sustentação que apresentamos nos próximos capítulos.

Estudantes e professores são sustentáveis em situações de rotina, quando ocupam o espaço da Universidade, quando participam desses eventos organizados pela instituição ou quando elaboram projetos e iniciativas. São iniciativas como essas que

são capazes de consolidar a sustentabilidade no nível do cotidiano, capazes, também, de materializar a sustentabilidade em projetos e ações programadas. Trabalhos acadêmicos, revistas, jornais, programas televisivos, produtos verdes (reciclados, reutilizados, etc.) ressaltam pontos de passagem obrigatórios para atitudes sustentáveis, empreendimentos, produtos e outros. Assim, entende-se que a sustentabilidade esteja associada a veículos de comunicação e informação, documentos e outros que estabilizam o seu significado, além de um conjunto de práticas e discursos que possuem qualidades específicas.

Apresentação 3.1 Somos os integrantes do Grupo de Trabalho de Resíduos Sólidos-GTRS, grupo institucional composto por representantes de vários segmentos da Universidade: professores, servidores, estudantes, integrantes do Núcleo da Agenda Ambiental da UnB, representante da prefeitura, representante do Centro de Desenvolvimento Tecnológico e representante da Central de Cooperativas de materiais recicláveis do Distrito Federal. O grupo busca promover o diálogo entre as visões distintas de cada segmento. Com a finalidade de implantar e sustentar a gestão integrada e participativa dos resíduos sólidos no Campus. Desse modo, é fundamental a sensibilização e o envolvimento de toda a comunidade acadêmica - todos os projetos- na construção de uma universidade sustentável, por meio de campanhas e ações educativas. (lista de e-mails no *Google groups*, acessado em fevereiro de 2012).

A questão ambiental tem grande destaque dentro da mídia, das campanhas políticas e das campanhas publicitárias. Nos últimos, 30 anos foram criados órgãos administrativos, departamentos, secretarias, ministérios e outras instâncias, e estudos cada vez mais aprofundados que buscam avaliar questões vinculadas aos impactos ambientais. Em 1987, houve o impulso do conceito de desenvolvimento sustentável pelo Relatório Brundtland, conceito que havia sido lançado na Conferência de Estocolmo. A definição de sustentabilidade promulgada pela Conferência das Nações Unidas tem sido influente para ações que visam o desenvolvimento associado com a sustentabilidade.

Quando se opta por considerar a sustentabilidade como um objeto complexo, significa considerar sua materialização como o conjunto de práticas, discursos e processos que possibilitam uma relação entre entidades heterogêneas, ou seja, humanos, discursos, máquinas, textos, teorias, e outros. Tem-se como exemplo, um chamado de um grupo da Universidade de Brasília convidando outros grupos para participar de projetos, praticar gestão coletiva, diálogo, envolvimento de comunidade, entre outras ações, e esse chamamento é feito pela internet. A sustentabilidade, nessa pesquisa, foi acompanhada como um complexo científico, tecnológico, sociológico, político e natural. A narrativa explora a construção do sentido do termo ao longo do tempo, mas o

que é destacado como fundamental é a nossa tarefa de situar sua concretização a partir de como a UnB torna-se sustentável.

A sustentabilidade está associada com o desenvolvimento sustentável. Nessa perspectiva o desenvolvimento sustentável é visto como uma forma de instrumentalizar a problemática ambiental sensibilizando-a para o crescimento econômico. O termo desenvolvimento sustentável tem provocado, desde 1987, muitas interpretações discursivas associadas ao desenvolvimento econômico ou à sustentabilidade após a publicação do relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, Redclift (2012). Foi este relatório um dos que contribuíram para que o desenvolvimento sustentável fosse introduzido em programas e políticas dos estados, e corporações e à linguagem do dia-a-dia. Foi também a primeira visão geral do globo que considerou os aspectos ambientais do desenvolvimento sob uma perspectiva econômica, social e política. O Desenvolvimento Sustentável passa ao foco dos formuladores e gestores de políticas, dos movimentos ambientalistas e dos meios científicos e acadêmicos, mas ainda não foi alcançado consenso sobre a definição do conceito e do caminho ótimo para alcançá-lo, dentre as muitas definições que são lançadas.

Práticas e processos para o desenvolvimento sustentável começaram a aparecer decisivamente como propostas, alternativas, ou releituras daquele tipo de desenvolvimento que tinha por base o crescimento econômico de mercado e o estado dos recursos tecnológicos. É um conjunto de ideias, teorias, ideologias que consideram questões relacionadas ao meio ambiente e a possível escassez dos recursos naturais eminentes com a tentativa de satisfazer as exigências de mercado. Entende-se o desenvolvimento sustentável como um processo, um arranjo de diversos segmentos da sociedade, planejamentos, métodos e processos, discussões sobre as principais prioridades que constroem a relação entre sociedade e meio ambiente e entre sociedade e sociedade.

O tema meio ambiente tornava-se indispensável nas discussões sobre crescimento e desenvolvimento. Um tipo de entidade como o conceito de desenvolvimento sustentável, é construído com base na reunião de conhecimentos disciplinares diversos e diversas linguagens e lógicas.

Quadro 1. ECO 92.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano foi uma conferência organizado pela ONU (Organização das Nações Unidas). É o marco simbólico do lançamento da Agenda 21. Na UnB, foram aproximadamente 15 anos desde as primeiras discussões, associadas aos elementos da Agenda, desde os primeiros compromissos e consultas de opinião até a consolidação de um programa de fomento por meio de bolsas e outros incentivos como é o caso do Edital. Desde a declaração da Agenda 21 internacional, na ECO 92, aconteceria a consolidação da Agenda 21 nacional, e ainda processos e mobilizações para acordos que fundariam a Agenda 21 da UnB. O desdobramento mais relevante desses processos, no contexto da UnB, é a estabilização de um segmento institucional específico para tratar desse tema, o Núcleo da Agenda Ambiental da UnB, ou NAA.

Na Universidade de Brasília, o porta-voz⁴ do desenvolvimento sustentável é o Núcleo da Agenda Ambiental - NAA, é esse órgão que atua em prol das deliberações da Agenda 21. A dissertação, como um todo, espera apresentar e descrever um arranjo com os principais processos que consolidam a importância da atuação desse órgão, desde a Conferência Rio 92 até a seleção dos primeiros projetos para PACS, através do Edital no ano de 2008. O desenvolvimento sustentável desponta como um dos principais desafios para as gerações do século XXI e está cada vez mais presente nos discursos de governos, organismos internacionais, empresas, partidos políticos, mídia, ONGs e movimentos sociais, e tem sido internalizado no campo científico, apropriado e teorizado por cientistas de diversas áreas e com os mais distintos vieses teóricos, políticos e ideológicos, inclusive na seara das ciências sociais.

A ideia de desenvolvimento sustentável assume, neste final de século, um papel central na reflexão em torno das dimensões do desenvolvimento e das alternativas que se configuram para garantir equidade e articular as relações entre o global e o local.

A organização democrática do poder local assume espaço central numa agenda que contemple a necessária articulação não só entre atores, mas entre políticas e instâncias de organização do Estado para solução de problemáticas da área social. Quando falamos em área social, nos referimos aos direitos básicos e universais de cidadania, o direito à saúde, assistência social e previdência, nas quais, atualmente, se

⁴ Aquele que traduz outros atores numa vontade única da qual se torna o porta-voz (Latour, 2000).

explicitam os maiores desafios de respostas que possibilitem uma articulação dos diferentes interesses em jogo.

Apresentação 3.2 Projeto NESCAU. Encontro/ Oficina permanente NESCAU – sextaàs 12 h na horta urbana – perto do restaurante Natural, ICC Norte, subsolo. (mural do parceiro sustentável, lista de *e-mails* no *Google groups*, acessado em fevereiro de 2012).

De acordo com Theodoro (2004), foi a partir do século XVIII que apareceram as primeiras normas visando o controle da poluição e da degradação ambiental, e aponta como exemplo aquelas que proibiam que bagaço de cana fosse jogado em rios e açudes e aquelas que protegiam os manguezais da destruição. A primeira legislação florestal brasileira data do ano de 1796, o regimento do pau-brasil. É do início do Século XIX a primeira medida voltada para a recuperação de áreas degradadas, estabelecendo instruções para o reflorestamento da costa do Brasil, em 1813.

Apresentação 3.3 Olá, parceiros pela sustentabilidade! Amanhã teremos novo encontro para falar de sustentabilidade socioambiental no campus Darcy Ribeiro, UnB. Um dos temas do encontro é a articulação dos atores e projetos socioambientais em rede. Temos potencial de construir uma rede solidária? O que significa isso na prática? Outro ponto de pauta do interesse de muitos é as novidades no edital da Agenda Ambiental. (lista de *e-mails* no *Google groups*, acessado em fevereiro de 2012).

Na Constituição de 1891 a competência para legislar sobre minas e terras estava atribuída à União. Nas primeiras décadas do Século XX são aprovadas regras mais complexas e mais abrangentes, como as que disciplinavam a partilha de recursos hídricos, estabelecendo direitos e deveres para o uso e conservação da qualidade das águas (Código de Águas – Decreto 23.793/34), as que protegiam florestas (Código Florestal – Decreto 24.643/34) e de exploração de pesca (Código de Pesca – Decreto-Lei 794/38). Em período mais recente, já na década de 70, teve início o que poderia se chamar de uma base legal específica para o meio ambiente. Seria criado o Decreto Lei 1.413/75 que dispunha sobre o controle da poluição do meio ambiente, provocada pela atividade industrial daquela época.

A pesquisa científica sobre as relações entre sociedade e ambiente encontra-se em rápida evolução em todo o mundo. Na sociologia não é diferente. Vem crescendo o número de contribuições vindas das mais diversas áreas do conhecimento. Aconteceu, há pouco tempo o *boom* dos estudos sociais sobre as questões ambientais que deixaram de ser assunto exclusivo das ciências naturais. Pode-se dizer que os procedimentos e teorias clássicas, os paradigmas mais relevantes das primeiras gerações de cientistas das ciências sociais, até pouco tempo atrás, estiveram muito mais preocupados com

sistemas econômicos, com a racionalidade humana, e em grandes narrativas gerais sobre as relações entre os indivíduos e seus grupos sociais ou sobre questões estruturais.

Esse *boom* foi, na verdade, o momento em que a questão ambiental ou ecológica se tornou tema de destaque para discussões políticas, econômicas e mesmo ideológicas, nos últimos anos do século XX, principalmente a partir da década de 70. Pode-se observar que a questão ambiental apareceria como objeto de interesse social e as discussões ambientais chegariam às ciências sociais, à economia e a outras áreas do conhecimento, extrapolando a seara das ciências naturais. (Suassuna, 2004)

Tentamos mostrar o desenvolvimento sustentável como um conjunto de ideias, e de exigências, como o resultado de muitos embates ideológicos, um estágio de entendimento sobre as obrigações da sociedade para com o meio ambiente e da sociedade com a dimensão econômica e produtiva. São ideias, propostas, argumentos e ações como essas que conferem sentido, credibilidade e força para políticas, programas e concursos que valorizam atitudes e comportamentos sustentáveis.

3.1 Ambientalismo

De acordo com Pedro Jacobi (2003), o movimento ambientalista tem marcado historicamente o rumo das formulações e implementações de políticas públicas para o setor ambiental e na construção da ideia de desenvolvimento sustentável. Desde a década de 50, aqueles que se dedicam ao movimento ambientalista conseguem ter maior expressão na sociedade brasileira, predominantemente em ações contra a devastação da Amazônia e na propagação do debate sobre qualidade de vida.

Este tipo de ação tinha objetivos e modos de atuação estritamente conservacionistas e esforços concentrados na preservação da fauna e da flora, mas é somente na década de 70 que surge uma iniciativa com um perfil mais abrangente.

Dentre muitos fatores é possível destacar que o aumento da cooperação científica nos anos 60, o aumento da publicidade dos problemas ambientais, causado especialmente pela ocorrência de certas catástrofes, o crescimento econômico acelerado, e o êxodo rural, ajudam a evidenciar o reconhecimento pelos estados da necessidade de agir (LE PESTRE, 2005). Marca decisiva para este período foi a assinatura da Declaração de Estocolmo, decorrente da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada na capital sueca, em 1972. Tendo contado com a

participação de 113 países, 250 organizações não governamentais e organismos da ONU, mostrava a grande adesão dos Estados Nacionais de todo o mundo.

A partir desse evento, os protestos de grupos organizados ganharam ainda maior abrangência e potência, alcançando maior acesso e reconhecimento da problemática por parte da sociedade. Trata-se de um período marcado pela defesa de valores que questionam acerca dos impactos da civilização industrial sobre ela mesma. Até aquele momento essas reivindicações ainda ocupavam lugar secundário em um questionamento mais amplo da cidadania, e o meio ambiente ainda era considerado como um fardo a ser carregado pela sociedade, parecendo estar dissociado dela mesma, mas a crise do modelo desenvolvimentista alavanca os questionamentos para com a devastação do meio ambiente e principalmente sobre sua relação com a sociedade (JACOBI, 2003).

A década de 80 concretiza algumas daquelas proposições e vários movimentos sociais surgem dedicados a esta temática. Nesse período tanto os discursos, quanto as práticas do ambientalismo, e também as políticas e ações dos Estados Nacionais envolvidos, encontram-se com alguns problemas práticos para a implementação daquelas ideias e acordos assinados. A década de 80 é caracterizada por iniciativas que tentam aprimorar as ideias sobre desenvolvimento sustentável e os caminhos que podem contribuir para que a sociedade as realize. Sendo assim foi dado destaque aos esforços significativos no sentido de aprimorar os instrumentos legais de gestão ambiental desta época. Nesse processo muitos ambientalistas enveredaram pelo campo político institucional, têm-se também a inauguração da disputa de representantes desses movimentos por cargos eletivos. As ONGs ambientalistas fazem tentativas de profissionalização com aumento significativo da capacidade de lidar com os instrumentos legais (JACOBI, 2003). São desdobramentos desse período, um acesso muito mais substancial da sociedade à informação, às discussões acerca do assunto e o fortalecimento da variável ambiental no campo institucional do Estado.

Apresentação 3.4 Camila Cortopassi Buso perguntou: Qual a imagem que te vem à cabeça quando escutas a palavra sustentabilidade? Gente, vejam na página da Sustentação o arquivo com a Declaração pela Sustentabilidade na UnB. É curta e resume os pontos principais do Documento de Políticas para GA. Vamos ler para a próxima reunião? (comunidade do *Facebook*, do Sustentação, acessado em dezembro de 2011).

Na década de 80, juntamente ao período de redemocratização do Brasil, o país inova com o lançamento de uma legislação ambiental específica. E isso comprova a incorporação gradativa do meio ambiente como assunto de Estado, ou seja, do fortalecimento dessa temática junto ao campo institucional.

Apresentação 3.5 A rede solidária é uma organização horizontal de pessoas que podem representar instituições, coletivos ou a si mesmas. Na rede solidária não há hierarquias e ocorre a gestão partilhada, a liderança múltipla e a participação voluntária. O grupo promove o empoderamento e a autonomia dos integrantes, o diálogo e a atuação engajada, reunidos em torno de propósitos, valores e ações compartilhadas. É uma forma de se organizar e funcionar baseada na troca e nas conexões, nos fluxos e na comunicação, que se fortalece e se mantém viva pela vontade, pelo protagonismo dos membros e pelas ações desenvolvidas coletivamente. (lista de e-mails do espaço-grupo Sustentação na plataforma do *Google Groups*, acessado em julho de 2011).

Até meados da década de 90 são inauguradas muitas entidades ambientais no Brasil. Dentre os principais obstáculos impostos a estas entidades, mereceram destaque a comunicação e a articulação com outros setores sociais que agiriam na diminuição do caráter efêmero dos movimentos e estiveram presentes na reformulação do aparato institucional-legal que sustentavam suas ações (JACOBI, 2003). As entidades envolvidas como os grupos socioambientais, grupos científicos, movimentos sociais e empresariais estão imbricados em processos e trocas de influência sobre outras entidades e outros setores, desde o legislativo, até as comunidades científicas.

O debate sobre a sustentabilidade atingiu o “*mainstream*”, no momento em que os ambientalistas e outros grupos de militantes buscavam se distanciar das soluções neoliberais para problemas ambientais e sociais. No entanto, os discursos ambientais que reivindicam prioridade para os “direitos” e que são dirigidos a altos níveis de abstração e agregação geográfica estão na prática, muitas vezes, frouxamente conectados com as escolhas culturais e as decisões políticas. (Redclift, 2012)

Pedro Jacobi (2005) admite, para o momento atual dos movimentos ambientalistas, que uma de suas características mais importantes seja a diversidade. A marca dessa diversidade é o amplo aspecto de práticas e atores e as inúmeras tendências que balizam as ações desses grupos, dentre elas: equidade, justiça, cidadania, democracia, preservação e conservação ambiental.

Apresentação 3.6 Projeto Tome Consciência. Precisa-se de parceiros para atuar no projeto Tome Consciência. Temas foco: educação ambiental, consumo consciente, reciclagem. (mural do parceiro sustentável, lista de e-mails no *Google Groups*, acessado em fevereiro de 2012).

O movimento ambientalista hoje trabalha com questões associadas às necessidades de constituição de uma cidadania para os desiguais, com ênfase nos direitos sociais. Uma de suas principais questões é a luta pela institucionalização crescente da área ambiental, marcadamente de baixa eficácia e capacidade técnica (JACOBI, 2005). Os principais problemas atuais ainda teriam relação com a baixa representatividade e com o processo de institucionalização.

Os ambientalistas pesquisados são estudantes e professores preocupados com a questão ambiental e vinham se ocupando dessa questão a partir do envolvimento em projetos socioambientais. Esses ambientalistas têm suas ações marcadas por teorias adquiridas em contato com o ambiente acadêmico, em intercâmbios, participações em congressos, experiência com projetos no Distrito Federal. Vimos esses ambientalistas envolvidos com congressos, fóruns, eventos na Universidade, ocupando discussões políticas, como por exemplo, acerca do novo Código Florestal. Enquanto observamos suas ações, observamos suas preferências por alimentação saudável, transporte alternativo, práticas holísticas, participação. Alguns são tipicamente aqueles do estereótipo mais conhecido acerca dos ambientalistas, outros nem tanto. Alguns andam de carro, consomem produtos industrializados, e outros, mas se importam e comunicam, dialogam a cerca de ações socioambientais, educacionais, políticas que levam em conta o meio ambiente e a sustentabilidade. Não estamos falando de um grupo de pessoas homogêneos.

Neste trabalho os ‘ambientalistas’ são aqueles que encontramos navegando pela *internet* em busca de ações sustentáveis, dialogando com base em teorias e cursos práticos de capacitação acerca de práticas e rotinas sustentáveis, associando-se a situações e processos. Esses ambientalistas trocam informações e fazem chamados para ações a partir do *facebook*. A Universidade também é um agente ambiental, um ambientalista capaz de contribuir para a sustentabilidade.

3.2 Agenda 21

A Agenda 21 é o principal documento resultante da CNUMAD. Ela tem esse nome porque se refere às preocupações com o século XXI. Este documento foi assinado por 179 países, inclusive o Brasil, anfitrião da conferência. O documento, como mostra a apresentação 2.7 reflete a preocupação da época com a importância de tentarmos, como sociedade para o século XXI, continuar desenvolvendo os países e suas comunidades sem a destruição do meio ambiente e com maior justiça social.

Apresentação 3.7 A Agenda 21 está voltada para os problemas prementes de hoje e tem o objetivo, ainda, de preparar o mundo para os desafios do próximo século. Reflete um consenso mundial e um compromisso político no nível mais alto no que diz respeito a desenvolvimento e cooperação ambiental. (Documento da Agenda 21, pág.).

Os representantes destes países marcaram a Rio 92, acordando e assinando a Agenda 21 Global. Estes países assumiram o compromisso e o desafio de internalizar, em suas políticas públicas, as noções de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável. Para tanto, a Agenda 21 conclama a todos para uma ação conjunta, onde se busca consenso entre vários grupos de interesse, por exemplo, movimentos sociais, órgãos governamentais e seguimentos comerciais. É um programa estratégico universal para que alcancemos, em nível global, o desenvolvimento sustentável no Século XXI. Consideramos estes documentos e políticas além dessas características oficiais. Estivemos preocupados em perceber como esses documentos são entidades que mobilizam e aglomeram uma grande mobilização de outras entidades.

Este autor aponta que estimular parcerias entre atores em posição de tomar decisões que combinem crescimento econômico, com equidade e proteção ambiental, a partir de direcionamentos, princípios e diretrizes é uma das principais marcas de um documento como este. A Agenda 21 é ‘papo de Estados’, já que são os governos que reconhecem a existência de novos esforços mundiais para relacionar produção, distribuição e consumo com as necessidades que tem a humanidade de desfrutar de um meio ambiente natural seguro e estável.

Apresentação 3.8. Casos se integrem as preocupações relativas a meio ambiente e desenvolvimento e a elas se dedique mais atenção, será possível satisfazer às necessidades básicas, elevar o nível da vida de todos, obter ecossistemas melhor protegidos e gerenciados e construir um futuro mais próspero e seguro. São metas que nação alguma pode atingir sozinha. (DECLARAÇÃO DO RIO DE JANEIRO SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, cap. 1).

Na prática se tratava de um programa de ação baseado num documento de 40 capítulos, na tentativa de promover, em escala planetária, o novo padrão de desenvolvimento, denominado “desenvolvimento sustentável”. Esses capítulos estão divididos em quatro seções e contemplam⁵ temas que vão da biodiversidade, dos recursos hídricos e de infraestrutura, aos problemas de educação e de habitação. O documento que tivemos acesso consta de 370 páginas, e cada uma das seções indica os objetivos, as atividades e os meios de implementação de cada proposição.

Os temas que ganharam maior destaque foram aqueles que resultariam em capítulos do documento. Dentre eles: a cooperação Internacional para acelerar o desenvolvimento sustentável dos países em desenvolvimento e políticas internas correlatadas; o combate à pobreza; mudança dos padrões de consumo; cuidados com a dinâmica e a sustentabilidade demográfica; a proteção e promoção das condições da saúde humana; promoção do desenvolvimento sustentável dos assentamentos humanos; a integração entre meio ambiente e desenvolvimento na tomada de decisões; a proteção da atmosfera; o incentivo a uma abordagem integrada do planejamento e do gerenciamento dos recursos terrestres; o ainda latente e insuficiente combate ao desflorestamento; para com o manejo de ecossistemas frágeis, incluindo aí a luta contra a desertificação e a seca; e também o gerenciamento desses ecossistemas frágeis; a conservação da diversidade biológica e o manejo ambientalmente saudável da biotecnologia, entre outros.

O termo Agenda 21 foi usado em alusão às intenções e desejos de mudanças para esse modelo de desenvolvimento para o século XXI. Tem-se considerado a Agenda 21 como um instrumento de planejamento para a construção de sociedades sustentáveis, em diferentes bases geográficas a partir de diretrizes, princípios e metas, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica, que foi capaz de desenrolar todo um processo político, econômico, e principalmente social. O que marca definitivamente estas discussões e que as tornam importantes para este trabalho é o fato de que a partir destas primeiras orientações, globais, houve um estímulo à criação de programas nacionais e locais de sustentabilidade, inclusive nas universidades públicas.

Para cumprir o acordado durante a ECO 92, foi criada por decreto presidencial a Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 21 – CPDS. A principal atribuição para esta comissão seria coordenar o processo de elaboração e

⁵ Documento versão online in <http://www.agenda21empresarial.com.br/arquivo/1260080709.625-arquivo.pdf> acessado em novembro de 2011.

implementação da Agenda 21 Brasileira. Os documentos que resultaram desses primeiros esforços são resultado de uma vasta consulta à população brasileira. Enquanto apresentamos a Agenda 21 Nacional nos baseamos, principalmente em dois documentos – “Ações Prioritárias”, que estabelece os caminhos preferenciais da construção da sustentabilidade brasileira, e “Agenda 21 Brasileira – Resultado da Consulta Nacional”, produto das discussões realizadas em todo território nacional. O conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMAA, através da Recomendação número 006, de 14 de janeiro de 2008⁶, incentiva aos órgãos e às entidades do Sistema Nacional do Meio Ambiente-SISNAMA a implementarem a Agenda Nacional do Meio Ambiente.

Por meio desse documento o Ministério do Meio Ambiente afirma que a Agenda Nacional do Meio Ambiente é um instrumento da Política Nacional do Meio Ambiente tendo como objetivo estabelecer referências de prioridades para programas e ações de âmbito nacional. O documento enfoca a interdependência das dimensões ambiental, econômica, social e institucional, semelhantemente as recomendações iniciais que o documento internacional da Agenda 21 já propunha.

A Agenda 21 Brasileira encontra-se dividida em dois documentos, a Agenda 21 Brasileira – Ações Prioritárias, que estabelece os caminhos preferenciais da construção da sustentabilidade brasileira, e Agenda 21 Brasileira – Resultado da Consulta Nacional, produto das discussões realizadas em todo território nacional.

É marcante nesse processo de elaboração da Agenda 21 Brasileira a formalização de parcerias, tendo em vista que as ações propostas pela Agenda 21 não poderiam ser tratadas apenas como programa de Governo, mas sim como um produto de consenso entre os diversos setores da sociedade brasileira. Na verdade uma tendência também dentro de outros programas e projetos do Governo Federal a partir da década de 90, com o processo de democratização e de fortalecimento de segmentos da sociedade civil, como os movimentos sociais.

Apresentação 3.9 A fim de alcançar o desenvolvimento sustentável, a proteção do meio ambiente deverá constituir parte integrante do processo de desenvolvimento e não poderá considerar-se de forma isolada. (PRINCÍPIO 4 da Declaração do Rio de Janeiro Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento)

É importante ressaltar que a Agenda 21 Brasileira foi constituída como um instrumento de planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável e que tem como eixo central a sustentabilidade. Era o momento auge de reconstrução dos

⁶ <http://www.mma.gov.br/port/conama/recomen/recomen08/recomen00608.pdf> acessado em julho de 2012.

valores e ideais democráticos, passados os anos brutais de ditadura no Brasil. Estiveram em voga conceitos e formulações que enfatizam e valorizam os aspectos da democracia participativa. Hoje as discussões acerca da sustentabilidade extrapolam a questão ambiental, podemos perceber que estes documentos citados trazem à tona essa necessidade. Esses documentos apontaram princípios e diretrizes, e modos de fazer que visam compatibilizar conservação ambiental, justiça social e crescimento econômico.

A primeira fase do processo de construção da Agenda 21 Brasileira deu-se entre 1996 e 2002, sendo coordenado pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional (CPDS). Essa primeira fase teve o envolvimento de cerca de 40 mil pessoas de todo o Brasil. O documento Agenda 21 Brasileira foi concluído em 2002 e implantado no governo Lula a partir de 2003.

Em nível constitucional, administrativo, legal e político, a Agenda 21 Brasileira fora blindada de diversas formas, pois no ano de 2003, o documento não somente entrou na fase de implementação assistida pela CPDS, como também foi elevado à condição de Programa do Plano Plurianual, pelo então governo do presidente Lula. Transformada em programa no Plano Plurianual do Governo (PPA 2004/2007), ganhava maior alcance, capilaridade e importância como política pública.

O Programa Agenda 21 é apresentado a partir de três ações estratégicas intentadas para serem realizadas com a sociedade civil: implantar a Agenda 21 Brasileira, elaborar e implementar as Agendas 21 Locais e, a formação continuada em Agenda 21. Só que o documento não parece ter sido escrito para a sociedade. Parece muito mais um documento escrito para 'Estados' e 'economias'.

O documento tem força política e institucional de instrumento de mobilização de outras entidades para um Brasil sustentável. E deixa marca sobre as diretrizes da política ambiental do Governo. Transversalidade, desenvolvimento sustentável, entre outros são adotados tendo referências importantes como a Carta da Terra.

Dentre algumas das estratégias intentadas para a consolidação do Programa, uma delas ressaltava a importância da utilização dos princípios e estratégias da Agenda 21 Brasileira como subsídios para a Conferência Nacional de Meio Ambiente, Conferência das Cidades e Conferência da Saúde. Esta ampla inserção da Agenda 21 remete à necessidade de se elaborar e implantar políticas públicas em cada município e em cada região brasileira.

O conceito de Agenda 21 local, é uma formulação pertinente ao documento inicial firmado durante a Rio 92, foi defendida na conferência preparatória à

(CNUMAD) por várias organizações e ressalta a importância da parceria entre o governo e a comunidade local na tomada de decisões. Em seu capítulo 28, a Agenda 21 conchama as autoridades locais a elaborarem suas Agendas 21 locais, no caminho do desenvolvimento sustentável.

A implantação da Agenda 21 local pode começar por iniciativa tanto do poder público quanto da sociedade, pois se trata de direcionamentos que incluem todas as esferas da sociedade. A criação de uma parceria efetiva entre governo e sociedade vem sendo tratada pelo documento como um de seus aspectos mais importantes, ou seja, existe uma grande expectativa de que as pessoas (estudantes, professores e funcionários) em seus cotidianos possam aderir aos princípios, valores, e linhas de conduta que estão propostos em documentos e políticas. E é essa expectativa que gera muitos programas, projetos, trocas de informação, campanhas de conscientização. O compromisso coletivo é apresentado como vital para o desenvolvimento de quase todos os aspectos de uma Agenda 21 local. Compromisso esse, que é de todos os órgãos da administração pública e de seus funcionários e da comunidade.

O que é essa localidade na prática? Na verdade, é a consideração de que cidadãos, representantes locais, técnicos e empresários estejam associados e que possam trabalhar em conjunto para definir as prioridades para um desenvolvimento sustentável local e que esse seja um passo necessário para o desenvolvimento sustentável em escala global. O documento aponta que o envolvimento dos diferentes quadrantes da sociedade é prioritário, por ser um documento que tem como característica o estímulo à democracia participativa e ao debate construtivo de projetos.

A Agenda 21 local sugere alguns princípios que deveriam ser incorporados a toda administração, por exemplo, Gestão Ecológica que é uma abordagem holística para gestão das áreas urbanas e à implementação de soluções sustentáveis; integração entre as dimensões econômicas, sociais e ambientais da sustentabilidade em todos os setores de formulação de políticas, em todos os níveis; capacitação institucional e organizacional para a gestão de áreas urbanas para a sustentabilidade e educação ambiental; coerência das ações políticas para que o desenvolvimento da sustentabilidade em nível local não seja minado por decisões e ações do Estado e União; medidas para evitar a duplicação de trabalho e recursos e para melhorar a troca produtiva de experiências; efetividade para melhorar a aplicação de políticas, programas e mecanismos existentes e, onde for necessário, desenvolver outros mais apropriados; participação e envolvimento da população, das ONG's, dos empresários, dos autarcas e

dos técnicos especialistas em todas as etapas do processo de elaboração da Agenda 21 Local.

Com a criação das agendas locais que seguem a mesma linha do documento original da Agenda 21, o Estado compromete-se com toda a questão do desenvolvimento sustentável para além dos interesses com o sistema natural, ou seja, além de um plano de cuidados para o meio-ambiente. Essas iniciativas locais se aplicam especialmente em municípios, escolas e universidades. Sendo assim, o Estado se constitui como aquele que mobiliza ações de produção, distribuição, comércio, cidadania, educação entre outros, tanto para atores sociais de grande impacto como estados, e grandes empresas, quanto para os cidadãos. O Estado é uma das importantes entidades associadas ao contexto dessa pesquisa, sendo aquele que cria as condições, possibilidades de ação e incentivos, arregimentando princípios e valores as práticas. Aparece como a instância máxima de decisão para esses princípios e valores o lançamento de políticas que o Estado está colocado no contexto dessa pesquisa. O Estado deixa rastros como o sistema que seguimos por meio de seus regulamentos, normas, financiamentos e políticas, e é assim que é capaz de arregimentar ações de outras entidades.

Apresentação 3.10 Os Estados deveriam cooperar para reforçar a criação de capacidades endógenas para obter um desenvolvimento sustentável, aumentando o saber científico mediante o intercâmbio de conhecimentos científicos e tecnológicos, intensificando o desenvolvimento, a adaptação, a difusão e a transferência de tecnologias, entre estas, tecnologias novas e inovadoras. (PRINCÍPIO 9 da Declaração do Rio de Janeiro sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento)

A Agenda 21 local ficou então definida no capítulo 28 da Agenda 21 Global como um processo contínuo de desenvolvimento sustentável e de construção de parcerias, e como sendo um instrumento de planejamento participativo. A Agenda 21 é explícita ao exigir que o desenvolvimento sustentável seja baseado na participação democrática. A Agenda 21 Global privilegia a ação local por entender que é na localidade, no espaço concreto do município, que as coisas acontecem, ou seja, delega à municipalidade a tarefa de dizer como desejam que seja o crescimento ou o desenvolvimento da sociedade e o futuro da localidade.

Outro ponto importante da agenda a visão integrada do desenvolvimento e da gestão através da questão ambiental, ou seja, possibilita uma visão estratégica sobre o desenvolvimento local integrado, pautando a questão do desenvolvimento a partir da variável ambiental. E é assim que chegamos ao momento em que são incentivadas as

criações das Agendas locais. A prioridade é orientar para a elaboração e implementação de Agendas 21 locais com base nos princípios da Agenda 21 Brasileira que, em consonância com a Agenda global, reconhece a importância do nível local na concretização de políticas públicas sustentáveis. De acordo com dados do Ministério do Meio Ambiente⁷, atualmente, existem mais de 544 processos de Agenda 21 locais em andamento no Brasil, quase três vezes o número levantado até 2002.

A Agenda 21 local é um importante instrumento para se conduzir processos de mobilização, trocas de informações, geração de consensos em torno dos problemas e soluções locais para as questões ambientais, porque reúne em um documento valores e princípios para ações sustentáveis, e é com base nesse documento que outras ações são tomadas. E ações de estados e municípios, com cuidados com suas bacias hidrográficas ou unidade de conservação, até bairros, escolas, ou uma Universidade, como é o caso da UnB sofrem influência desse documento. Percebemos como este processo está articulado com outros projetos, programas e atividades do governo e sociedade, com envolvimento dos agentes regionais e locais, assim é o exemplo da Rio+20, a participação dos diretórios juvenis regionais e o evento da Cúpula dos Povos, e ainda os programas de incentivo fiscal entre outros.

O Ministério do Meio Ambiente é um dos responsáveis pela implantação continuada da Agenda 21. Parte desse trabalho foi feito a partir da tentativa de entender como um documento como esse é capaz de formar e preparar para o cuidado das gerações futuras com o meio ambiente e com a sustentabilidade.

Apresentação 3.11 tem como missão promover a adoção de princípios e estratégias para o conhecimento, a proteção e a recuperação do meio ambiente, o uso sustentável dos recursos naturais, a valorização dos serviços ambientais e a inserção do desenvolvimento sustentável na formulação e na implementação de políticas públicas, de forma transversal e compartilhada, participativa e democrática, em todos os níveis e instâncias de governo e sociedade. (sítio do Ministério do Meio Ambiente, www.mma.gov.br, acessado em janeiro de 2012.)

A Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, regulamenta a estrutura organizacional e as competências para que o Ministério do Meio Ambiente tenha funcionamento no sentido de promoção e adoção de princípios e estratégias em prol do desenvolvimento sustentável. A partir dessa lei fica comprometido com a proteção e recuperação do meio ambiente para o desenvolvimento e do uso sustentável de recursos naturais. E ainda com os processos de regulamentação e valorização dos serviços ambientais e da

⁷ Sítio eletrônico do Ministério do Meio Ambiente, www.mma.gov.br acessado em janeiro de 2012.

inserção do desenvolvimento sustentável na formulação e na implementação de políticas públicas. Também é essa lei que aponta a necessidade de que todas essas ações sejam perseguidas de forma transversal e compartilhada, participativa e democrática, em todos os níveis e instâncias de governo e sociedade.

Na UnB, a versão preliminar do documento ficaria pronta após trabalho de especialistas de diferentes departamentos da Universidade. Essa participação de especialistas de um ou mais departamentos, foi apoiada pela UnB, e combina com as exigências de tratar o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade como um complexo de relações entre participação política, desenvolvimento sustentável. Boa parte do que a sustentabilidade é, tem a ver com a ideia que temos sobre o desenvolvimento e o futuro do planeta. Tem a ver com as expectativas e tendências apontadas pelo conhecimento. Construir um documento com a participação de profissionais associados a áreas diferentes do conhecimento é uma das formas de fazer com que ele respeite a complexidade que a Agenda 21 aponta para o tema. É o que veremos no próximo trecho deste trabalho.

Quadro 2. Carta da Terra e Declaração de Talloires

O Edital não é um documento extenso e altamente detalhado como a Agenda 21. O documento trata-se de uma chamada interna para a comunidade acadêmica da UnB. O conteúdo do documento concorda com parâmetros e princípios que foram construídos em décadas de negociações, discursos e práticas. Trata-se de um documento de princípios, valores e regulamentos. Não se trata de uma cartilha sobre como fazer sustentabilidade. Não é um manual. Não ensina a fazer sustentabilidade, não dá exemplos. Vai direto a questão que interessa: dispor sobre o processo seletivo.

O documento é apresentado em 15 linhas de texto e logo nessa introdução concorda com direcionamentos que dispõe sobre o que é agir em prol da sustentabilidade, do desenvolvimento sustentável, contra o rápido crescimento demográfico em escala global, contra o uso indevido de recursos naturais, e a pobreza, a opressão, a injustiça e a violência. O texto concorda rapidamente com formas de fazer sustentabilidade que estão colocadas por outros documentos, associando-se a outros acordos já firmados anteriormente. Um dos documentos que o Edital concorda é a Carta da Terra, uma declaração que estabelece os princípios éticos fundamentais para a construção, no século 21, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. A Carta é como um manifesto em prol da natureza, da Terra. Por isso tem um discurso um tanto poético, com teor de campanha para compromissos mútuos. Aponta para a interdependência global e da necessária responsabilidade compartilhada voltada para o bem-estar da humanidade, e das futuras gerações⁸. É ao mesmo tempo, um discurso que apresenta uma visão de esperança e um chamado à prática, com urgência. O documento, resultado de uma década de diálogo intercultural, em torno de objetivos comuns e valores compartilhados, se preocupa com a transição para maneiras sustentáveis de vida e desenvolvimento humano sustentável. O texto diz reconhecer o caráter indivisível e a interdependência dos objetivos de proteção ecológica, erradicação da pobreza, desenvolvimento econômico equitativo, respeito aos direitos humanos, democracia e paz.

Necessitamos com urgência de uma visão compartilhada de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à comunidade mundial emergente. Portanto, juntos na esperança, afirmamos os seguintes princípios, interdependentes, visando a um modo de vida sustentável como padrão comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas, governos e instituições transnacionais serão dirigidos e avaliados. (Carta da Terra, 1992).

⁸ <http://www.cartadaterrabrasil.org> acessado em 02 de junho de 2012.

O documento fala de respeito, compaixão e amor para com a comunidade e com a Terra, sobre justiça social e econômica, sobre democracia e não violência e paz. Oferece um “modelo”, um caminho para um futuro sustentável. Avisa que àquela época, 1992, a sociedade estivera diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deveria escolher com responsabilidade sobre seu futuro.

O documento aponta para a fragilidade dessa grande interdependência global, que é ao mesmo tempo o maior trunfo e o maior perigo para a comunidade humana. O documento exige o reconhecimento da grande diversidade de culturas e formas de vida presentes na Terra, mas coloca todas elas como uma mesma família humana e uma mesma comunidade terrestre. O texto dá relevância para a união de culturas em prol de nossa Terra, apostando na riqueza dessa diversidade para o sucesso no caminho da sustentabilidade. Transforma a sustentabilidade em caminho. Tenta fundar um modelo de comunidade com base no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz.

Outro documento com o qual o EDITAL se associa é com a Declaração de Talloires. “The Talloires Network” é uma associação internacional de instituições comprometidas com o fortalecimento da sociedade civil e com a educação superior. O que nos interessa dessa rede é que eles dizem promover valores humanos comuns e universais. Dizem persuadir milhões de estudantes universitários, e outros muitos milhões de docentes, funcionários, graduados e membros de corpos governamentais ao redor do mundo a juntarem-se a suas atividades. A UnB é um exemplo disso.

A declaração de Talloires⁹ indica que os integrantes dessa rede acreditam nas instituições de ensino superior como potenciais fortalecedoras da sociedade à qual fazem parte. É quando a Universidade, como berço do conhecimento, valores e do compromisso dos docentes, funcionários e estudantes, são capazes de formar e preparar estudantes para contribuir positivamente em comunidades locais, nacionais e globais. A UnB assume a responsabilidade de promover entre seu corpo docente, alunos e funcionários o senso de responsabilidade social e um compromisso com o bem social, o qual, acreditamos, é a base para o sucesso de uma sociedade democrática e justa.

⁹ Para mais informações do documento oficial in <http://talloiresnetwork.tufts.edu/> acessado em janeiro de 2012

Este capítulo explorou como discursos sustentáveis são construídos e aplicados na construção de documentos, políticas, programas, eventos mundiais e outros. Assim, acabamos seguindo como a sustentabilidade torna-se ponto de passagem obrigatório e um importante mobilizador de ações de governos, instituições, pessoas, empresas e outros.

4 A UNB SUSTENTÁVEL

Neste capítulo são feitas considerações acerca de como a UnB torna-se sustentável. Destacam-se a participação do Núcleo da Agenda Ambiental, por meio da elaboração e lançamento do Edital ‘Mostre seu amor pela UnB’, no ano de 2010, e a associação da UnB a outras entidades por meio da assinatura de contratos, acordos e a realização de eventos que têm a sustentabilidade como tema principal.

4.1 Núcleo da Agenda Ambiental, organizacional, institucional.

Este item apresenta uma importante entidade que simboliza um desdobramento significativo dos acontecimentos narrados anteriormente, sendo, também, capaz de esclarecer o modo como esses desdobramentos concretizam-se em relação à Universidade de Brasília. Apresenta, ainda, momentos complexos, com suas particularidades em lógicas e processos de funcionamento compostos por entidades e processos heterogêneos que se encontram e ajudam a compor a UnB sustentável-participativa. O encontro dessas entidades foi acompanhado, ou seja, situações e processos aos quais estiveram associadas diferentes temporalidades que constituem esses agentes – por exemplo, o Edital, o espaço-grupo e o Núcleo da Agenda Ambiental, que será apresentado neste item, mas que dialogam enquanto associados a outras entidades nos processos que caracterizam a UnB sustentável que essa pesquisa acompanhou. Esta parte do trabalho, fala sobre como essas temporalidades se adequam umas às outras a partir de processos e associações.

O NAA (Núcleo da Agenda Ambiental) da UnB foi criado em 1997, a partir de consultas, pesquisas, discussões políticas e arranjos institucionais que começaram em 1993 e hoje é o departamento responsável pelas tratativas que cuidam das responsabilidades e interesses ambientais da Universidade de Brasília. Esta pesquisa precisou investigar a consolidação desse segmento institucional da Universidade de

Brasília como estratégia para entender sobre sustentabilidade e gestão coletiva nos *campi* e para que se pudesse entender como a UnB, por meio de um segmento institucional, pretende coordenar e mobilizar esforços da comunidade acadêmica para o desenvolvimento sustentável e para a sustentabilidade, como realizado na Agenda 21, na Carta da Terra, na Declaração de *Talloires*, dentre outros.

A Agenda Ambiental está vinculada ao Decanato de Extensão da UnB - DEX. Desde 2007 o NAA vem apoiando e fomentando iniciativas de promoção de ações sustentáveis na UnB. A Agenda tem hoje um Edital como a sua principal estratégia para a consecução dos objetivos da instituição¹⁰.

De acordo com Ramalhete (2011), foi em 1993 que começaram, na UnB, as atividades que dariam origem ao Núcleo de Educação Ambiental e Ecologia Humana, na Faculdade de Educação. Somou-se a esse Núcleo a força de outros profissionais da universidade, que realizavam estudos socioambientais específicos, culminando com a criação da Agenda 21 da UnB, em 1998, por decreto da Reitoria.

Apresentação 4.1 O Programa Agenda 21 da UnB consistia em um plano de ação voltado à melhoria da qualidade de vida no *campus*, à definição de uma política de gestão ambiental para a UnB e à intensificação de programas de educação ambiental. A versão preliminar do programa foi elaborada com a assessoria de especialistas de diversos departamentos e centros da UnB. (RAMALHETE, 2011, p. 38).

Mas foi no ano de 1998 que realmente iniciou-se o processo de construção da Agenda 21 da Universidade de Brasília, baseado na Agenda 21 Brasileira, utilizando, inicialmente, diagnósticos realizados pelo Programa UnB Verde (1994) e dados da Prefeitura do *campus* e do Decanato de Assuntos Comunitários. O programa UnB Verde acabou destacando alguns pontos que precisavam ser trabalhados de acordo com a pesquisa realizada, tais como: falta de definição de uma política ambiental para a UnB e ausência de um sistema estruturado de gestão ambiental para a instituição.

Em junho de 1999 foi realizado, no *campus* Darcy Ribeiro, o Seminário da Agenda 21, que visava à construção participativa da Agenda 21 da UnB, além de servir à divulgação de publicações e experiências no campo socioambiental. A iniciativa foi coordenada pelo Decanato de Extensão e desenvolvida pelo Grupo de Trabalho da Agenda 21. (RAMALHETE, 2011). Naquele ano, de acordo com o ‘histórico da

¹⁰ Os projetos vêm sendo selecionados por meio de Edital, que é uma chamada interna a professores, estudantes de graduação e pós-graduação ou técnicos administrativos do quadro da Universidade de Brasília que proponham incluir atividades voltadas para a gestão sustentável dos *campi* da UnB.

Agenda' no sítio eletrônico da NAA¹¹, foram instaladas 25 urnas em pontos estratégicos do *campus* Darcy Ribeiro com o objetivo de coletar as opiniões da comunidade acadêmica sobre os temas ambientais mais relevantes a serem tratados.

Ramalhete (2011) afirma que os temas mais relevantes elencados pela comunidade acadêmica naquela oportunidade seriam o conteúdo do Seminário Agenda 21 da UnB. Esses temas foram considerados os principais problemas socioambientais presentes na Universidade. Foram elencados cinco temas prioritários: Energia, Água, Áreas Verdes, Resíduos Sólidos e Alimentação & Saúde, todos ainda permeados transversalmente pela Educação Ambiental. Cada uma dessas temáticas resultou em um grupo de trabalho para atuação na Universidade. Esses grupos continuaram suas atividades até 2003, ano em que essas atividades foram interrompidas para serem retomadas apenas em 2007.

No ano de 2007, a questão ambiental na UnB ganharia novo ânimo, pois seria criado o Núcleo da Agenda Ambiental da UnB (NAA), retomando a proposta iniciada pela Agenda 21 da UnB elaborada em 1998, órgão institucional deliberativo. (RAMALHETE, 2011).

Para a criação do Núcleo foi estabelecida a Comissão da Agenda Ambiental da UnB. Essa Comissão foi um grupo institucional consultivo e deliberativo formado por professores especialistas da área ambiental e representantes de estudantes e funcionários e esteve diretamente ligada à elaboração e execução do programa do Núcleo da Agenda. Sua missão foi debater e propor soluções compartilhadas para as questões socioambientais nos *campi* da UnB. Assim que se realizou o Fórum de Mobilização Permanente, também foi apresentada, no mesmo ano, a primeira versão do Edital 'Mostre seu amor pela UnB', que abordava apenas três áreas temáticas: Resíduos Sólidos, Saúde e Nutrição e Mobilidade Sustentável.

Apresentação 4.2 Além de criar uma comissão, a coordenação da nova proposta de Agenda 21 considerou prioridade focar na mobilização comunitária e no fomento a projetos socioambientais. A ideia central era estimular que mais estudantes, professores e funcionários atuassem em projetos de sustentabilidade ambiental. (RAMALHETE, 2011, p.36).

No ano de 2008, sete projetos foram selecionados pelo Edital 'Mostre seu amor pela UnB' e foi oferecido a eles apoio institucional e financeiro com o intuito de

¹¹ < <http://www.naa.unb.br>>. Acesso em julho de 2010.

viabilizar a atuação durante aquele ano, com ações voltadas para a sustentabilidade no *campus*.

O Edital ‘Mostre seu amor pela UnB’, de 2009, contemplou dez projetos nas seguintes áreas: Resíduos Sólidos, Saúde e Nutrição, Transporte Sustentável e Comunicação e Educação Ambiental, Fortalecimento da Articulação e Integração com os demais setores da Universidade, Prefeitura, DAC/RU/DAS/DEA, Finalização do Documento de Políticas Públicas para a gestão socioambiental nos *campi*, dando a sensação de continuidade das iniciativas do Núcleo, em função do aumento da abrangência de questões e do número de áreas temáticas levadas em consideração. (RAMALHETE, 2011).

Em junho de 2009, a Agenda Ambiental lançava a ‘Declaração do Seminário Gestão Socioambiental para UnB em debate’, uma iniciativa que convocava toda a comunidade universitária a selar compromisso público e institucional por meio de ações de planejamento, implantação e acompanhamento de práticas em prol da sustentabilidade ambiental e da qualidade de vida nos *campi*, de acordo com a Agenda 21 e com a legislação ambiental em vigor.

Institucionalmente, esse seminário teve como resultado a elaboração de uma declaração de cunho normativo, na qual eram temas de destaque o cuidado com os resíduos sólidos, o lixo dos *campi*; o consumo consciente para a redução de resíduos sólidos, com medidas institucionais e de mobilização comunitária; medidas de saúde e nutrição nos *campi*, a fim de promover uma cultura saudável, com abordagem holística; alimentação natural e diversificação dos locais que a oferecem nos *campi*; produtos orgânicos e ecossociais, principalmente aqueles originários do cerrado; terapias naturais, criação de espaços; mobilidade sustentável, privilegiando modos de transporte coletivo de pessoas ao invés de veículos; ciclo faixas, ciclovias x tráfego de automóveis; novos comportamentos e novas atitudes que subjazem todas as temáticas; introdução do tema socioambiental no projeto político pedagógico da UnB, por meio de disciplinas e projetos de pesquisa e extensão; campanhas de divulgação e conscientização; selo verde aos departamentos que adotarem os parâmetros, entre outros.

Os resultados dessa audiência pública foram incorporados ao documento base que, em novembro de 2009, seria lançado como documento oficial de Políticas Públicas para Gestão Socioambiental Sustentável na Universidade de Brasília.

De acordo com o documento, a mobilização social e a normatização de políticas públicas seriam as estratégias necessárias à implantação e consolidação de mudanças. O

documento contempla seis áreas temáticas trabalhadas pela Agenda, são elas: Resíduos Sólidos; Mobilidade Sustentável; Educação e Comunicação; Áreas verdes e Espaços de Convivência; Água e Energia; Saúde e Nutrição.

As primeiras propostas para a questão ambiental na UnB foram originalmente elaboradas por membros da Comissão da Agenda Ambiental e pela equipe do Núcleo da Agenda Ambiental da Universidade de Brasília, vinculada ao Decanato de Extensão, em 2008. Depois de constituída a base, essas questões foram submetidas à discussão pública da comunidade universitária no Seminário supracitado de Gestão Socioambiental na UnB, em debate promovido entre os dias 3 e 5 de junho de 2009, no auditório Dois Candangos, no *campus* Darcy Ribeiro, que resultaria na Declaração. Esse encontro reuniu cientistas, ambientalistas e representantes do Poder Legislativo, do terceiro setor, imprensa e comunidade acadêmica. As metas foram traçadas em prol da responsabilidade social e do cuidado essencial com o futuro das pessoas, comunidades e meio ambiente.

Apresentação 4.3 O Edital Mostre seu amor pela UnB foi lançado no mesmo ano em que a Agenda, 2007. Foi lançado como uma forma de incentivo e de apoio à consolidação da mandala de PACS, tendo como objetivo inicial o fomento ao desenvolvimento de projetos de extensão que contribuíssem para a promoção da sustentabilidade nos *campi* e estivessem alinhados com as propostas da Agenda Ambiental. A estratégia de lançamento do Edital pretendia, também, estimular o cadastro de PACS e a consequente vinculação dos projetos socioambientais existentes na UnB à Agenda. (RAMALHETE, 2011, p.61).

Cada Conferência avançou em debates e na busca de soluções produzindo, oficialmente, documentos importantes em temas pontuais de grande complexidade que envolvia questões ambientais. Particularmente, a Rio/92 estabeleceu o compromisso internacional e no Brasil, no caso das universidades públicas federais, de cumprir as resoluções e obrigações dela decorrentes, entre eles a Agenda 21 e a Carta da Terra.

A UnB, por ser signatária da Carta da Terra, firma compromisso ainda mais sólido com a questão ambiental. A Carta da Terra teve origem no Fórum Global/92, evento paralelo à Rio/92, promovido por entidades da sociedade civil. Desta forma, a UnB reuniu esforços para seguir os princípios da Carta da Terra, que tem por objetivo estabelecer uma ética global para uma sociedade global, por meio da criação de novos níveis de cooperação entre estados, setores da sociedade e o povo. Como decorrência desses compromissos internacionais, a UnB, desde 1998, baseada na Agenda 21, iniciou o processo para a construção da sua própria Agenda. Posteriormente, em 2007, foi

nomeada a Agenda Ambiental da UnB, com o objetivo de interligar e mobilizar a comunidade universitária, fazendo interagir pesquisa, ensino e extensão, integrando as atividades universitárias para a gestão coletiva, socioambiental e sustentável nos quatro *campi*. Nesse sentido, a Agenda Ambiental é composta pela Comissão da Agenda Ambiental da UnB, grupo institucional consultivo e deliberativo formado por professores, especialistas da área ambiental e representantes de estudantes e funcionários, e pelo Núcleo da Agenda Ambiental (NAA), grupo institucional sediado no Decanato de Extensão, cuja missão é discutir e implantar, de forma participativa e integrada, a agenda ambiental nos *campi*.

4.2 Edital ‘Mostre seu amor pela UnB’

Este item apresenta o Edital ‘Mostre seu amor pela UnB’ como uma entidade que deixa rastros e transforma as ações dos envolvidos com a sustentabilidade no contexto da Universidade de Brasília. O documento concorre decisivamente para o tratamento da comunidade acadêmica com o tema da gestão socioambiental e da sustentabilidade. O Edital foi construído a partir dos direcionamentos da Agenda 21 e da Carta da Terra, dando destaque à sustentabilidade e à gestão socioambiental coletiva dos *campi* da UnB.

Apresentação 4.4 Ainda como manifestação de seu compromisso com a sustentabilidade universitária, a UnB também é signatária da Declaração de *Talloires*, que envolve mais de 400 universidades de 40 países conscientes da importância dos estabelecimentos de ensino superior exercerem um papel de liderança para contribuir com a educação, pesquisa, formação de políticas e intercâmbio de informações para enfrentar os desafios da sustentabilidade. (EDITAL, 2010, p.1).

O trecho acima foi extraído do primeiro parágrafo do Edital e é nessa breve apresentação, de 15 linhas, que o documento apresenta seu vínculo com ideais sistemáticos, discursos totalizantes, acordos internacionais, interações globais e ações corretivas de grande envergadura. Essa apresentação é capaz de levar a UnB a vários lugares do mundo, associando-a a 40 países, 400 universidades e tornando-a corresponsável e partidária dos valores e princípios consagrados em grandes acordos.

O Edital ‘Mostre seu amor pela UnB’, ator-rede constituído durante quase 20 anos de arranjos institucionais, reuniões e negociações políticas, redação de documentos e fatos que aconteceram no Brasil e no mundo, dentre outros, atua como porta-voz da

‘gestão coletiva da questão ambiental da UnB’, tendo convocado estudantes, professores e funcionários para gerirem projetos socioambientais na Universidade de Brasília e os mobilizado para isso, já que influencia o formato e o significado de suas ações. Por meio dele, chega-se à Agenda 21, à Carta da Terra, à Declaração de *Talloires*, à ideia de desenvolvimento sustentável e ao seu processo de constituição. Chega-se, também, aos seminários realizados pela Agenda, ao NAA, DEX, entre outros. A partir do acesso ao Edital, pôde-se perceber sua relevância para as ações observadas.

Ao se descentralizar e relacionar o Edital chega-se a uma quantidade enorme de posições ideológicas, discursos e intenções, podendo-se, então, apontar algumas dessas associações explicativas acerca de sua capacidade de mobilização. Com a ajuda da citação acima, entende-se o Edital como um objeto complexo, capaz de redistribuir ações. (LATOURE, 2010). O Edital condiciona, dirige e aponta como fazer parte de um programa, mostrando o que se pretende financiar. Esse documento é um importante mobilizador de ações para os envolvidos nas situações que constroem a sustentabilidade e a gestão socioambiental da UnB. O Edital foi construído durante longa jornada de discussões, negociações, estudos, pesquisas e acordos, tendo contado com a participação da sociedade civil, da comunidade acadêmica e com os direcionamentos da Universidade de Brasília à Carta da Terra e à Declaração de *Talloires*.

O objeto do documento é um processo seletivo, lançado pela primeira vez pelo Núcleo da Agenda Ambiental (NAA) no ano de 2007, propondo princípios e diretrizes em prol da sustentabilidade dos *campi* da UnB, com o intuito de orientar ações, estimular novos projetos e firmar parcerias com projetos já existentes. Trata-se de uma forma de ação do NAA que convoca os projetos da comunidade universitária (estudantes, professores e funcionários) para uma gestão coletiva, socioambiental e sustentável nos *campi*.

Apresentação 4.5 O objetivo do presente Edital é estimular o interesse e o envolvimento de estudantes, professores e técnicos administrativos nas atividades da Agenda Ambiental da UnB de modo a favorecer a gestão participativa para a gestão sustentável dos *campi* da UnB e a formação de redes socioambientais que atuem articuladas ao Núcleo da Agenda Ambiental. (EDITAL, 2010, p.1).

No segundo item do Edital é apresentado o objetivo geral da Universidade. Não é um conteúdo explicativo, não é uma metodologia, não ensina como fazer sustentabilidade na prática ou a ter um estilo de vida sustentável e muito menos acerca de gestão coletiva sustentável, trata de um favorecimento para a construção de gestão

participativa e sustentável dos *campi* da UnB, baseada na formação de redes socioambientais. O documento, de 03 de setembro de 2010, serve para tornar públicas condições para a realização da seleção de projetos de sustentabilidade ambiental para os *campi* da UnB. Um documento de apenas quatro páginas que carrega mais de 20 anos de história e processos de associação, ainda não finalizado. O documento apresenta compromissos assumidos pelo Núcleo da Agenda Ambiental e pelo Decanato de Extensão, em nome da UnB, concomitantes a valores e intenções da Carta da Terra e da Declaração de *Talloires*.

Quando um projeto é selecionado no Edital, ele passa a ser um PACS – Ponto de Ação e Cultura Sustentável. Quando uma iniciativa da comunidade acadêmica ganha a alcunha de PACS significa que ela está qualificada como um projeto socioambiental da universidade. Os projetos são beneficiados com um financiamento. São esses projetos, ao desenvolverem suas iniciativas que podem durar um ano ou mais, os responsáveis por conectar a UnB a uma ecologia complexa de atributos, aliados, ajudantes e cúmplices. (LATOURE, 2010).

De acordo com o documento, cada projeto ou cada PACS deveria atuar em articulação com o Núcleo da Agenda Ambiental e em contato com outros PACS. Dessa forma, segue-se a missão da Agenda, que é ‘buscar, interligar e mobilizar a comunidade universitária (estudantes, professores e funcionários) para uma gestão coletiva, socioambiental e sustentável nos *campi* [...] este caminho passa pela participação ativa de todos, a fim de chegar a soluções criativas e transformadoras’¹². Sendo assim, a Agenda busca dar consistência às ações da comunidade universitária em prol da sustentabilidade e conectar o sentido dessas ações àqueles consagrados pelos princípios do documento que rege o processo seletivo. Pode-se entender o Edital como um regimento para seleção de projetos, que é um instrumento de gestão da Universidade, um ou vários acordos e filiações ideológicas, uma ação corretiva, entre outros.

Percebe-se que a Universidade pretende estimular o interesse e o envolvimento de professores, estudantes e técnicos administrativos nas atividades do Núcleo da Agenda Ambiental, atuando como aquela que é capaz de lançar condições para a realização de uma sociedade sustentável em prol dos direitos humanos, da justiça econômica, da cultura de paz, da solidariedade e do estilo de vida sustentável a partir de condições de inscrição, parâmetros de análise e caracterização dos projetos, de

¹² Site do Núcleo da Agenda Ambiental <www.unb.br/NAA>. Acesso em 03.02.2012.

aplicação de recursos, de obrigações entre partes vinculadas por contrato e outros detalhes para um processo seletivo de projetos ambientais e os subsequentes desdobramentos para os selecionados.

Quadro 3. Decanato de Extensão

O DEX é responsável por promover atividades de extensão por meio dos institutos, faculdades e departamentos da universidade, com o objetivo de incentivar a interação entre a UnB e a sociedade, integrando as artes e a ciência ao ensino, à pesquisa e ao desenvolvimento social.

A extensão universitária é uma forma de valorizar e potencializar as ações acadêmicas junto à comunidade. Trata-se de um conjunto de esforços políticos e institucionais que visam contribuir com as relações entre a Universidade e a sociedade em prol do desenvolvimento sustentável. Cada departamento da Universidade possui um representante das ações de extensão da UnB.

O Edital está associado ao segmento de Extensão da Universidade de Brasília e concorda que a educação seja a chave para o desenvolvimento sustentável, assim como para os compromissos sociais e ambientais. Esses compromissos são fortalecidos por meio de ações como essa. As obrigações da universidade tornam-se mais complexas porque extrapolam a produção do conhecimento. A Universidade assume papel cívico e responsabilidade social em prol da participação da comunidade em assuntos e questões ambientais, desde a cultura até a questão econômica, indo além dos seus papéis mais tradicionais de ensino e pesquisa, e o seu segmento mais qualificado para tal tarefa, de acordo com o documento, é o da Extensão. O Edital materializa um processo que atribui à capacidade da Universidade de contribuir com a formação de políticas e a troca de informações.

Apresentação 4.6 DA CONDIÇÃO PARA INSCRIÇÃO: São condições para inscrição de projetos: 1. Ser Professor, Estudante de Graduação ou Pós-Graduação, regularmente matriculado, ou Técnico Administrativo do quadro da Universidade de Brasília e; os integrantes da equipe técnica deverão estar vinculados a um Ponto de Ações Culturais Sustentáveis - PACS. (EDITAL, 2010, p.1).

O trecho acima aponta o público-alvo do documento e as condições para a inscrição de projetos, dentre elas a de restrição da participação à comunidade acadêmica, desde estudantes até professores e funcionários. Até o ano de 2010 os

cadastros dos selecionados eram vinculados diretamente ao NAA. Enquanto esta pesquisa desenvolvia-se, o cadastro dos PACS passou a ter vínculo direto com um cadastro geral do próprio DEX, que inclui todas as atividades ligadas à Extensão.

Sendo assim, o processo de filiação dos projetos de extensão ao Decanato responsável passou a utilizar um mesmo sistema de cadastro comum a todos, o que alterou a forma como os projetos filiados ao Edital fazem seus cadastros, prestam suas contas, entre outros. O Edital continua a oferecer incentivo por meio de bolsas de extensão. O Decanato de Extensão - DEX da Universidade de Brasília - UnB, no uso de suas atribuições, lançaria para a comunidade acadêmica da UnB, no desenrolar desta pesquisa, o Edital nº 02/2011 do Programa Institucional de Bolsas de Extensão – PIBEX, no qual estão reservadas as bolsas para os PACS, sendo uma nova versão do Edital. Os projetos precisam passar pelo processo seletivo, depois ter suas atividades cadastradas e ainda informar uma conta bancária para recebimento dos recursos. Depois de recebidos os recursos, os projetos iniciam uma parceria de um ano letivo com o NAA.

Quadro 4. Pontos de Ação e Cultura Sustentáveis

Nesse pouco mais de um ano acompanhando o espaço-grupo Sustentação estive mais atento aos encontros *do GTRS, Tupã, Clube de Yoga, Mover Juntos, Sete Saberes, NAA, Projete, Reciclando o Cotidiano, Cerrado em Pauta, e Usina* quando envolvidos, declaradamente, com a construção de suas ações coletivas e de articulação entre eles. Levei em conta que o Edital deixa rastros nesses encontros, mesmo como pano de fundo que dá significado a algumas ações.

Não tive contato aprofundado com suas ações. Mas pude ouvi-los contar a respeito, pude ver que dedicam tempo extra para essas atividades, que se preocupam com a continuidade de suas ações, que estão preocupados com questões de interesse global, mas que vêm atuando localmente no contexto do Distrito Federal. Tive a oportunidade de perceber que tratam de temas concomitantes, porém bastante diversos, que vão desde a educação ambiental até a reutilização de resíduos sólidos. Por isso, só aparecem em ação para fora do espaço-grupo Sustentação, neste trabalho, quando se mostram importantes para a compreensão do contexto do encontro no espaço-grupo.

O vasto império de informação necessário para fazer a sustentabilidade ter um caminho, condições de realização presentes no Edital, se encontra com práticas

cotidianas de sustentabilidade que trazem influências de outras localidades, outras temporalidades. Por exemplo, conheci Edivardo Conrado, professor voluntário no projeto *Reciclando o Cotidiano*. Ele atua com oficinas em escolas do DF, Guará, Ceilândia e Taguatinga e chegou ao Sustentação com interesse em angariar parceiros e outros voluntários para atividades na semana no Meio Ambiente. Ele não chegou ao Sustentação sabendo o que iria encontrar, acabou ficando, frequentou várias reuniões a ponto de suas opiniões terem um eco maior dentro das oficinas e círculos de diálogos do grupo. O grupo fazia a tal gestão coletiva por meio de *e-mails* e troca direta de argumentos e informações entre si.

Foi determinante para esta pesquisa, buscando o entendimento das associações observadas, perceber a agência do Núcleo da Agenda Ambiental e do DEX e sua capacidade de qualificar quais projetos são ou não congruentes com todos os princípios presentes no Edital, que o constituem implícita e explicitamente. Na prática, o Edital é capaz de transformar uma iniciativa de um aluno ou de um professor em um PACS.

Apresentação 4.7 Constituem-se elementos básicos para elaboração dos projetos: 3.1.1. Incluir atividades que sejam voltadas para gestão sustentável dos *campi* da UnB e ser implementado no ano letivo de 2010. (EDITAL, 2010, p.2).

O trecho acima foi retirado do tópico que trata da caracterização dos projetos e os condiciona a atuarem em prol da gestão sustentável dos *campi* da UnB e, ainda, que o caminho de constituição de uma gestão coletiva requer uma participação ativa de todos, a fim de aparecerem as tais ‘soluções criativas e transformadoras’. O Edital condiciona a forma de apresentação desses projetos, o que se assemelha bastante com a apresentação básica de um projeto de pesquisa ou qualquer trabalho científico padrão, porém com a observação importante de que a descrição dos gastos orçamentários e o cronograma de execução são parâmetros relevantes que devem estar apontados. Finalmente, os projetos contemplados por esse processo seletivo receberão bolsas. As condições de aplicação dos recursos também estão determinadas no Edital, que admite gastos apenas com materiais de consumo permanente e bibliográfico. O Edital remete ao papel que a Universidade pretende assumir frente ao desenvolvimento sustentável e às questões da sustentabilidade e da democracia.

Apresentação 4.8 Será de R\$ 24.000,00 (vinte e quatro mil reais) o valor total disponível para esse Edital; o valor máximo estabelecido para implementação de cada projeto será de R\$ 2.000,00 (dois mil reais) e serão selecionados, no mínimo, 12 (doze) projetos. (EDITAL, 2010, p.3).

A UnB é reconhecidamente uma das mais importantes universidades do país, possuindo histórico em inovações no campo acadêmico e político. Por ela passaram importantes professores e, com eles, importantes publicações e prêmios. É uma universidade com envergadura para financiamentos de pesquisa e quadro docente bem qualificado. No processo seletivo do ano de 2010, como descrito no trecho acima, cada um dos 12 projetos selecionados receberia R\$ 2.000,00 (dois mil reais). O *campus* Darcy Ribeiro ocupa uma grande área geográfica da asa norte, no plano piloto, e possui mais de 45 mil frequentadores diretos. Acerca dos recursos disponibilizados, entende-se que seria necessária pesquisa mais específica para que se identifique o que esses projetos (PACS) foram capazes de realizar com tal quantia. Porém, ficou evidente que um dos principais motivos para a seleção no Edital era a procura por esse apoio financeiro.

Quadro 5. A Universidade de Brasília como lugar

A Universidade de Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1962. De acordo com a seção que fala a respeito da Instituição em sua página oficial¹³, atualmente, possui 2.308 professores, 2.692 técnicos-administrativos, 30.727 alunos de graduação e 8.913 de pós-graduação. Sendo constituída por 26 institutos e faculdades e 18 centros de pesquisa especializados, oferece 105 cursos de graduação, sendo 30 noturnos e 10 à distância. Há ainda 147 cursos de pós-graduação *stricto sensu* e 22 especializações *lato sensu*.

Esses cursos estão divididos nos quatro *campi* do Distrito Federal: Darcy Ribeiro (Plano Piloto), Planaltina, Ceilândia e Gama. Ainda conta com órgãos de apoio que incluem o Hospital Universitário, a Biblioteca Central, o Hospital Veterinário e a Fazenda Água Limpa.

O trecho abaixo indica por meio de quais áreas a universidade pretende agir em prol da sustentabilidade. Foram realizados seminários e fóruns nos quais foram estabelecidas as áreas prioritárias. O processo seletivo facultava uma troca entre Universidade e comunidade acadêmica que as associa à questão da sustentabilidade, a

¹³ www.unb.br acessado em fevereiro de 2012.

qual muda com o tempo. Apenas nesse último Edital é que foram contempladas tais áreas. A sustentabilidade realiza-se ao mesmo tempo em que se realizam Universidade e comunidade acadêmica. O incentivo financeiro, que se dá por meio de um processo seletivo para bolsas, está associado a algumas expectativas que qualificam os projetos e a outras expectativas-compromissos que atribuem contrapartidas aos selecionados.

Apresentação 4.9 Os projetos deverão enquadrar-se nas seguintes áreas temáticas da Agenda Ambiental da UnB:

- 5.1.1 Resíduos Sólidos;
- 5.1.2 Saúde e Nutrição;
- 5.1.3 Mobilidade Sustentável;
- 5.1.4 Educação Ambiental e Comunicação;
- 5.1.5 Áreas Verdes e Espaços de Convivência. (EDITAL, 2010, p.3).

O trecho abaixo mostra a importância dada à divulgação das ações dos projetos, tanto para a marca do NAA como para outros projetos. Essa pretensão está associada à outra de fazer existir uma rede de articulação entre esses PACS e entre eles e o próprio NAA. Tantos projetos quanto possíveis, ano a ano, deveriam ser organizados em coletivos temáticos, em uma estrutura de rede. O Edital explicita o interesse da UnB na formação de uma rede participativa e colaborativa em prol da sustentabilidade dos *campi* da universidade. Uma vez por ano é lançado o Edital para a convocação de novos atores e de novos projetos vinculados aos principais requisitos da Agenda, desde o ano de 2007.

Apresentação 4.10 Os projetos deverão divulgar previamente as atividades voltadas ao público, a fim de garantir visibilidade às mesmas e fortalecer a rede de PACS do NAA. Os projetos deverão fazer constar as logomarcas do NAA, dos possíveis patrocinadores e parceiros, do DEX e da UnB em todos seus materiais. Os projetos deverão fornecer, no mínimo, 5 exemplares de todos os produtos/materiais gráficos confeccionados - exceto *banners* - para arquivo e uso do NAA. Os projetos deverão ser registrados como Projeto de Extensão de Ação Contínua (PEAC), junto ao Decanato de Extensão, em até 10 dias após a divulgação do resultado do Edital. (EDITAL, 2010, p.3).

Quando vinculado ao Edital, o Meio Ambiente é um híbrido formado em função das associações que estabilizam a ideia que existe sobre o meio ambiente (conservação, preservação etc.), as ações que as entidades desempenham em relação a ele (projetos, comportamentos, práticas) e o tratamento do seu significado por meio de documentos e programas. Assim, o Meio Ambiente é tanto uma ideia, uma concepção de mundo, uma epistemologia, estando associado a políticas, ao mercado, à pesquisa, à ciência e às leis; quanto um lugar, um espaço físico temporal, no caso do *campus* Darcy Ribeiro, com sua

paisagem recente, suas necessidades emergentes e outras realizações ‘naturais’ que demandam práticas consistentes cotidianas. Essas práticas vêm acontecendo.

Projetos socioambientais estão vinculados ao Decanato de Extensão, DEX, por meio de bolsas, selecionados via Edital. Dessa forma, quando este trabalho mencionar a ‘questão ambiental da UnB’ estará referindo-se tanto à Instituição, essa que segue acordos, que lança programas, que desenvolve pesquisas e produz conhecimento, mas, sobretudo, apresentando percursos e situações sociais cotidianas acontecidos fundamentalmente no *campus* Darcy Ribeiro. Isso marca este trabalho. Assim, o ‘meio ambiente’ é tanto o cerrado do Centro Olímpico ou a Fazenda quanto o gramado em frente ao ICC, quanto o que se tem de direcionamentos e ideias sobre o meio ambiente.

Apresentação 4.11 Mobilizar e articular os participantes dos projetos para o bom andamento do trabalho em rede. (EDITAL, 2010, p.4).

4.3 Dissertação, pesquisa-ação de mestrado, ‘Diálogo em redes solidárias: tecendo conexões socioambientais na UnB’

Este tópico trata de um trabalho (pesquisa-ação de mestrado) elaborado por Carolina Ramallete, estudante de pós-graduação do Centro de Desenvolvimento Sustentável. São os esforços de realização de sua pesquisa que iniciam a mobilização de parte dos integrantes dos projetos socioambientais na UnB para a presença em reuniões e encontros para a formação de uma rede de agentes socioambientais da universidade. Este item fala sobre a sua atuação como mediadora das premissas do Edital, da sustentabilidade e da rede solidária para o espaço-grupo Sustentação, que será apresentado no próximo capítulo.

A *Actor-Network Theory* pode ser entendida como um conjunto de apontamentos teóricos e metodológicos que trata as relações sociais como efeitos de redes de associações. Esse tipo de abordagem destaca a consideração de que essas redes são heterogêneas – diferentes tipos de agentes e ações possíveis capazes de atuar na rede – e de que não seriam possíveis caso não houvesse a participação de elementos ‘não sociais’.

Assim, optou-se por considerar os efeitos do trabalho de mestrado de Carolina Ramallete, tendo em vista que pessoas, objetos, textos ou trabalhos acadêmicos são capazes de associarem-se a outras entidades, produzindo e reproduzindo arranjos institucionais ou organizacionais. (LAW, 1992). Carolina Ramallete, como indivíduo,

também tem grande importância para esta pesquisa e esta parte do trabalho é dedicada a ela e a seu estudo.

Law (1994) afirma que indivíduos são redes. Sendo assim, arranjos de muitos pedaços e migalhas que chegam a sugerir a composição de um organismo sobre o qual não se tem total conhecimento e nem total controle. Os indivíduos são compostos e esses arranjos são mais ou menos frágeis, sempre sujeitos a alterações e novos processos de ordenamento. Os indivíduos são compostos em processos. Esse tipo de teoria da ação sugere um indivíduo constituído por processos de associação com elementos de outras redes.

Sugere-se, pois, que sua consideração acerca dos processos que caracterizam os indivíduos possa ser aplicada à consideração de agências, que não precisam ser pessoas. Os agentes, portanto, não necessariamente devem ser indivíduos. É a agência o que importa nesse tipo de epistemologia. Um agente é aquele capaz de reordenar processos.

Apresentação 4.12 O projeto foi inspirado na proposta do Núcleo da Agenda de articular ações socioambientais em uma rede em prol da sustentabilidade nos *campi*. Tal articulação era fundamental para que ocorresse gestão socioambiental participativa na UnB, própria das agendas 21 locais, e missão da Agenda Ambiental da UnB. (RAMALHETE, 2011, p.1).

As atividades chamadas, neste trabalho, de espaço-grupo Sustentação começaram a partir da pesquisa-ação de mestrado de Carolina Ramalhete (2011). O resultado dessa pesquisa é uma dissertação, de 133 páginas, apresentada ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB, abordando a possibilidade de constituição de uma rede solidária socioambiental na Universidade de Brasília por meio da criação de espaços de diálogo presenciais e virtuais.

Carolina Ramalhete esteve empregada no Decanato entre os anos de 2007 e 2008. Naquela época era responsável direta pelos convênios estabelecidos entre os projetos – os quais eram selecionados no processo e denominados de PACS – e o DEX, por meio da Agenda, já percebia uma lacuna entre as proposições e diretrizes do projeto e o que realmente acontecia em relação à gestão socioambiental coletiva da UnB. Carolina utilizou de sua experiência profissional, sua rede de contatos e sua proximidade com o NAA para tentar concretizar alguns dos direcionamentos do Edital. A autora utilizou metodologias, técnicas e referências bibliográficas para mobilizar atores socioambientais e traduzir expectativas do documento para estudantes.

Apresentação 4.13 Após um ano de trabalho no NAA, tendo compreendido a missão da Agenda e de seu projeto socioambiental e percebido os desafios para implementá-lo, surgiu o primeiro esboço deste projeto de pesquisa. (RAMALHETE, 2011, p.17).

Antiga funcionária da Agenda, Carolina tinha a responsabilidade de cuidar dos PACS dentro do sistema de administração do NAA. Quando beneficiários do Edital, os projetos passavam a ser considerados Ponto de Ação e Cultura Sustentável. Seu trabalho de mestrado foi direcionado para a materialização de concepções presentes no Edital, ou seja, estava voltado para mobilizar em prol do Edital, não em prol da sustentabilidade. O documento do NAA apontava um tipo de organização dos PACS – a saber: solidária, coletiva, descentralizada – e para Ramalhete (2011) era preciso um espaço de encontro e de comunicação entre os que representavam os projetos e a própria Universidade. Um espaço capaz de proporcionar vínculos, contatos, convites, divulgações e que se tornasse parte da rotina de cada um dos projetos.

Apresentação 4.14 A rede solidária é uma organização horizontal de pessoas que podem representar instituições, coletivos ou a si mesmas. Na rede solidária não há hierarquias e ocorre a gestão partilhada, a liderança múltipla e a participação voluntária. O grupo promove o empoderamento e a autonomia dos integrantes, o diálogo e a atuação engajada reunidos em torno de propósitos, valores e ações compartilhadas. É uma forma de se organizar e funcionar baseada na troca e nas conexões, nos fluxos e na comunicação, que se fortalece e que se mantém viva pela vontade, pelo protagonismo dos membros e pelas ações desenvolvidas coletivamente. (Lista de *e-mails* - *Google groups*, 2011).

A citação acima é parte de um *e-mail* enviado ao grupo, por Carolina Ramalhete, com o resumo de tudo o que foi discutido naquela reunião; parte do texto diz respeito ao conceito de rede solidária. O conceito já havia sido partilhado com o grupo diversas vezes e o intuito de realizar a ideia teve grande adesão e simpatia do grupo. O *e-mail* tratou de uma estratégia de Carolina para apresentar o conceito, trazer a reflexão e causar pró-atividade no restante do grupo. O grupo dispôs de rodas de conversa, oficinas e lista de *e-mails* como instrumentos para adesão e vinculação ao grupo e ao trabalho pela sustentabilidade socioambiental.

Esse assunto viraria tema de sua pesquisa-ação para a obtenção da titulação de mestre pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB. Carolina associou sua pesquisa à tentativa de iniciar a articulação dessa rede. Inicialmente apostou em convidar os projetos contemplados pelo Edital para discutir, conversar e estabelecer alguns pontos em comum e daí iniciar uma espécie de ‘rede’ de articulação entre eles.

Apresentação 4.15 Optei por voltar às intenções da pesquisa à materialização de uma rede social solidária como movimento socioambiental autônomo baseado na participação voluntária e aberto a todos que compartilhassem do objetivo de promoção da sustentabilidade local. Conforme me aprofundi nas bases teóricas, compreendi que os princípios das redes sociais solidárias não poderiam ser plenamente exercidos dentro de uma estrutura institucional. (RAMALHETE, 2011, p.22).

Para que isso acontecesse a autora propôs a criação de espaços presenciais e virtuais de diálogo para articulação e capacitação de atores socioambientais e, em parceria com a NAA, pôde fazer o primeiro convite aos beneficiários do Edital. O principal objetivo desse convite seria apresentar e divulgar o Edital ‘Mostre seu amor pela UnB’ e, ainda, sanar dúvidas quanto ao processo de inscrição, além de fazer um banco de dados com os *e-mails* que seriam utilizados para enviar futuros convites.

Apresentação 4.16 Essa proposta estava registrada no *folder* de apresentação do NAA, onde constava um desenho de como se organizaria uma mandala de projetos, agrupados por área de atuação em coletivos que, por sua vez, estariam reunidos também em um conselho e em um fórum permanente. (RAMALHETE, 2011, p.11).

A citação acima foi retirada da introdução da dissertação de Carolina Ramalhete, onde a autora justifica a importância de seu estudo, o vínculo entre o surgimento de sua proposta de pesquisa-ação e seu trabalho no NAA. É assim que ela optou por direcionar as intenções da pesquisa à ‘materialização de uma rede social solidária como movimento socioambiental autônomo baseado na participação voluntária e aberto a todos que compartilhassem do objetivo de promoção da sustentabilidade local’.

Quadro 6. Carolina Ramalhete

Sua história, que nos interessa, começa lá atrás, na Universidade de Brasília em 2001, quando naquele ano Carolina ainda cursava Ciências Biológicas. Entre idas e vindas, bacharelou-se em comunicação social, no ano de 2005. Quando formada, trabalhou no Decanato de Extensão e na Agenda Ambiental, área com a qual sempre estivera envolvida, já que anteriormente havia trabalhado com comunicação ambiental. Hoje ela está em fase de conclusão do mestrado vinculado ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília e vem trabalhando com uma pesquisa-ação intitulada Sustentação. Apresentou seu objetivo geral como a tentativa de atuar com estratégias para fomentar ambientes de diálogo presenciais e virtuais para compartilhar significados constituindo um espaço comum para a discussão e para a

promoção coletiva da sustentabilidade local. Meu último encontro com Carolina Ramallete foi na Cúpula dos Povos e ela continua trabalhando arduamente com a questão ambiental, ainda coordena listas de *e-mails* e é filiada a uma porção de grupos e comunidades do *Facebook* que trata dessa temática. Trabalha em ONG, coordena atividades de debates e estuda jogos cooperativos.

De acordo com Carolina Ramallete, em novembro de 2010 é que realmente surgiu a oportunidade de começar a reunir os projetos vinculados ao NAA por meio do Edital. Acontecia a X Semana de Extensão da UnB. Os projetos que já estavam vinculados à Agenda foram convocados a participar do evento, oferecendo atividades à comunidade. Foi a oportunidade para que pudesse começar a reunir aqueles que seriam o público-alvo de sua pesquisa-ação.

Apresentação 4.17 Serviu para a apresentação preliminar da proposta de pesquisa, para redefinição do cenário de pesquisa após a fase de greve e para o reconhecimento dos atores. Foi possível, também, acordar a data mais viável para a primeira atividade de campo, em diálogo com os atores e com os parceiros do NAA, de modo a garantir quórum já na primeira roda de diálogo, em novembro de 2011. (RAMALHETE, 2011, p.19).

A mestranda, vinculada ao Centro de Desenvolvimento Sustentável, pesquisou e tentou implementar alguns princípios de organização coletiva por meio de técnicas da comunicação social, depois de perceber que algumas das proposições do Edital não estavam acontecendo na prática. As ações iniciais de Carolina associam-se às premissas do Edital e ela utiliza de sua proximidade com a produção de conhecimentos e práticas dos temas com os quais pretendia trabalhar, apresentando-os e problematizando-os aos integrantes do espaço-grupo. É dessa forma que atua como porta-voz e mobilizadora da questão ambiental e do NAA. Percebe-se o ator-rede que ajuda a constituir depois que revisa e atualiza as questões tratadas no Edital, no intuito de fazer, na prática, o que estava proposto no documento.

Apresentação 4.18 A atividade do NAA contou com a presença de participantes de PACS, de estudantes da UnB e de membros da equipe técnica da Agenda Ambiental. Visou ao reconhecimento entre os participantes, à apresentação dos novos PACS e à identificação de possíveis afinidades e parcerias para ações socioambientais. Fui convidada pelo NAA a conduzir uma dinâmica de apresentação dos atores e de seus respectivos projetos. Aproveitei a oportunidade para falar do projeto de pesquisa, coletar contatos e convidá-los a participar da primeira roda de diálogo, ainda em novembro. (RAMALHETE, 2011, p.35).

5 SEGUINDO ESTUDANTES, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS SUSTENTÁVEIS

Os episódios narrados até então estão vinculados à ‘UnB sustentável’. Verificou-se, portanto, que documentos, acordos, órgãos administrativos, programas e políticas vêm construindo o sentido do termo ao longo do tempo. Não foram narradas as continuidades e rupturas mais significativas, porque o que realmente importa nesta pesquisa são as práticas sustentáveis, ou seja, a forma como entidades agem quando estão sendo sustentáveis. Para isso, foram acompanhados os desdobramentos que o sentido recente de sustentabilidade tem tido na UnB. Durante cerca de um ano foram acompanhadas as ações de indivíduos determinados a fazerem existir um espaço-grupo para diálogos e trocas. Diálogos sobre sustentabilidade, democracia, participação, gestão coletiva, oportunidades, projetos, interesses, entre outros. Trocas de ajuda, participação, informações, serviços, consultorias, entre outros.

5.1 O espaço-grupo Sustentação

O início desta pesquisa esteve marcado por uma greve geral de professores e funcionários da UnB em que foi dito ser a primeira vez que paralisavam até mesmo os programas de pós-graduação. No departamento de sociologia foi assim, ficando em greve até meados do mês de maio de 2010.

O coletivo 7saberes foi convidado por uma lista de e-mails e alguns de seus integrantes (uma arquiteta, formada pela UnB, envolvida em projetos comunitários e uma professora de ioga envolvida com projetos comunitários) participaram de uma oficina com o propósito de efetuar uma pesquisa de mestrado da Universidade de Brasília. O coletivo esteve associado àquela situação em função da temática que combinava com os interesses pessoais de seus integrantes, e, ainda, com o projeto comum que estava sendo elaborado, ainda em fase inicial, com a temática da educação ambiental.

Quadro 7. Centro de Estudos e Trocas de Saberes

Estive empenhado, associado a um grupo de estudantes e profissionais recém-formados, no desenvolvimento do que hoje se estabiliza como 7saberes – Centro de estudos e trocas de saberes, que começou como grupo de estudos. Foi no caminho da consolidação desse projeto que entrei em contato com o objeto de estudos apresentado a partir de agora. Certa vez, depois de estabelecermos alguns contatos e concretizarmos alguns trabalhos, conhecemos um grupo da UnB chamado Sustentação.

O ‘bonde da pelada’ de segunda-feira era composto por Pedrão e Felipe Cabelinho, dois amigos próximos, e por mim. Fazíamos isso querendo economizar na gasolina e porque era bom. Felipe Queiroz estudou na UnB, ainda não estava formado, era funcionário público desde os 18 anos e não tinha pressa para terminar mesmo que estivesse cursando seu décimo primeiro semestre do curso de Geografia. Pedro Vinhal era recém-formado, assim como eu, e havia terminado seu curso de Educação Física na Universidade Católica de Brasília. Nas idas e vindas do ‘bonde’ sempre conversávamos muito sobre estudos, pesquisas, interesses e extrapolávamos satisfatoriamente as ‘resenhas’ sobre futebol.

Certo dia, depois de algum tempo amadurecendo a ideia decidimos encontrarmos sempre às quartas-feiras para estudar e discutir algumas questões. Logo na primeira reunião, Pedrão levou uma convidada, Raissa, recém-formada em Educação Física, professora de yoga e sua colega de classe na pós-graduação em Jogos Cooperativos, que tinha acabado de ser inaugurada pela Faculdade de Educação Física da UnB. Felipe também acabou levando Alice, sua esposa, jornalista formada e que já atuava profissionalmente há alguns anos.

Demorou um tempo para que o grupo conseguisse transpor as afinidades pessoais e pudesse adentrar em um projeto e forma de estudos que atendesse a todos de alguma maneira. Havia uma questão principal levantada no início das atividades: cada um ali havia passado por um tipo diferente de processo de ensino e aprendizagem, cada um trazia suas experiências com o colégio, com a faculdade/universidade e distintas formas de diálogo das disciplinas. As reuniões foram marcadas por esse fato e o coletivo acabou fazendo disso uma característica especial. A questão da disciplina e de outras formas de conhecimento, de estudar, de debater com conhecimento ou de trocá-lo entre os pares nas diferentes áreas do conhecimento, a diferença no conteúdo, nas visões de mundo e também das situações sociais às quais estão mais propícios os diferentes

profissionais resultantes de cada formação acadêmica muda de um departamento para o outro, de uma faculdade para outra e inclusive de uma Universidade para outra.

Foi em volta dessa temática que, em coletivo, tivemos a iniciativa de estudar as diferenças nos processos de ensino e aprendizagem e também acerca de como se relacionam os sujeitos envolvidos, tanto professor como aluno. Essas primeiras reuniões coincidiram com o período em que eu cursava como ouvinte a disciplina de Valorização dos Saberes Tradicionais, do professor Zé Jorge, no departamento de antropologia.

O coletivo começa a trabalhar a questão da relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. Sobretudo, pretendendo entender alguns dos limites e implicações sobre o ser humano, de uma maneira geral, e o tipo de processo de ensino e aprendizagem com o qual todos ali, de uma maneira ou de outra, estavam familiarizados. Processos centrados na figura do professor, com foco na passagem de conhecimento, com hierarquia rígida, cadeia segmentada de disciplinas e na dimensão cognitiva do sujeito. O coletivo esteve envolvido com o estudo de tendências pedagógicas holísticas. Suas reuniões e vivências estão direcionadas à comunidade. Portanto, quase que inevitavelmente, passaríamos a construir em grupo algumas reflexões e sugestões para as questões que naquele momento julgávamos significativas.

Para tentar organizar um pouco do que vinha acontecendo e visando agilizar a comunicação do coletivo, o grupo optou por criar uma lista de *e-mails* no *Google groups* com a ideia de utilizar essa plataforma para avisos sobre eventos, cursos, vídeos, *links*, textos entre outros, que pudessem somar às iniciativas, ajudar quanto à divulgação do trabalho, comunicação entre os pares, ampliação da rede de contatos, entre outros. O coletivo ainda desenvolveu uma comunidade no *Facebook* para divulgação de textos, *links*, fotos e vídeos, além de abrir um canal de comunicação com pessoas interessadas no trabalho.

Certo dia, uma nova integrante do grupo repassou um convite com o título '*DATA Oficina: quem somos e o que fazemos JUNTOS?*'. O título chamava a atenção, ele foi enviado pela mestranda do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB, Carolina Ramallete. O assunto principal era o convite para uma reunião, conforme abaixo:

Apresentação 5.1 QUINTA, 27JAN,17h ou 18h? Ou SEXTA, 28JAN, 17 ou 18h? Será na UnB, e gostaria de fazer ao ar livre, se tiver sol. Pensei no gramado em frente ao SG 10, em frente de onde acontecem as aulas de Yoga. Se chover, estou articulando uma sala para nos acolher. Animados? Agora me ajudem a escolher o melhor dia e hora! Respondam por aqui ou pela

enquete na nossa comunidade do *ORKUT*: Sustentação - enquete Oficina. Precisamos definir isso até amanhã, para dar tempo de divulgar e organizar tudo! No dia marcado, vamos responder às questões: QUEM SOMOS? O QUE FAZEMOS? A ideia é que estas respostas virem um vídeo curtinho, que terá a nossa cara e servirá para divulgar o grupo na "rede". Vai para *Youtube*, para o *ORKUT*, para a lista. Para todo mundo que possa se interessar. E nessa brincadeira vamos aprender juntos a filmar e editar com simplicidade, usando uma máquina fotográfica comum ou mesmo o telefone celular. (*E-MAIL*, 2011).

No *e-mail* Carolina Ramalhete convidava a cada um para que respondesse a uma espécie de enquete, conforme trecho de *e-mail* acima. A reunião era mais uma estratégia advinda de sua pesquisa, associada a teorias de educomunicação, dinâmicas cooperativas e outras e visava definir os objetivos do grupo e sua identidade. Carolina Ramalhete planejava dinâmicas que julgava interessantes e divertidas com o intuito de aumentar a possibilidade de adesão dos que participavam das reuniões do grupo.

Na prática tratava-se de uma tentativa de realizar um ‘encontro’ entre algumas pessoas e, pelo visto, tratava-se de um agente falando em primeira pessoa para os ‘outros’. É possível observar, sem muito esforço, que a mensagem carregava uma ideia de reciprocidade necessária entre o emissor e os receptores em ‘*precisamos responder isso até amanhã*’, ‘*definir nosso objetivo*’ e ‘*respondam aqui ou pela enquete*’. Uma espécie de convite também, só que um tanto prescritivo: ‘*vamos aprender*’ e ‘*vai para o Youtube*’.

O espaço-grupo Sustentação surgiu como uma oportunidade para esta pesquisa e assim foram seguidos os actantes em movimento, em situações nas quais estabelecem estratégias que conectam seus ‘papéis’ e representações e que lhes dão sentido (re)formando-os e (re)ajustando-os no momento da ação (LATOUR, 2010). Nesse trecho do trabalho são apresentadas práticas e situações associadas ao estudo de Carolina Ramalhete. Foram estabelecidas associações que existem entre as ações de estudantes e professores da Universidade de Brasília e outras entidades narradas até aqui, como o Edital e o NAA.

O trecho abaixo foi retirado de um *e-mail* repassado para o grupo confirmando data e local de uma reunião.

Apresentação 5.2 A data da nossa Oficina é quinta, 28/01, das 18hs às 21hs. Encontraremos-nos em frente ao SG 10, caso haja sol (vamos torcer para que sim!). Em caso de chuva estaremos na sala de yoga, no interior do prédio, que fica em frente ao prédio da música. O objetivo do nosso encontro é dialogar e definir o nosso objetivo comum, enquanto grupo. Isso será feito usando metodologia de educomunicação e teremos como produto desta oficina um vídeo, texto ou arquivo de áudio que transmita a nossa

mensagem! É isso! Já temos confirmada a presença da ‘galera’ de Comunicação Comunitária, que trará seus conhecimentos e experiências para compartilhar conosco. Vamos aprender juntos! (*E-MAILS*, 2011).

À época foi curioso ver que algumas pessoas estavam votando em enquetes do *Orkut* a respeito de datas a serem realizadas reuniões e oficinas de diálogo, de encontro e que se importavam com o sol, porque estariam sentados no gramados do *campus* Darcy Ribeiro.

O Projeto - Comunicação para Sustentabilidade – promoveria a oficina de produção e edição em vídeo para participantes da Rede Sustentação com o objetivo de oferecer um treinamento básico com boa captura de imagens e de som e depois, boa edição. Posteriormente, o público da oficina iria gravar, por conta própria, um pequeno vídeo de um minuto sobre o seu projeto e disponibilizá-lo na rede. O público-alvo da oficina era os participantes da Rede Sustentação. A reunião foi coordenada pelo Projeto Com. p Sustentabilidade, FAC - UnB.

Dessa forma, foi chamada toda a comunidade acadêmica da UnB para participar. A oficina era um convite a toda a comunidade acadêmica, mas estava, principalmente, voltada para aqueles que estavam envolvidos, de alguma forma, com a ‘questão ambiental’ da UnB, por meio do Sustentação. Os convidados principais eram os contemplados pelo Edital. Depois de mais um convite que chegava ao 7saberes, o grupo participou do evento porque acreditava que seria uma ótima oportunidade de aprender sobre edição e produção de vídeos e ainda conhecer outros projetos, ter novas ideias e fazer alguns contatos. A Oficina de Vídeo e Edição aconteceu no dia 01 de junho de 2011, na Faculdade de Comunicação da UnB.

Estiveram presentes no encontro oito projetos/grupos envolvidos com a questão socioambiental. O primeiro momento foi de apresentação e apontou interesses recíprocos e identificação de objetivos comuns.

A oficina era gratuita e tinha a proposta de introduzir algumas questões fundamentais de produção e edição de vídeo. Ângulo, luminosidade, *zoom*, som, *software* e equipamentos, entre outros, foram apresentados. De acordo com os organizadores, esses fundamentos básicos seriam suficientes para que se pudessem elaborar os vídeos sobre ‘o que fazemos para a sustentabilidade?’.

De acordo com os organizadores da oficina, eles estariam utilizando uma linguagem chamada de ‘educomunicação’, mas, na verdade, o que aconteceu foi mais uma espécie de aula, com um computador ligado a um retroprojetor, câmeras, tripé, três

especialistas no assunto e umas 12 pessoas assistindo em uma sala bem iluminada, recém reformada, do departamento de comunicação social. Houve diálogo, troca de perguntas e a atividade foi conduzida a partir de problemas práticos. Algo foi filmado e tentou-se editá-lo usando o *software* proposto pelos especialistas. As tecnologias da informação e o potencial desse novo tipo de linguagem visual foram ressaltados. O objetivo era que todos ali pudessem elaborar vídeos de até um minuto e que mostrassem o que cada um fazia em prol da sustentabilidade. Depois, esses vídeos seriam apropriados pelo Projete, que ficaria responsável por reuni-los em um só. O resultado seria um vídeo sobre ações em prol da sustentabilidade na UnB.

As ações de Carolina Ramallete e da professora Dione Moura concorrem para alterações na circulação do tema 'gestão coletiva da questão ambiental da UnB'. Estar ou não contemplado pelo Edital sempre fez diferença nas situações observadas. Participar ou não das oficinas e círculos propostos pelo Sustentação também. Faz perceber como estão associados: departamentos-estudantes-comunidade-tecnologia-professores-ideias-teorias entre outros. A ação desempenhada pelos sujeitos envolvidos é a participação em uma oficina que poderia ajudá-los a divulgar e compartilhar suas ações em prol da sustentabilidade enquanto produziam material que lhes conferia certa identidade em relação ao tema.

Dentre os que assistiam, estavam os representantes de grupos e projetos. Alguns estavam ali por interesses particulares, a fim de aprender. Ressalta-se que naquele dia o Sustentação ainda não era o foco desta pesquisa.

O coletivo 7saberes teve o interesse de participar daquela oficina visando aprender possibilidades de divulgação das atividades. A oficina de vídeos era uma atividade interessante para todos do grupo e naquele dia o grupo aceitou o convite e compareceu à oficina. Cada integrante do grupo foi até lá por um motivo pessoal e também com o objetivo de fazer um vídeo sobre o 7Saberes. Alguns queriam ir porque achavam que aquilo poderia ajudá-los com filmagens de escalada e outros eram curiosos e queriam aprender mais sobre edição de vídeos.

A oficina tinha um objetivo final proposto pela equipe do Projete e Carolina Ramallete: fazer um vídeo coletivo mostrando o que os projetos faziam sobre sustentabilidade. A meta não foi alcançada porque a maioria dos grupos não fez seus vídeos. Logo, o vídeo que o Projete faria não passou de uma proposta. O Projete, em função dessa oficina e da professora Dione Moura, passaria a assumir papel relevante frente às atividades do espaço-grupo Sustentação.

No dia do evento, a professora do departamento de comunicação social Dione Moura chegou com uma aluna, que era coordenadora de um grupo de pesquisa sobre educomunicação, na UnB, da qual fazia parte.

Carolina Ramalhete parecia engajadíssima, uma daquelas pessoas que precisariam que o dia tivesse mais que 24 horas para fazer tudo aquilo a que se propunha.

Após a oficina do Projete-Sustentação houve uma reunião do 7saberes, onde o grupo seguiu sua rotina e cedeu espaço de fala à Carolina. Antes mesmo de seu nome, ela foi logo dizendo que tinha chegado ao grupo a partir de um convite feito no dia da oficina do Projete e ressaltava também a importância do espaço-grupo Sustentação para que isso acontecesse. Observava que ao tentar comunicar-se com os responsáveis dos projetos, havia criado uma reciprocidade entre eles e que vinha conhecendo pormenorizadamente cada um. Para ela era como mais um *'link'*, mais um *'parceiro'*, mais um *'projeto'*, uma *'ideia'*, que pudesse incluir como público-alvo de sua pesquisa.

A oficina do Projete, na UnB, foi apenas o primeiro contato com esse espaço que pouco a pouco ia se constituindo. Algumas oficinas e após outras tantas rodas de diálogo do grupo Sustentação, quase um ano depois, este trabalho acompanhou os actantes envolvidos nesses contextos. Uma pesquisa-ação de mestrado, a Universidade de Brasília, o Núcleo da Agenda Ambiental, o Decanato de Extensão, universitários brasilienses e professores estão vinculados à constituição desses espaços de encontros para grupos e projetos da comunidade acadêmica. Esta pesquisa os observou no momento em que construíam estratégias para associarem-se, mas o grupo não era o principal objetivo de suas ações. A partir do observado, o espaço-grupo que construíram juntos por meio de reuniões e troca de *e-mails* servia como um *'meio'* para dividirem opiniões, alinharem discursos, falar, ouvir e foi dessa forma que estiveram vinculados à questão da sustentabilidade.

Enquanto ouvia-se falar do *'Sustentação'* (depois da oficina do Projete que teve também a participação de professores, alunos e permissão do departamento de comunicação) percebeu-se a relação de toda aquela situação com a vida como estudante e até chegou-se a pensar que se tratava de um tipo de grupo de pesquisa da UnB.

Escutar a respeito do Sustentação causou muita curiosidade em função do estágio no qual se encontrava o projeto para esta pesquisa de mestrado. Sem um objeto ainda definido, a pesquisa não evoluía. Ao fim daquela reunião, Carolina fez diversas

explicações e suas respostas foram suficientes para que se mantivesse o vínculo para as próximas reuniões do Sustentação.

Apresentação 5.3 A semana está correndo! Que tal nos encontrarmos na sexta à tarde? 16 horas fica bom pra vocês? Também podemos manter no SG 10, caso prefiram... A grama é nossa! E a sala está vazia entre 18 e 19h, mas precisamos pedir autorização para usar ao Clube de Yoga. (Lista de *e-mails* - *Google groups*, 2010).

Essa situação propiciou o encontro de entidades que atuam em diversas localidades do DF, e elas se encontram a partir da comunicação em plataformas virtuais, só que o assunto principal era o ‘encontro’ presencial, na UnB, para compartilharem conhecimentos sobre sustentabilidade e suas iniciativas e projetos. Depois se saberia que o motivo daquela reunião tinha um vínculo muito forte com direcionamentos e outros elementos presentes no Edital do NAA.

O Edital apresentado neste trabalho está associado aos discursos que defendem a participação da população em assuntos de sustentabilidade. O documento incentiva as ideias de redes solidárias (uma espécie de organização na qual os PACS estabelecem vínculos entre si em grupos temáticos e esses grupos estabelecem vínculos com o NAA) e de comunicação popular. É uma forma de apostar no envolvimento de pessoas ‘comuns’ e nas práticas cotidianas de sustentabilidade na Universidade. A observação também ofereceria possibilidades de perceber que suas decisões em enquetes do *Orkut*, como propostas nas citações acima, era uma forma de gestão coletiva. Uma forma de realização de gestão coletiva do grupo, mesmo que a enquete tivesse sido proposta por uma estudante, que era a idealizadora do grupo. Aquela forma de rede solidária concretizava-se a partir de uma troca de informações. Concretizava-se também quando os envolvidos disponibilizavam seus projetos à visita de ‘outros’ e quando trocavam suas experiências. Foram muitas as vezes que os envolvidos em um projeto atuaram em conjunto com outros, depois de serem convidados no espaço-grupo.

5.2 Facebook, Lista de e-mails e Orkut

O Sustentação é um coletivo que se reúne na UnB desde novembro de 2010 pela constatação da necessidade de articular atores socioambientais que têm algum tipo de vínculo com a universidade de Brasília. Até então, existiam muitos projetos acontecendo de forma isolada, sem dialogar entre si, o que motivou a criação desse espaço de cooperação, diálogo e oficinas de capacitação. A ideia é que o movimento tenha caráter permanente e autônomo. (*E-mail*, 2011).

Esse trecho do trabalho traz situações acompanhadas direta ou indiretamente enquanto eram tratados como objetos de estudos para este trabalho, seja com o acompanhamento de 660 mensagens por meio do *Google groups*, que alcançaram pelo menos 68 integrantes, em reuniões presenciais ou em suas iniciativas nas plataformas virtuais.

Apresentação 5.5 Sou estudante de mestrado no Centro de Desenvolvimento Sustentável. Meu projeto é sobre comunicação em redes sociais. Estou ligada ao grupo de atores socioambientais da UnB, pela integração de projetos, ideias, ideais... por uma UnB mais sustentável. (ORKUT, 2011).

Uma de suas reuniões, uma espécie de ‘tratativa de interesses do grupo’, aconteceu no SG 10 da faculdade de música, assim como havia sido sugerido no grupo de *e-mails* do Sustentação. A primeira coisa que o grupo fez foi entrar na ampla sala com espelhos e uma espécie de jardim de inverno. Alguns estavam em suas bicicletas e puderam guardá-las do lado de dentro da sala, nesse ‘jardim’, e alguns vinham direto da aula e chegavam com mochilas.

Quem deu início às atividades foi Carolina Ramallete que apresentou seu projeto de pesquisa do mestrado, falou sobre o que tinha acontecido até aquele momento e sobre a Oficina do Projete, depois pediu que cada um falasse sobre os projetos em andamento. Eu apresentei por conta do envolvimento com o 7saberes, e, também, como aluno de mestrado interessado em entender o que eles estavam fazendo ali.

Durante a reunião foram realizadas algumas atividades utilizando-se cartolina e canetinha. O grupo foi dividido em pequenos subgrupos e cada um deles tinha que apresentar palavras que indicassem o que significava sustentabilidade e quais seriam os desafios para alcançá-la.

Carolina mediava a situação. Logo depois pediu que os grupos apresentassem suas propostas aos demais. Durante a atividade, mobilizava outras pessoas a pensarem sobre sua forma de atuação e de seus grupos e projetos. Foi um momento de apresentação mútua dos envolvidos e de direcionamento do discurso. Os integrantes da comunidade respondiam e falavam sobre suas formações acadêmicas, vínculos com departamentos, teor de seus projetos sociais e os motivos principais que os levaram a participar daquele espaço.

Hoje em dia, para acessar uma página do *Orkut* não há necessidade de ser cadastrado na ‘rede social’. Há poucos anos atrás, quando o *Orkut* era a moda do momento, sem estar cadastrado o internauta não conseguia passar nem mesmo por sua

página de apresentação. Depois veio o *Facebook* e agora o *Orkut* parece desatualizado ou *démodé*. Dificilmente se vê um estudante da UnB falando sobre o *Orkut*, a maioria deles está no *Facebook*. Percebe-se isso pela quantidade de comunidades e grupos do *Facebook* com intensa movimentação desde 2010.

Apresentação 5.5 Quem somos e o que fazemos na UnB? Vamos nos reconhecer? De qual projeto/ grupo fazemos parte? Quais assuntos relacionados à sustentabilidade nos interessam? O que temos para oferecer? (ORKUT, 2011).

A citação acima mostra Carolina Ramallete em uma de suas primeiras investidas na comunidade, um *post* para início de um ‘fórum de discussões’. Hoje, quando se acessa a comunidade do Sustentação no *Orkut*, percebe-se que ela está abandonada, já que o último *post* é de 11.05.2011. Quando o Sustentação foi criado, a primeira plataforma virtual utilizada foi o *Orkut*, mas naquela época ainda não havia conhecimento sobre as atividades do grupo, que já é da ‘época’ do *Facebook*. Logo, o conteúdo de seus *posts* foi uma importante fonte de conhecimento para esta pesquisa, já que poderia apresentar alguns dos tipos de transformações que materializam uma entidade, no caso sustentabilidade-meio ambiente-gestão coletiva em um signo, um arquivo, um documento, um pedaço de papel ou um traço, permitindo novas translações e articulações ao mesmo tempo em que eram mantidas intactas algumas formas de relação (LATOUR, 2001). Naquele momento, Carolina Ramallete tentava mobilizar, de alguma forma, os envolvidos com os PACS para um encontro.

Apresentação 5.6 Faço engenharia florestal e participo do grupo TUPÃ. Trabalhamos pela agroecologia e por mudanças de comportamento na interação com a Terra, buscando sistemas de ocupação, produção e consumo eficientes energeticamente; com as pessoas, estimulando as oportunidades de expressão e trocas de experiências, realizando dinâmicas e cultivando o respeito e a amizade verdadeiros; e com a utilização e distribuição racional dos excedentes, que, nesse caso, são nossa força de trabalho coletiva e nossos conhecimentos. Atualmente estamos atuando no projeto paisagístico da praça do CAEF e no manejo do LabTec. (ORKUT, 2011).

Consta em um *post* do *Orkut* que ficara decidido, em uma roda de diálogo, por unanimidade, que os envolvidos precisariam de um perfil/comunidade/grupo no *Facebook* e também, possivelmente, de um *blog* ou registro na comunidade NING. Acusaram o *Orkut* de estar ‘parado’ demais, de acordo com alguns *posts*.

Percebeu-se nas reuniões que o intuito desses atores com o uso das plataformas virtuais seria a possibilidade de participação de um maior número de pessoas e,

também, a oportunidade de utilização de algumas dessas ‘funções’ e ‘ferramentas’ que serviriam para deliberações e informes, entre outros. Porém, e isso é notório, uma comunidade, página, seja de *Facebook*, seja do já antigo *Orkut*, necessita, em primeira instância, de atualização. A *Internet*, de uma maneira muito especial, é capaz de induzir-nos à busca por atualizações.

O *post* mais antigo da comunidade é uma chamada para a participação no ‘*Google groups*’ e um alerta indicando que havia um ‘resumo’ da última reunião, que havia acontecido no dia 18.01.2011. Nessa reunião Carolina disse que abriria uma comunidade no *Orkut* para facilitar a comunicação entre todos e que isso foi uma demanda dos envolvidos.

Apresentação 5.7 Formei na Biologia e agora ingressarei no Mestrado em Ecologia. Participo do projeto de extensão Bicicleta Livre, projeto que incentiva o uso da bicicleta como meio de transporte; e agora sou estagiário técnico do Núcleo da Agenda Ambiental, onde trabalhei principalmente com o Edital Mostre seu Amor pela UnB, articulando os Pontos de Ações Culturais Sustentáveis (PACS), e com a campanha Sou UnB, Jogo Limpo. (ORKUT, 2011).

Dentre outros *posts* e temáticas de discussões, os envolvidos utilizaram as ferramentas da plataforma virtual, o que de certa forma consolidava algum tipo de relação entre as partes envolvidas. As enquetes, por exemplo, foram ferramentas dessa plataforma virtual utilizadas pelos envolvidos com o Sustentação e, a partir delas, eles chegaram a definir datas para reuniões, temas de discussões e participação em eventos ou atividades.

Desde o início de suas atividades, o *Orkut* e depois o *Facebook* foram utilizados como pontos de passagem obrigatório para a participação no grupo e nas discussões do Sustentação. Foram nesses espaços que aconteceram muitos dos convites e alertas para reuniões, servindo como um espaço no qual atores se conheceram e superaram as distâncias.

O uso das plataformas virtuais e de todas as ferramentas disponíveis mostrou-se profícuo para esses interesses, tanto que até hoje são utilizadas para divulgação de eventos, convites, ‘manifestos’, diálogo sobre questões socioambientais relevantes, entre outros. Muitas vezes o espaço virtual foi preenchido com informações relevantes para o grupo. As informações normalmente diziam respeito a novas oportunidades, textos, vídeos e notas sobre iniciativas bem sucedidas em outras partes do mundo e do DF. Também era comum que surgissem convites e enquetes.

Apresentação 5.8 4ª feira (25/05) às 14h terá uma reunião do grupo TUPÃ junto com o caiaque comunitário no beijódromo pra pensar o TOUR ecológico da UnB proposto pelo DEA. Todos estão convidados pra agregar e fortalecer esse movimento! Receber escolas do DF pra fazer educação ambiental na própria UnB. (FACEBOOK, 2012).

O trecho destacado acima se refere ao *post* de Pedro Lopes, estudante de engenharia florestal, chamando para uma das atividades do grupo do qual faz parte. Pedro foi um dos primeiros integrantes do grupo Sustentação, ele acompanha as atividades presenciais do grupo e participa das discussões desde a época do *Orkut*.

Entre a utilização do *Orkut* e a do *Facebook* existiram poucas mudanças quanto ao conteúdo ou relevância e envolvimento nos debates, porém ficou claro que os indivíduos que interagem com a questão ambiental na UnB têm interesse em compartilhar suas ideias e seus projetos. Nota-se que eles navegam constantemente sobre ‘conteúdos’ disponíveis na *web* e que têm familiaridade com as linguagens e possibilidades de *blogs*, fóruns, páginas e *posts*.

Apresentação 5.9 Foram discutidas as contribuições do Tome Consciência, enviadas por Evy Bernardes, e as propostas da estudante de comunicação Camila Cortopassi, presente no encontro, relativas à gestão da informação. (Lista de *e-mails* do *Google* groups, 2011).

Os integrantes do Sustentação são professores, estudantes e pessoas que acham o *Orkut* ‘antigo’, pois não há atualização e envolvimento suficientes. Envolvimento é a participação nas enquetes, nos fóruns, nos *posts*, com avisos, chamados, informações, *links* e oportunidades. As ferramentas tecnológicas e as plataformas virtuais haviam sido eleitas como aquelas que possibilitariam e facilitariam o contato, a troca, o intercâmbio e a ajuda mútua entre os projetos e atores que trabalhavam com a questão socioambiental na UnB. São estudantes e professores que demandaram uma atualização para a plataforma mais utilizada no momento da observação. São estudantes e professores ávidos pela divulgação de suas ações e de suas iniciativas socioambientais.

5.3 O meio ambiente

Em uma tarde de domingo, dia 10 de abril de 2011, uma enxurrada de proporções nunca antes vista, invadiu o ICC e outros prédios da UnB. Sobraram tijolos e muito estrago no subsolo do Instituto Central de Ciências. Algumas áreas da UnB ficaram ilesas, como a Biblioteca, enquanto outras tiveram graves danos como

aconteceu com os departamentos de geografia, a pós-graduação de sociologia e o Instituto de Artes, IDA, que perderam livros e obras do acervo, arquivos e trabalhos que resultou em prejuízos irreparáveis. Alguns anfiteatros, recém-reformados, também foram gravemente destruídos. Nesses dias as aulas em toda a UnB ficaram suspensas e a Defesa Civil fechou a área para retirada da água por meio de bombas hidráulicas. Também foi feita uma análise de risco. Semelhante a isso, apenas na década de 70, quando o subsolo ficou todo alagado, segundo relato do professor Francisco Pereira (professor da engenharia civil à época), com água entrando pelas aberturas dos auditórios. A Copeve (atual Cespe), que ficava no subsolo, perdeu equipamentos e provas que foram submersas (informações no *site* do Projeto).

O trecho abaixo refere-se ao conteúdo de um *e-mail* enviado por Carolina Ramallete para o restante do grupo, que teve grande repercussão entre aqueles que já participavam com mais frequência das atividades do grupo.

Apresentação 5.10 Gente, passamos por um momento difícil na UnB. Acompanhamos de perto e nos jornais os estragos da inundação ocorrida no último domingo: Chuva derruba árvores e alaga UnB. Sugiro que nos unamos aos que já estão mobilizados participando das ações propostas e que nos encontremos essa semana para uma conversa coletiva sobre o tema. Nesses momentos críticos o valor do coletivo e seu potencial de ação despontam como forças transformadoras. Por isso, proponho que o reencontro do grupo Sustentação ocorra nesta quarta-feira, 12 de abril, às 17:30h, no gramado em frente ao SG 10 (salas de yoga/ núcleo de dança). Caso chova deixaremos aviso em frente à sala de yoga com nova localização. Levem contribuições para o lanche coletivo! E divulguem! (*E-mail*, 2011).

Foi a vez do meio ambiente lançar a pauta da próxima reunião.

Os encontros do Sustentação foram possíveis a partir de uma certa rotina de procedimentos. Quando esta pesquisa teve início, o grupo estava apenas começando. A primeira reunião foi o quarto encontro presencial ou roda de diálogo¹⁴. Até aquele momento, o procedimento era o seguinte: Carolina Ramallete enviava uma chamada aos envolvidos pedindo para que tentassem responder, participar. Essa chamada era feita em um *post*, no *Orkut* ou via *e-mail* pelo *Google groups*. Depois, mais algumas mensagens eram trocadas entre os envolvidos e ocorria o encontro.

Os primeiros encontros serviram como momentos de apresentação dos integrantes do grupo, fato que aconteceria sempre que houvesse novos integrantes e serviriam principalmente como tentativa declarada de estabelecimento de metas

¹⁴ O nome da atividade foi definido pelo grupo no segundo encontro.

comuns, de estratégias de gestão coletiva e sobre a necessidade de estabelecerem diálogo.

O que seria discutido nos primeiros encontros foi, em grande parte, influenciado pelas proposições teóricas do trabalho de pesquisa de Carolina Ramallete e também pelos direcionamentos presentes no Edital, que foram levados para as reuniões pela própria Carolina e por Mariana, funcionária do NAA, responsável pelos PACS.

A citação acima se refere ao *e-mail* convidando para o retorno das atividades após a ‘enchente’, que por algum tempo mudara a rotina do grupo. As reuniões ficaram suspensas e as atenções e esforços foram concentrados em ações que tentavam ajudar na questão da enxurrada.

Nessa reunião estiveram presentes representantes de coletivos, instituições e grupos comunitários diversos. E, após discussão trazida por Carolina Ramallete, concluíram que o coletivo Sustentação tinha potencial de formar uma rede solidária. Porém, na prática, ainda seria difícil realizar essa intenção do grupo, que foi coeso na demonstração de que gostaria de organizar-se em rede e dar continuidade aos encontros. Mas, de fato, o que se pode perceber é que ainda dependia das iniciativas de Carolina.

Apresentação 5.11 Há pouco tempo para inscrição de projetos, por isso é a hora de tirar todas as dúvidas. Mariana, da Agenda Ambiental, estará lá conosco para isso! O encontro será prático, focado no diálogo, mas também lúdico! Vamos nos reencontrar afinal! Para celebrar esse momento, haverá um lanche coletivo. LEVEM ALIMENTOS PARA PARTILHAR! Então nos vemos amanhã! 17:30h, no SG 10 ao lado da música, *campus* Darcy Ribeiro. Encaminhamento: Mobilização dos grupos socioambientais na UnB!
O novo Edital PIBEX 2011 está oferecendo 30 bolsas de extensão para projetos de cunho ambiental. O Núcleo da Agenda Ambiental convoca a todos os interessados a integrar, conhecer os projetos e/ou criar novas propostas de extensão para participarem da reunião do grupo Sustentação a ser realizada no dia 04 de maio (quarta-feira) às 17:30 horas. Local:SG-10 núcleo de Vivência (atrás do prédio de música) *Campus* Darcy Ribeiro – UnB. (Lista de *e-mails*, 2010).

Após reunião, Carolina emitiu suas conclusões e as enviou para a lista de *e-mails*, em uma estratégia para registro dos acontecimentos e divulgação àqueles que não puderam acompanhar as reuniões presenciais por algum motivo.

Cheguei cedo ao local, fui o primeiro, depois de mim chegou Carolina Ramallete e Mariana, a funcionária da NAA que iria falar sobre as ‘novidades’ no processo seletivo do Edital e sobre as bolsas de extensão para os projetos socioambientais. Participaram nove pessoas.

Mariana, funcionária do NAA, naquele momento exercia função semelhante a que Carolina exercera algum tempo antes de entrar no mestrado do CDS. Mariana foi

convidada por Carolina para representar o NAA atuando como ponte direta de diálogo entre os representantes dos projetos socioambientais vinculados ao Edital. Sua presença também foi apontada como chance de esclarecimento do novo formato de vínculo e cadastro dos PACS junto ao DEX. Mariana mostrou-se disposta a dialogar, a responder perguntas e teve um momento de fala especial, pautado no *e-mail* de convite. Outras pessoas falaram sempre que pretendiam. Sentados em forma de círculo recebiam informações ‘mastigadas’ sobre o que girava em torno do Edital e do processo seletivo. Para aqueles que estavam lá e que gostariam de participar de projetos de extensão relacionados à temática socioambiental ficou o convite para que concorressem a bolsas de extensão do DEX.

Mariana alertou que seria importante conhecer e contatar os projetos existentes, detectar as vagas disponíveis e inscrever-se para participar da seleção que ocorreria no dia 13 de maio. Naquela data havia trinta bolsas de extensão reservadas para projetos ambientais no Edital PIBEX em vigor, mas apenas para projetos já em andamento, então a única forma de garantir a contrapartida da bolsa seria por meio da participação em projetos já em andamento. O Sustentação era tratado como o espaço que poderia funcionar para o contato inicial entre as partes interessadas. Tanto que um dos resultados dessa reunião foi o mural da Sustentabilidade, no qual estavam as informações de todos os grupos participantes daquela reunião e de outras.

Sexta-feira, 20 de maio de 2011, 18 horas e 30 minutos, jardim da UnB, em frente ao SG10 entre a faculdade de música e o C.A de engenharia florestal. Mais uma reunião do espaço-grupo Sustentação e o convite foi feito por Carolina Ramalhete, via *e-mail*:

Apresentação 5.12 Amanhã teremos novo encontro para falar de sustentabilidade socioambiental no *campus* Darcy Ribeiro, UnB. Um dos temas do encontro é a articulação dos atores e projetos socioambientais em rede. Temos potencial de construir uma rede solidária? O que significa isso, na prática? Outro ponto de pauta do interesse de muitos são as novidades no Edital da Agenda Ambiental. Há pouco tempo para inscrição de projetos, por isso é a hora de tirar todas as dúvidas. Mariana, da Agenda Ambiental, estará lá conosco para isso! O encontro será prático, focado no diálogo, mas também lúdico! Vamos nos reencontrar afinal! Para celebrar esse momento, haverá um lanche coletivo. LEVEM ALIMENTOS PARA PARTILHAR! (Lista de *e-mails*, 2010).

Alguns dos presentes à reunião chegaram de bicicleta e naturalmente, sem esperar por qualquer tipo de coerção, as estacionaram dentro da sala, em uma espécie de

jardim de inverno. Um deles era o Yuriê, amigo meu de outras datas e um dos precursores do movimento Bicicleta Livre.

Chegavam e sentavam em círculo e a primeira a falar foi Carolina Ramallete, que abriu a reunião. O primeiro momento serviu para que cada um dos presentes pudessem se apresentar. Boa parte dos que estavam lá já eram conhecidos dali, mas como a rotatividade dos presentes nas reuniões era alta, tornou-se rito obrigatório esse primeiro momento. Depois dessa ‘recepção-apresentação’ sua iniciativa foi repassar a pauta e sugerir um caminho pelo qual o grupo pudesse segui-la.

Mariana, funcionária da NAA, estava presente e colocou-se à disposição de todos para sanar dúvidas sobre as novidades que cercavam o lançamento da última versão do Edital.

A reunião ocorreu em formato de dinâmica, utilizando cartolina e canetinha, dividindo os participantes em grupos e cada grupo deveria produzir uma cartolina com desenhos, textos, palavras ou quaisquer outras coisas que lembrassem a gestão coletiva. Depois cada grupo apresentaria sua cartolina e explicaria suas ideias. Após a dinâmica seguiu-se um debate.

Uma das presentes era novata nas reuniões e tinha chegado por convite da professora Dione Moura, frequentadora assídua das reuniões, Camila Cortopassi era estudante de comunicação social, em estágio final do curso. Logo ao apresentar-se disse que estava empolgada e que ouvira falar muito bem do espaço-grupo Sustentação. Afirmou que gostaria de ajudar e que estava ali para fazer algumas propostas.

Antes de reunir-se com o espaço-grupo, Camila já havia procurado a professora Dione Moura e Carolina e as questionado sobre como participar do grupo e do trabalho que vinha sendo feito. Então, no dia da reunião, ela estava ali para apresentar sua proposta para o restante dos participantes e disse que gostaria de colocar o Sustentação como tema de seu trabalho final de conclusão de curso.

Ela se propunha a elaborar o formato e os textos de apresentação de cada um dos projetos socioambientais que já tivessem passado pelo Sustentação e reuni-los em um *blog* que serviria para apresentá-los, registrar ações e convidar as pessoas para eventos futuros. De acordo com a proposta que fez ao espaço-grupo, sua intenção era reunir as informações necessárias para a divulgação dos projetos e começar a definir e firmar alguma identidade do grupo.

O sentido da proposta de Camila, naquele momento, era ampliar o alcance das propostas e ações do Sustentação, como o lugar para a reunião do maior número

possível de agentes ligados à gestão socioambiental e também da reunião deles em um projeto comum. O *blog* daria unidade e facilitaria o acesso aos projetos.

A proposta foi prontamente aceita pelo grupo. Camila pediu a todos que reunissem fotos, vídeos e textos informando sobre cada um dos projetos e pediu o contato dos presentes. Depois de alguns dias ela me adicionaria no MSN. Logo ela utilizou o *Messenger* para arguir sobre minha ligação com o grupo e sobre o meu projeto, o 7saberes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda são gastas grandes quantidades de papel, combustível, água, luz e tantos outros insumos não renováveis para que sejam formados os profissionais do futuro. Conclui-se que a UnB esteja no caminho para consolidar muitos dos ideais e princípios apresentados em todos os documentos com os quais concorda como instituição. Entretanto, ainda está bem distante, apesar de todas as iniciativas administrativas e organizacionais com as quais esteve trabalhando ao longo dos últimos 25 anos. Ainda assim, este trabalho apresentou mapas e narrativas que descrevem associações entre as entidades que constroem a UnB Sustentável. Esses mapas são de associações e são pontos de partida para outras pesquisas, pois apresentam algumas associações, descrevem algumas delas que parecem fortes e que deixaram rastros evidentes, outras nem tanto, e é a partir desse ponto que são possíveis novos desdobramentos.

A grande questão conclusiva deste trabalho diz mais respeito ao método do que ao objeto trabalhado. Realmente a Universidade não é sustentável. A sustentabilidade é um processo aberto, em constante redefinição e elaboração. Ela é feita a partir de ações cotidianas, tanto quanto a partir de documentos e leis, sendo preciso acompanhar as entidades que fazem a sustentabilidade para entendê-la. Devido ao acompanhamento e desenrolar de certos processos a partir de um método positivo e explorativo como a ANT, pode-se chegar às conclusões deste estudo. Se não se pode dizer que ela é sustentável, também não se pode afirmar o contrário. O ideal a ser defendido, com os argumentos e material apresentados, é que se opta por acompanhar a sustentabilidade que é feita na Universidade, deixando de lado a opção de estabelecer os motivos e causas que ainda não deixam que se chame, sem qualquer receio, a Universidade de Brasília de ‘sustentável’.

Acredita-se que a narrativa sirva para delinear os efeitos das associações descritas enquanto tenta identificar como a ‘Universidade de Brasília sustentável’ constitui-se a partir das influências e das relações estabelecidas entre entidades heterogêneas. Para isso foram apontados, ao longo da dissertação, características e encontros das ações e iniciativas dos envolvidos com o espaço-grupo Sustentação – entidade que se constitui em relação a um amplo e longo processo de ativação e mobilização de redes que a pesquisa documental permitiu desvendar, de um lado; e também por um processo de ativação e mobilização de novos *actantes*, com uma temporalidade mais recente e laços mais estáveis, de outro.

Considera-se a ‘situação’ como o momento no qual estão reciprocamente orientadas as entidades envolvidas na resolução de controvérsias, sendo que essas entidades são todos aqueles que de alguma forma deixam marcas nessas resoluções. Aqui se afirma que os sujeitos envolvidos agem de acordo com as associações das quais fazem parte, por exemplo, hora jovem, hora ambientalista, estudante, funcionário, hora meio de comunicação entre os de cá e os de lá.

No trabalho de campo atentou-se para algumas questões: Como as entidades alcançam seus objetivos? Como o lugar – UnB ou *Facebook* – está associado ao formato de suas ações? Que tipo de engajamento foi encontrado ao investigarem-se as ações para a configuração da rede? Como se dá a existência coletiva do grupo nas mãos de seus participantes? Quais os métodos que vêm elaborando para manter as atividades e fazerem isso, associados? Quais as principais questões que definem a forma como essas associações se estabilizam?

Para essas perguntas foram compostas algumas respostas: Cada entidade teve uma maneira de alcançar seus objetivos, por exemplo, o Edital foi lançado na Internet, em panfletos espalhados pela UnB e mobilizava os projetos qualificando-os para uma parceria de um ano. Carolina Ramallete alcançava-os chamando os integrantes, mobilizando-os, instigando o debate, criando o espaço de encontro e as dinâmicas que os conectavam. O alinhamento dessas entidades é uma exigência que precede a todas àquelas iniciativas, pois dialogam com documentos e movimentos da década de 90.

As associações acompanhadas são tão diversas como as entidades que as compõem. Algumas delas, por exemplo, o espaço-grupo Sustentação, estabilizou-se como um local de encontro e um grupo de pessoas comprometidas com a missão de construir uma rede de articulação que trabalhava com a sustentabilidade dos *campi* da UnB, a partir de ações socioambientais. Foram necessárias plataformas virtuais para tornar mais práticas algumas decisões, como por exemplo, hora e data das próximas reuniões, por meio de enquete. Outras associações estão estabilizadas de outras formas, por exemplo, o Edital, que está amparado por uma série de documentos e acordos, associado a um órgão administrativo da Universidade e que já se encontrava, até o fim da pesquisa, em sua terceira versão. Resumindo, o espaço-grupo estabiliza-se por meio do interesse de algumas entidades e de seus esforços cotidianos para encontrar e trocar conhecimentos e outros valores. Já o Edital estabiliza-se por meio de medidas administrativas de amplo alcance, documentos e regimentos, que, inclusive, resguardam

sua viabilidade financeira. O primeiro pareceu uma questão de interesse, enquanto o segundo uma questão de administração.

O resultado é um trabalho feito a partir da consideração da instabilidade relativa das relações e formas de interações sociais, sendo também um estudo que pode descrever algumas das relações entre sociedade e meio ambiente na UnB, formatos de ação de um grupo de estudantes, professores e funcionários que tentam iniciar um espaço-grupo, um lugar comum, para o encontro, o debate, formulações e divisão de tarefas entre os envolvidos de alguma forma no debate e nas ações ambientais da UnB.

Procurou-se apresentar, a partir dessa etapa do trabalho, algumas características e processos associativos que definem, por ora, a UnB sustentável, ou seja, quem vem fazendo sustentabilidade na Universidade de Brasília. A partir da identificação de algumas entidades pôde-se entender mais a questão e, descentralizando cada uma delas, chegou-se a muitas outras.

Esta pesquisa acompanhou as ações e encontros do grupo que se constituiu a partir do esforço inicial de Carolina Ramallete e de sua pesquisa, enquanto tentava realizar, na prática, a gestão coletiva da questão ambiental dos *campi* da UnB a partir de um local e uma rotina de encontros e debates sobre meio ambiente e sustentabilidade. Ficou clara a grande importância de seu trabalho para iniciar os encontros e manter certa coerência entre uns e outros durante as atividades do espaço-grupo Sustentação. Procurou-se entender o objeto de pesquisa a partir de experiência etnográfica e também se verificaram documentos e acordos internacionais que só foram possíveis acessar por meio de pesquisa bibliográfica, somente sendo pesquisados quando apareceram nos discursos e ações dos envolvidos. Por esse motivo não houve interesse em seguir procedimentos tradicionais na área de estudos dos movimentos sociais ou da democracia e tampouco comparar realidades sociais. Entende-se que as ‘categorias’ explicam alguns dos elementos que estão associados àquilo que se considera o objeto de estudo desse trabalho, mas não todos.

Carolina Ramallete, mestre pelo CDS, apresentou sua pesquisa-ação com o objetivo de articular os projetos vinculados ao Edital em forma de rede solidária. Traduziu a ideia de rede solidária do Edital para os estudantes e professores e sugeriu ações nesse sentido com a utilização de plataformas virtuais, trocas de saberes e rodas de diálogos itinerantes. Suas ações estiveram voltadas para a UnB sustentável na tentativa de mobilizar ações cotidianas. Carolina usou abordagens da comunicação traduzidas em práticas, oficinas e vivências. Dialogou com professores e os convidou a

participarem das reuniões e outros eventos do espaço-grupo Sustentação. Apresentou os resultados de sua pesquisa aos envolvidos com o grupo e ainda ofereceu ajuda caso programassem a continuação da iniciativa mesmo após a conclusão de sua pesquisa. Foi ela quem organizou o primeiro encontro dos projetos, pois esses vinham agindo de forma isolada. Ela, então, iniciou os diálogos e colocou os envolvidos nos projetos frente a frente e, com o passar do tempo, apresentou-lhes os princípios e diretrizes do projeto.

Sustentabilidade é uma fonte duradoura de controvérsias, discursos, práticas, interesses, acordos, leis, documentos e outros. É um híbrido ambiental, social e econômico, que vem sendo constituído ao longo de muitos anos e que já passou por muitas rupturas e tantas outras continuidades. Não se resolve. Percebe-se que os documentos a abordam de maneira diferente, por exemplo, a inclusão de novos temas trabalhados ou de novas iniciativas. Buscou-se compreendê-la a partir do que ela representa para os documentos da UnB usados neste estudo. O caminho para a sustentabilidade ainda vem sendo construído. A sustentabilidade aparece, para alguns dos que participam dos encontros e reuniões, como um projeto coletivo e complexo. Um projeto de ‘toda a sociedade’. Conectar os diversos projetos parece a oportunidade de somar esforços no mesmo sentido. Fazer sustentabilidade, pelo que se percebe, é falar sobre ela, é estudar sobre ela, é conhecer novas atitudes, outras pessoas, novos trabalhos. É feita com um apego muito grande à questão da mudança de hábitos pessoais e coletivos, como aconteceu no espaço-grupo Sustentação em suas reuniões que valorizavam o contato com áreas externas, jardins e rodas de diálogos.

A Universidade de Brasília é o ponto de encontro das entidades, é o tema de destaque das discussões do espaço-grupo Sustentação, o berço das ideias, por meio de suas políticas, do DEX, do NAA, com o Edital e com as bolsas que oferece. Garante, como instituição, que as proposições fundamentais e globais da Agenda 21 sejam respeitadas e consideradas em suas políticas, programas e editais, como o Edital ‘Mostre seu amor pela UnB’. Esteve representada nas reuniões também por funcionários do NAA. É o destino das ações sustentáveis.

O espaço-grupo Sustentação foram os ‘ambientalistas’ procurados. Teve grande dificuldade para manter suas atividades e suas ações estiveram sempre muito dependentes das ações de Carolina Ramallete. Ela mesma admitiu ter tido dificuldade para mobilizar os envolvidos e passar a eles as responsabilidades de gestão do grupo. Os que estiveram envolvidos com o grupo são boa parte dos que estão envolvidos com a

sustentabilidade na UnB. São os que trabalham com sustentabilidade e que estão empenhados, além de seus projetos, com a construção e fortalecimento desse espaço. Alguns são estudantes da UnB, alguns são ex-alunos, outros são professores, alguns funcionários do Decanato de Extensão e alguns se definem apenas como simpatizantes da ideia. O tema que centraliza as outras discussões está vinculado com a construção e a continuidade de um espaço-grupo de encontro que atue em prol da gestão coletiva da questão ambiental da UnB. Consolidar o espaço-grupo de encontro, favorecendo a articulação das ações dos projetos da comunidade acadêmica da Universidade de Brasília, aparece como missão imprescindível ao tema da sustentabilidade.

As ações dos envolvidos com o espaço-grupo Sustentação estiveram associadas à tentativa de encontrar uma maneira para desenvolver uma forma de gestão coletiva e de troca entre seus projetos e sobre as ações sustentáveis de maneira mais geral até a questão de sustentabilidade social e política. Essa forma de gestão tinha os moldes iniciais apontados pelo Edital, mas foram ‘traduzidos’ por Carolina Ramallete, enquanto o espaço-grupo Sustentação se constituía como ator-rede principal. As reuniões e a comunidade do *Facebook* eram pontos de passagem obrigatórios que possibilitavam dialogar, argumentar, aprender e trocar conhecimento sobre questões ambientais, formas de diálogo e organização de grupos, eventos e oportunidades na própria universidade.

É importante ressaltar que o espaço-grupo mostrou-se profícuo como campo de pesquisa porque estava em pleno processo de construção, estabelecendo muitas associações recentes. Elaborou-se uma proposta prática para alcançar a gestão coletiva da sustentabilidade na UnB (constituir um espaço de diálogo, debate e troca de informações em prol da sustentabilidade nos *campi* da UnB), o que se considera uma inovação na relação UnB e meio ambiente. Suas principais atividades aconteciam na própria UnB (*campus* Darcy Ribeiro, principalmente). Os temas que motivavam as ações desses indivíduos e que os conectavam (plataformas virtuais, gestão coletiva, sustentabilidade, burocracia e financiamento) são atuais e bem próximos das temáticas que mais interessavam à sociologia – a saber: modernidade, vida urbana, tecnologias da informação, sociabilidade, meio ambiente, entre outros. Considera-se que os elementos presentes nas situações são visivelmente heterogêneos: (Universidade, funcionários, estudantes, professores, Edital, documentos e acordos internacionais, dinheiro público, entre outros).

Percebem-se os resultados dessas associações porque foi a partir delas que aconteceram reuniões entre alunos e professores, entre alunos e alunos, encontros entre documentos e princípios e estudantes, bolsas de pesquisas e documentos internacionais, documentos internacionais e órgãos administrativos, entre NAA e estudantes.

Considera-se o Edital ‘Mostre seu amor pela UnB’ como um grande mobilizador das ações daqueles indivíduos em seus projetos, claro, mas é também importante agente para a reunião desses em um espaço-grupo como tal, pelas proposições dos princípios, demandas e discussões. É um dos responsáveis pelos encontros do grupo e uma forma de associação entre os projetos e a Universidade, por meio de bolsas, princípios e diretrizes e formatos de ação institucionalizados, como as prestações de contas e o cadastro no sistema. Nas ações do espaço-grupo, o Edital é a palavra da instituição, a burocracia, o cadastro e a necessidade de relação com documentos, prazos e regras gerais. O Edital sintetiza a ligação da Universidade de Brasília com a Carta da Terra, com a Agenda 21, com a legislação ambiental do Brasil, com as novas tendências e ideias, inclusive nas questões de políticas públicas e de ações governamentais em relação à sociedade civil.

Identificou-se a tentativa de resolução de certas controvérsias – por exemplo, o significado de ‘rede’, de ‘sustentabilidade’, de ‘gestão coletiva’ – que são componentes da trama articulação-sustentabilidade ou UnB-meio ambiente. Essas controvérsias são processos pelos quais estão construindo a representação do espaço-grupo Sustentação e os norteadores para a forma como o organizam. Essas controvérsias ainda estavam em aberto até o final desta pesquisa. Encontram-se muito bem definidas em documentos e programas, mas continuam sendo de difícil realização prática. Durante a pesquisa, foram acompanhadas as ações para delinear o que seria a gestão coletiva, por exemplo, e observou-se como elas articularam-se pelas redes sociais, como dialogaram por e-mails e como tentaram fazer as reuniões de forma itinerante, e assim fizeram.

É importante perceber que o Núcleo da Agenda Ambiental da UnB é resultado da associação de muitos elementos e, finalmente, para este trabalho, importa a capacidade de fazer mover e de deixar rastros sobre as situações verificadas nos últimos meses. Importa porque há um corpo de funcionários, funcionamentos, normas administrativas, documentos, eventos, decisões políticas e outros que desencadeiam um dos lados da controvérsia com a qual se lida aqui, em torno do significado e das ações para a sustentabilidade e para a gestão coletiva dos *campi* da UnB. As diferentes agências que a constituem estão articuladas em função da relação Universidade e meio

ambiente. É a partir dessa entidade que a Universidade tenta cumprir seus compromissos com a sustentabilidade e com o desenvolvimento sustentável. Essas associações, conforme mostrado no trabalho, deixam ‘rastros’ nas ações de estudantes, professores e funcionários, mas, sobretudo deixam marcas no cotidiano da UnB, colocando o cuidado e o tratamento com as questões ambientais em primeiro plano. Daí resultam políticas, programas, fóruns, congressos, seminários, entre outros.

Entende-se que as entidades observadas estiveram organizadas pela capacidade mobilizadora de uma estudante de mestrado e por um Edital, que coloca a UnB como signatária de acordos internacionais, tendências contemporâneas e paradigmas. Investir em ações socioambientais torna-se imperativo para a Universidade e, da mesma forma, para sua comunidade. Os vários elementos, temporalidades e entidades que definem e (re)definem sustentabilidade e desenvolvimento sustentável atingem um número considerável de outros atores. A sustentabilidade torna-se transportável por meio de documentos, eventos, pesquisas, propagandas, entre outros. O Edital confere qualidade e motivação aos atores por meio de um processo seletivo que distribui bolsas para projetos sustentáveis.

O espaço-grupo foi chamado de Sustentação durante toda a narrativa, porque seus integrantes assim o consideravam, um lugar para ir e pessoas com as quais compartilhar e aprender. Elaboraram-se diversos métodos para que continuassem associados, o transferiram do *Orkut* para o *Facebook*, fizeram reuniões em horários variados, buscaram ocupar a UnB, divulgar suas ações, entre outros. O NAA enviou funcionários às reuniões. A sustentabilidade chegava das mais diferentes maneiras, por meio de notícias, eventos e outros.

Este trabalho, quando precisou ser redigido e ‘finalizado’, acabou sendo um estudo que fala sobre a criação do Núcleo da Agenda Ambiental da UnB e sobre os alinhamentos dessa mesma Universidade com a Carta da Terra e com a Agenda 21 global e nacional, documentos regentes de políticas e programas socioambientais. Esses processos de alinhamentos culminam em um elemento marcante desta pesquisa, que é o lançamento do Edital ‘Mostre seu amor pela UnB’, no ano de 2007. Pode-se dizer, também, que este trabalho aborda ações e práticas que alguns indivíduos desenvolveram para tomar conta ou participar de alguma forma de projetos ambientais como o Néscau, o Projete, o Tome Consciência, o Tupã, o Pare pense e recicle, entre outros, no momento em que tentam construir um espaço-grupo para encontro desses projetos, das ideias, em um lugar para o diálogo, para a troca.

Foi preciso uma pesquisa sobre a questão ambiental e gestão coletiva na Universidade de Brasília, pois essas questões são consideradas tanto pano de fundo, quanto agentes da situação estudada. Foi preciso recorrer a alguns enfoques das ciências sociais sobre essas questões a fim de ampliar o escopo de elementos passíveis de observação. Foi dedicada atenção para: a complexidade dos elementos sociais, humanos e não humanos e para a inter-relação de grupos, argumentos e lógicas de ação diferentes, por exemplo, um departamento da Universidade e um grupo de jovens estudantes; para a heterogeneidade das agências, por exemplo, o Edital e a página do *Facebook*; e para o constante processo de construção e rearranjo entre as entidades que compõem essa situação estudada.

Este trabalho apresenta como esses indivíduos e seus projetos estiveram associados para discutir e articular ações, princípios e diretrizes dos quais a Universidade toma partido já há algum tempo. Falar sobre sustentabilidade e gestão coletiva, e propor ações nesse sentido, não implica, necessariamente, em um caminho único e certo para concretizá-las. É preciso fazê-la na prática. Entendeu-se a sustentabilidade e a gestão coletiva dos *campi* como uma controvérsia. De um lado as ações desses indivíduos enquanto tentavam construir um espaço-grupo de articulação para essas questões e, de outro, o Edital com seus princípios e diretrizes. Ou seja, significa dizer que foi escolhido o momento em que os indivíduos se reúnem para articular em prol da sustentabilidade e da gestão coletiva e entendê-las em relação com o Edital, que de certa forma, marca suas ações. Não foi dada ênfase às ações ambientais de cada um dos projetos, quando executados. A UnB, como exemplo, apareceu múltipla, remarcando a cada um dos envolvidos de distintas maneiras, em distintas situações, no quadro estudado, é tanto burocracia, como é estudantes, como é o lugar, o espaço físico do encontro, tem o novo, a pressão e a imperfeição dos estudantes e tem a distinção em cadastros, fichas, princípios e documentos das organizações burocráticas mais elementares. Este trabalho pôde observar essas múltiplas agências associadas por meio das controvérsias em torno da sustentabilidade e da gestão coletiva dos *campi* da UnB.

O espaço-grupo Sustentação é um fenômeno importante e visível das tentativas de uma gestão coletiva socioambiental, no qual se identifica a produção de projetos, ideias e compromissos mutuamente constituídos, mesmo que se trate de um processo dinâmico de formação e rearranjo de associações.

Este trabalho acompanhou a formação de um espaço-grupo da UnB, por meio de etnografia, acompanhando seus encontros, suas falas, seus comportamentos, o conteúdo de suas discussões e as relações de poder. O fundamental desta pesquisa é a forma como tenta interpretar os fenômenos. A forma de observar é procedimento consagrado de pesquisa em ciências sociais e mostra-se como uma das maiores contribuições dessa área do conhecimento para as outras áreas. Não se buscou compreender o objeto escolhido a partir de um estudo comparativo. Não foram verificadas as pré-noções de categorias e conceitos que podem ser comprovadas na realidade. Apostou-se que a descrição é parte de uma teia de relações que só justifica-se a partir dela mesma e que, ao mesmo tempo, extrapola porque pode reunir diferentes temporalidades e diferentes formas de agência. O método etnográfico é justo, tanto na forma como recolhe dados, enquanto acompanha atores e entidades, quanto na forma como trata os objetos de estudo, sendo que eles são os mais importantes no entendimento do contexto que vivem.

Este trabalho considerou o cotidiano do espaço-grupo, acompanhando a forma como organizavam suas ações e estabeleciam certas características descritas no estudo. Isso foi feito buscando tudo o que deixava rastro nesse contexto. Tudo aquilo que é capaz de mover-se e fazer mover.

Durante a pesquisa foi possível perceber que diante das exigências e acordos internacionais e da própria estrutura organizativa no nível das instituições federais e estaduais e municipais, criando leis, órgãos e garantindo alguma continuidade, o estado brasileiro tem se comprometido com muitas das disposições do contexto da Agenda 21. No caso da UnB, instituição de ensino e pesquisa pública federal, são pelo menos 17 anos de uma série de discussões e ações nesse sentido, realizando eventos, palestras, tendo participação dos estudantes, funcionários, professores, conhecimento científico e acadêmico.

Pôde-se perceber, a partir deste trabalho, que hoje em dia a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável incluíram novos atores, novas questões e ganharam outras funções na sociedade. O próprio desenvolvimento econômico e social contribui para a invenção e percepção de outras necessidades, de acordo com as diferentes gerações e para as diferentes culturas. Houve a tentativa de se descrever as trocas, na qual a atenção foi dada a gestos da vida cotidiana, considerando os microprocessos de construção social dos fatos. Algumas das entidades que participam da rede puderam redefinir-se a qualquer momento, enquanto outras se mostraram mais estáveis. Assim,

deve-se consolidar o empírico como a articulação de diferenças e de construção de significados por conexões estabelecidas em situações de controvérsia.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CALLON, Michel. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay. In: LAW, John. **Power, action and belief: a new sociology of knowledge?** London Boston: Routledge & Kegan Paul, 1986. p.196-223. Disponível em <http://unesco.sciences-po.fr/com/moodledata/3/Callon_SociologyTranslation.pdf>. Acesso em junho de 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

EDITAL Mostre seu amor pela UnB, 2010.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.118, p.189-205, mar. 2003.

LATOUR, Bruno. **Networks, societies, spheres**: reflections of an actor-network theorist. In: International Seminar on Network Theory: network multidimensionality in the digital age. Los Angeles: Annenberg School for Communication and Journalism, 2010. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/121-CASTELLS-GB.pdf>> Acesso em dezembro de 2011.

LATOUR, Bruno. **Some experiments in art and politics**. 2011. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/some-experiments-in-art-and-politics/> Acesso em novembro de 2011.

LATOUR, Bruno. **An attempt at a “compositionist manifesto”**. New Literary History, 2010. v. 41: p.471-490. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/120-NLH-GB.pdf>> Acesso em novembro de 2011.

LATOUR, Bruno. To modernize or to ecologize? That’s the question. In. CASTREE N. and WILLEMS-BRAUN B. (eds) **Remaking reality**: nature at the millennium. London and New York: Routledge. 1998, p. 221-242. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/73-7TH-CITY-GB.pdf>> Acesso em fevereiro de 2012.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social**: an introduction to actor-network-theory. Oxford: Oxford University Press. 2005.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000. 438 p.

LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza:** Como fazer ciência na democracia. Bauru: EDUSC, 2004.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório:** a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora:** ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: EDUSC, 2001.

LAW, John. **Aircraft stories:** decentering the object in technoscience. Durham, North Carolina: Duke University Press, 2002.

LAW, John. **Organizing modernity.** Oxford: Blackwell, 1994.

LAW, John. **After method:** mess in social science research. London: Routledge, 2004.

LAW, John; HASSARD, John (eds). **Actor network theory and after.** Oxford: Blackwell, 1999.

LAW, John (ed). **Power, action and belief:** a new sociology of knowledge? Sociological Review Monograph, 32, London: Routledge and Kegan Paul, 1986.

LAW, John. **Notes on the theory of the actor-network:** ordering, strategy and heterogeneity. Centre for Science Studies: Lancaster University, v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992. Disponível em: <<http://www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/law-notes-on-ant.pdf>>. Acesso em: dezembro de 2011.

MEAD, George H. **Espíritu, persona y sociedad (1934).** Buenos Aires: Paidós, 1972.

RAMALHETE, Carolina V. **Diálogos em redes solidárias:** tecendo conexões socioambientais na UnB. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação do Centro de Desenvolvimento Sustentável, Brasília, 2011.

REDCLIFT, Michael R. **Desenvolvimento sustentável (1987-2005) – um oxímoro atinge a maioria.** London: King's College, 2012. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2012/02/23/desenvolvimento-sustentavel-1987-2005->

um-oximoro-atinge-a-maioridade-artigo-de-michael-r-redclift/>. Acesso em julho de 2012.